

Arteterapia: Reflexões

Ano X • n.º 9 • 2023

Revista do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae



[Handwritten signature]

Arteterapia: Reflexões é uma publicação do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

Ano X ▪ n. 9 ▪ 2023

ISSN: 1414-6223

Equipe editorial: Regina Aparecida dos Santos, Selma Ciornai, Marcela Mayumi Gomes Kitayama e Nair Hitomi Kayo

Conselho editorial: Ana Alice Francisquetti, Eloisa Q. Fagali, Iraci Saviani, Leila Nazareth, Maria Alice do Val Barcellos, Maria de Betania P. Norgren, Neide Alessandra Giordano, Selma Ciornai, Tereza Cristina P. Ajzenberg, Vera Maria R. Ferretti

Edição de textos: Nair Hitomi Kayo

Apoio técnico: Iara Simonetti Racy

Capa: Maria Alice do Val Barcelos
(*Pinheiros*. Tinta acrílica e folha de ouro aplicada, tela)



Instituto Sedes Sapientiae

Rua Ministro Godói, 1484

Perdizes 05015-900

São Paulo-SP Brasil

(11) 3866-2730

www.sedes.org.br

sedes@sedes.org.br

SUMÁRIO

Editorial	3
<i>Kintsugi e Wabi-sabi</i> para arteterapeutas	4
Angélica Shigihara	
Ateliê Arteterapia em CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial – álcool e drogas)	30
Iraci Saviani	
Arteterapia é coisa séria: será?	44
Maria de Betânia Paes Norgren, Fabíola Mancilha Junqueira, Marcela Mayumi Gomes Kitayama, Valeria Carelli Ferrari	
Em tempos de pandemia	58
Selma Ciornai	
Conta de novo, conta outra vez... a arte de contar histórias para a primeira infância	67
Alessandra Giordano	
Caminhando e criando com espiritualidade em arteterapia...	86
Maria Alice do Val Barcellos	
Ressignificações sobre o encontro da Arteterapia com a Psicopedagogia: cuidados éticos nas trocas multiprofissionais e abordagem transdisciplinar	91
Eloisa Quadros Fagali	
A arte de cuidar	100
Ana Alice Francisquetti	
Entrevista com Ana Alice Francisquetti	112
Iara Simonetti Racy	
Processo em Arte Digital	117
Iara Simonetti Racy e Natália Pieczarka	
Esta <i>live</i> a Revista indica!	119
Normas de publicação	122

Editorial

A Arteterapia no Brasil está cada vez mais conquistando novos espaços e se consolidando. Contribuindo com essa caminhada, é com muita satisfação que a revista **Arteterapia: Reflexões** é relançada! O primeiro número da revista, modelo impresso, foi lançado em 1995. Ao longo desses anos, todos os números trouxeram contribuições importantes, mostrando maneiras de trabalhar a arte de forma terapêutica em diferentes contextos, com embasamento teórico e vivencial.

Os tempos foram mudando, novas perspectivas vão surgindo para nossa revista, e agora em 2023 estamos na versão *online*, com um novo corpo editorial, acolhendo antigos e novos colaboradores.

Nesta primeira publicação *online*, queremos homenagear as professoras do Curso de Especialização de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae e a co-coordenadora do Curso em Porto Alegre, publicando artigos de algumas delas. Essa equipe vem há muitos anos dedicando todo o seu conhecimento para a formação de arteterapeutas. São elas: Eloisa Q. Fagali, Iraci Saviani, Leila Nazareth, Maria Alice do Val Barcellos, Maria de Betania P. Norgren, Neide Alessandra Giordano, Selma Ciornai, Tereza Cristina P. Ajzenberg, Vera Maria R. Ferretti, e as professoras convidadas Ana Alice Francisquetti, Mônica Guttmann e Angélica Shigihara, co-coordenadora do curso de formação em Arteterapia no Infapa, Porto Alegre, de 2000 a 2022.

A revista **Arteterapia: Reflexões** tem história. É fruto de uma árvore de raízes profundas, que cresceu no tempo fertilizado. Fruto que, desejamos, transforme-se em sementes de partilha do saber, estímulo ao aprendizado e à reflexão da prática profissional.

“De modo que o meu espírito

Ganhe um brilho definido

Tempo, tempo, tempo, tempo

E eu espalhe benefícios

Tempo, tempo, tempo, tempo”

(Oração ao tempo, Gilberto Gil)

Aproveitem a leitura.

Regina Santos

Marcela Kitayama

Nair Hitomi Kayo

Kintsugi e wabi-sabi para arteterapeutas

Angélica Shigihara¹

Resumo: Este trabalho compartilha os princípios da Arte e da Cultura Japonesa através da filosofia do *wabi-sabi* e da técnica *kintsugi*, de restauro de peças de cerâmica com ouro. Destaca sua aplicabilidade no atendimento arteterapêutico por favorecer o autoconhecimento e a compreensão em situações de trauma, conflitos, perdas afetivas e físicas, situações difíceis ou dolorosas. Viabiliza a ressignificação de cada passo no processo de criação e nas releituras do fazer e do resultado plástico. Pode ser utilizado em diferentes suportes e materiais.

Palavras-chaves: *Wabi-sabi*, *kintsugi*, Arteterapia, Trauma.

Abstract: This work shares the principles of Japanese Art and Culture through the *Wabi-sabi* philosophy and *Kintsugi*'s technique of restoring ceramic pieces with gold. It highlights its applicability in Art Therapy care as it favors self-knowledge and understanding in situations of trauma, conflicts, emotional and physical losses, difficult or painful situations. It makes possible the re-signification of each step in the creation process and the re-readings of the making and the plastic result. It can be used on different supports and materials.

Keywords: *Wabi-sabi*, *kintsugi*, Art Therapy, Trauma.

Introdução

Sensibilizada pela minha origem ancestral japonesa (sou *sansei*, a terceira geração) e pela própria observação de meus trabalhos artísticos, tanto no uso de determinados materiais e nos aspectos compositivos, senti necessidade de me aproximar da estética oriental, da cultura japonesa e dos princípios filosóficos do zen-budismo e do *wabi-sabi*. Destaco alguns dos conceitos como a impermanência, a imperfeição, a incompletude, a simplicidade, a presença, o estar aqui e agora, a atenção plena e a compaixão. Essas leituras e indagações me levaram a descobrir e estabelecer possíveis aplicabilidades como arteterapeuta. Assim, compartilho os resultados da integração desses conceitos da filosofia relacionados à técnica japonesa do *kintsugi* em contexto arteterapêutico, principalmente no que se refere à experiência da criação e do processo de quebra e recomposição de um objeto.

¹ Arteterapeuta. Co-coordenadora, professora e supervisora da formação em Arteterapia do Infapa – Porto Alegre, de 2000 a 2022

Minha arte foi realmente minha inspiração. Ao fazer a leitura de meus trabalhos em conjunto e observar algumas características de minhas aquarelas realizadas desde 1990 até 2014 e os objetos produzidos posteriormente chamados de “Homenagens” (nos quais incluo tecido, madeiras desgastadas pelo tempo e pelo mar, linhas de seda e vidros), descubro que as linhas provocadas pelo pingo espalhado no papel (Fig. 1 e Fig. 2) têm formas semelhantes à ferida da madeira que se destaca com linhas enroladas (Fig. 3) e ao trabalho de *kintsugi* (Fig. 4) na peça utilizada como protótipo para o minicurso sobre *kintsugi* no Congresso Brasileiro de Arteterapia em Belo Horizonte, de 2022.



Fig. 1 Aquarela, 1992.



Fig. 2 Aquarela, 1997.



Fig. 3 Objeto, 2018.



Fig. 4 Kintsugi, 2022.

Assim, na busca da essência de minha expressão, encontro subsídios teóricos na estética japonesa e confirmo minha identidade como arteterapeuta.

Pesquisas teóricas

Kintsugi está intimamente ligado ao pensamento do zen-budismo e à estética do *wabi-sabi*.

Ideais e princípios do zen-budismo

Entre os vários princípios do zen-budismo, gostaria de destacar quatro aspectos: o sofrimento, as quatro nobres verdades, a insubstancialidade e a impermanência.

Para o zen-budismo, todo **sofrimento**, insatisfação, dor ou tristeza surge do apego. Toda afeição emerge da nossa necessidade de ligar-nos às pessoas e às coisas. Na vida, as dores e os desconfortos são causados por nosso apego a coisas que são **impermanentes**. Tudo no universo é temporário, é efêmero. Nada dura para sempre. Sofremos quando as coisas terminam, quando as pessoas que gostamos vão embora ou morrem. O sofrimento vem por algo que naturalmente vem e que deveria esperar-se. Tudo acaba, tudo morre e ignorar isso nos faz sofrer. Se sabemos que algo acaba, vale a pena aproveitar, desfrutar e viver justamente o momento. A consciência dessa

qualidade do universo nos torna mais preparados para lidar com a dor e o sofrimento e nos torna mais aptos para conhecer sua origem, evitá-lo, amenizá-lo e até cessá-lo. Também nos torna mais compassivos e atentos para com o sofrimento das outras pessoas.

É importante citar as **4 nobres verdades** desta filosofia:

1. As insatisfações existem, por isso sofro (sensação de incompletude).
2. Há causas que geram insatisfação (apego).
3. As insatisfações podem ser resolvidas ao compreender sua origem se autoconhecer com transparência e tranquilidade.
4. Há um caminho para cessar a insatisfação.

O “**não eu**” ou a **insubstancialidade**. Todos estamos conectados uns aos outros. O bem-estar ou mal-estar das outras pessoas influencia o nosso bem-estar e o nosso mal-estar. Essa qualidade do universo traz como consequência prática a necessidade de se combater o egoísmo, o qual reflete a compreensão imperfeita da realidade do universo no qual, na verdade, todos os seres estão inter-relacionados e são interdependentes.

Outro princípio do zen-budismo sobre o universo é a impermanência. Tudo muda constantemente, nada é estável, um dia tudo acaba, tudo se transforma continuamente. Tudo é transitório e nada dura para sempre, portanto, imperfeito.

Compreender, tomar consciência de que tudo se transforma, abre caminhos para o desprendimento, o desapego, a renovação e a diminuição de nosso sofrimento. Nada é constante, nunca nada é igual. Tudo se altera com o tempo, pelas ações externas ou por processos internos. As coisas, os elementos, surgem, desaparecem, evoluem, crescem, se ampliam ou diminuem, tudo se transforma porque nada é permanente.



Fig. 5 Fotografia da autora.
Porta no jardim do Ateliê, 2017.

A impermanência dá base a um conjunto de antigos ideais da estética japonesa: o *wabi-sabi*.

Wabi é transformar a insuficiência material e descobrir nela o mundo da liberdade espiritual não vinculado a coisas materiais. (HAGA, 1995, p. 246. Tradução nossa.)

É, assim, uma estética que surge baseada no desapego material e afetivo, na beleza da simplicidade natural buscada no cotidiano dos *inja*, em conjunção com o desenvolvimento da cerimônia do chá. (OKANO, 2018, p. 140.)

Um dos princípios do senso estético japonês é promover a beleza artística da própria natureza e exteriorizar, de modo sincero, os sentimentos subjetivos do ser humano ante o encantamento com o universo. (ÔNISHI apud OKANO, 2018, p. 147.)

Princípios da arte e cultura japonesa: *wabi-sabi*

O conceito surgiu durante a dinastia Song na China (960-1279) e, mais tarde, foi transmitido ao Zen Budismo. Nas cerimônias do chá instituídas pelos mestres Murata Juko e Sen no Rikyu (século XV), já vemos ilustradas as origens do *Wabi-sabi*, já que nelas se utilizava uma cerâmica japonesa que fugia da perfeição e da ornamentação excessiva. A escolha nada tinha a ver com o acaso, pois os convidados recebiam a proposta de observar atentamente suas características e apreciar seu encanto. Em outras palavras, reconhecer o *Wabi-sabi* dos objetos. (...). O *Wabi-sabi* é uma forma de ver o mundo, em que a natureza é considerada uma fonte de beleza e inspiração, que nos presenteia com cores, padrões e formas que a mão do homem não consegue alcançar. A natureza tem outro dom: moldar as peças e os elementos que encontra em seu caminho. Por isso, no *Wabi-sabi* as imperfeições e a marca do tempo são aceitas. Isso lembra a arte do *Kintsugi*, um método também japonês de reparar cerâmicas que, ao invés de ocultar os defeitos, tenta preservar as rachaduras para que sejam parte da peça. (SANCHEZ, 2001)

O conceito de *wabi-sabi* presente na estética japonesa destaca a beleza da imperfeição, da rusticidade e da simplicidade. O termo “**wabi**” se traduziria como a beleza transitória e total, que promove uma espécie de frescura e tranquilidade, e o “**sabi**” destaca a beleza do envelhecimento natural, representa a beleza e a serenidade que vêm com a idade.

Sinais que contam a historicidade, vestígios que nos falam de como eles carregam nossa estima e nosso apreço. As rachaduras, as fendas, as bordas desgastadas, a pintura descascada e até mesmo a ferrugem de um prego trazem de maneira tangível os vestígios do tempo e da impermanência do universo. E por ser imperfeito torna-se

mais interessante. E é aqui que o *kintsugi* nos traz a essência do *wabi-sabi*: destacar a historicidade de uma peça, destacar as feridas ou percalços do tempo. São as rachaduras restauradas com ouro que contam a história de um objeto, tornando-a única.

E em contextos arteterapêuticos, como esse conceito pode nos auxiliar a olhar de maneira única o processo individual ou de um grupo específico? Justamente na beleza desse “restauro”, no encanto do processo, na história dessa singularidade encontra-se o processo de fortalecimento dos envolvidos.

As coisas *wabi-sabi* são expressões do tempo congelado. Elas são feitas de materiais visivelmente vulneráveis aos efeitos do clima e do uso humano. Elas registram sol, vento, chuva, calor e frio, traduzindo isso tudo numa linguagem de descoloração, ferrugem, embaciamento, empenamento, encolhimento, manchas, rugas e rachaduras. Fendas, lascas, nódoas, cicatrizes, cavidades, descascados e outras formas de desgaste são um testemunho das histórias de uso ou mau uso. Embora as coisas *wabi-sabi* possam estar quase se desmaterializando (ou se materializando) pelo aspecto muito vago, frágil ou desidratado, elas ainda mantêm intactos seu caráter e sua firmeza. (KOREN, 2019, p. 69).

Ver com um olhar *wabi-sabi* possibilita “ver sua vida e seu eu como você realmente é, rachaduras e tudo mais. (...) realmente amar as rachaduras; ser grato por elas; tratar as partes rachadas como belas, valiosas e cruciais para o seu ser” (KING, 2021).

Importante destacar que o *wabi-sabi* inclui no seu conceito diversas características estéticas, entre elas:

- assimetria, irregularidade chamado de *fukinsei*;
- simplicidade, o *kanso*;
- não ser limitado por convenções, livre, *datsuzoku*;
- ser tranquilo, ameno, *seijaku*;
- minimalismo, *koko*;
- sem pretensão, natural, *shizen*;
- beleza sutilmente profunda, o não óbvio, o *yugen*.

Além do *wabi-sabi*, há alguns princípios que fundamentam a arte e a cultura japonesa, os quais gostaria de destacar especificamente. Aspectos que, acredito, oferecem subsídios para nosso trabalho como arteterapeutas: ***miyabi, mono-no-aware, shibui, iki, jo-ha-kyu, yugen, geido, enso e kawai***.

A elegância, refinamento ou cortesia, o **miyabi**, é considerado um dos ideais tradicionais mais antigos do Japão. É a eliminação de tudo o que é considerado vulgar ou absurdo, com o objetivo de alcançar a beleza mais pura.



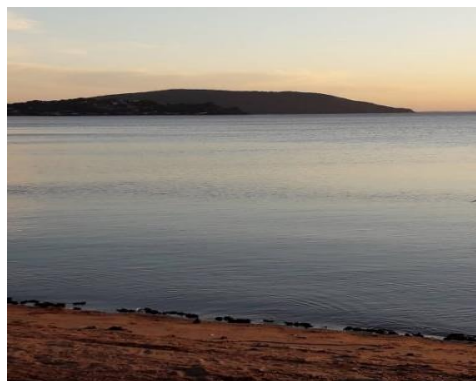
Aquarela sobre papel. Pintura da autora.

O simples, o sutil ou o discreto, o **shibui**, considera que as coisas são mais bonitas quando falam por si, quando a beleza não é gritante e ela aparece sem adornos, com sutil presença.



Trabalho realizado durante Seminário de Arte, Arteterapia, bem-estar e saúde. (Pelotas-RS, 2017)

O **miyabi** expressa sensibilidade à beleza e está ligado com **mono-no-aware**, a consciência da transitoriedade das coisas



Orla do Guaíba. Fotografia da autora.



Homenagens. Obra da autora, 2018.

De muitas maneiras, a cultura japonesa não celebra a singularidade, mas a melhor tradução de *iki* seria “singularidade refinada”. A simplicidade, sofisticação, espontaneidade e originalidade de uma pessoa aparecem na pureza do *iki*. Termo usado para descrever qualidades esteticamente atraentes o *iki* também carrega uma conotação de vida e pode manifestar sensualidade, englobando várias características.

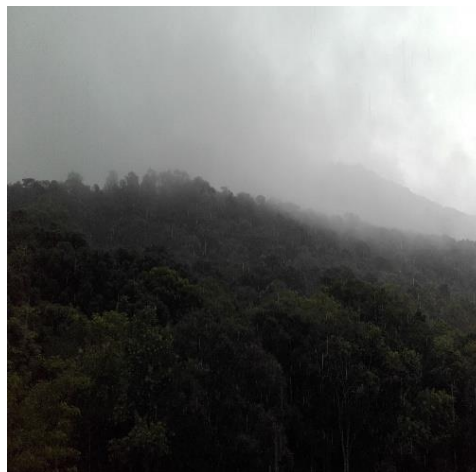
Jo-ha-kyu é um ritmo que pode ser traduzido como “Comece devagar, acelere e pare de repente”. É um modo de conduzir o processo, é circular. Com começo, meio e fim. Essa estética é usada nas artes tradicionais japonesas. No teatro, nas artes marciais, nas formas colaborativas de versos associados a “renga” e “renku” (*haikai*) e até na cerimônia do chá.



Cerimônia do chá em sessão de arteterapia, onde propiciou a consolidação do vínculo terapêutico.

Compartilho como exemplo um estudo de caso. Eu estava tendo dificuldade para estabelecer contato com uma criança de 8 anos, muito exigente e distante. Sabendo que gostava de tomar chá com sua avó, convidei-o a conhecer a cerimônia de chá japonesa no meu ateliê. Criamos um espaço, exploramos juntos gestos “ritualísticos” de servir e oferecer a bebida morna um ao outro, em que cada movimento e gesto tinha um sentido e significado. Foi esse início lento que propiciou a confiança, a validade do momento e o diálogo. A partir de então, o processo com arteterapia fluiu de maneira íntima e com cuidadosa entrega, sempre com nossas xícaras de chá especial na mesa.

Outro aspecto é o *yugen*. O valor de um profundo sentimento interno. Um encantamento por algo que aparece oculto. Aquilo escondido prende a atenção e envolve emocionalmente. Encontrado em textos filosóficos chineses, com o sentido de “escuro” ou “misterioso”. Pode referir-se a uma beleza sutilmente profunda e não óbvia. A névoa ou o vapor encobrem algo que está além daqui. Algo misterioso para desvelar e que nos inquieta.



Neblina em Caxias do Sul. Fotografia da autora. 2017.

Lembro do encantamento de Zinker (2007, pg.16), quando fala: “Se o cliente pega um ‘objeto’ e comenta sobre sua beleza simples e desprestigiada, peço que imagine aquele objeto como um espelho e experimente os atributos ‘simples’, ‘desprestigiado’ e ‘belo’ como autodescrições. O processo subsequente pode ser emocionante”. Percebo quanto de *yugen* tem esse olhar de Zinker, como vários outros, sobre o ser terapeuta, auxiliando a desvelar aquilo que aparece como nebuloso, semioculto.



Sumi-ê de Nélida E. C. Shigihara, mãe da autora.

A ética e disciplina torna as coisas mais atraentes. Por isso muitas pessoas se sentem atraídas pela cultura japonesa. O *geido* refere-se a várias disciplinas que envolvem ética e respeito. Pode ser visto no teatro, no arranjo floral, na caligrafia japonesa, na cerimônia do chá, na pintura sumi-ê e nas cerâmicas japonesas.

O vazio, o **ensō**, é um conceito zen muitas vezes representado por um círculo. Entre os múltiplos significados, o **ensō** define a essência do espírito zen. Simboliza a vacuidade e a iluminação budista ou, em outras palavras, o despertar. Pode também significar o infinito ou nada. Geralmente desenhado à mão com uma ou duas pinceladas, podemos observar sua forma nos jardins japoneses. Neles são realizados minuciosos círculos na areia ou de pedras que muitas vezes representa o infinito, o movimento e a fluidez.



Pintura do sensei Kazuaki Tanahashi (2018).

O mundo é fruto de um ciclo mutável de realidades, e se contemplamos com mais cuidado, percebemos que as coisas- justamente por serem passíveis de mudar – são sempre “vazias” em si mesmas ou potencialmente puras de qualquer identidade rígida e imutável. De fato, a profunda integração da arte zen com o conceito de transformação tornou-se a base par o desenvolvimento do símbolo mais frequentemente reproduzido por artistas zen, o Enso (...) que representa uma metáfora da natureza cíclica do movimento contemplativo, o qual conduz a mente do praticante da ignorância (...) à transcendência e libertação da mente a traves da experiencia plena de compreensão do Vazio e do Não-eu. (MIKLOS, 2011, p. 70)

Kintsugi

Kintsugi tem a ver com o **mushin**, “aceitar a mudança” e com a sensação que os japoneses chamam de **ytui**, “lamentar quando algo é desperdiçado”. De origem budista, refere-se à essência das coisas, “cada pequena coisa tem uma alma”. Os objetos não existem isoladamente, eles estão ligados uns aos outros. **Nai** significa negação, negar os laços que todas as entidades vivas e não vivas temos. **Mottanai** destaca a importância de tratar os objetos com cuidado e sensatez. E é neste aspecto que gostaria de dar ênfase neste artigo.

O espírito *mottanai* expressa pesar pelo desperdício. *Mottanai* incentiva o uso de objetos totalmente ou até o fim de sua vida útil. Todo objeto é valioso em si mesmo. Toda vida é digna de ser vivida e experienciada. Sem desperdício.

Diz a lenda que, no século XV, o shogun japonês Yoshimasa Ashikaga enviou para a China uma xícara de chá quebrada para ser consertada. Ao ver que a peça, muito apreciada por ele, tinha sido remendada com grampos de metal grotescos, Ashikaga, insatisfeito, pediu aos seus artesãos uma forma alternativa de reparo que resultasse mais agradável.



Cesta reticulada Nanking, c. 1750, documentação fotográfica de peça museológica.



Trabalho realizado com a técnica *maki-e*.
(Fonte: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Makie.jpg>)

Estes artesãos utilizaram como base a técnica de *maki-e* para emendar as partes. Esta técnica decorativa utiliza laca e polvilham pó de metal que fixa-se na superfície.

A palavra *kintsugi* significa emendar, juntar com ouro". (kin= ouro e tsugi= emenda. Também chamado de *kintsukuroi*, que significa "reparação com ouro".



Kintsugi em peça de barro, 2020, Trabalho da autora.

A técnica de *kintsugi* de reparar uma peça de cerâmica ou porcelana utiliza "*urushi*", resina da árvore japonesa *Rhus verniciflua*, polvilhada com pó de ouro, prata ou nácar.

Cada peça reparada com o delicado brilho torna-se uma peça única pelas linhas sempre diferentes provocadas pela quebra. Muitos especialistas falam do amor e da dedicação com que são reparadas estas peças e como elas carregam valor sentimental. Os objetos recebem assim um novo visual e tornam-se inestimáveis, não só pela aparência como também pelo sentido e significado profundo que cada objeto traz com sua história.

Como as coisas realmente são. Se passarmos a vida apegados à esperança ou crença de que nossos relacionamentos permanecerão os mesmos, que nossas posses não serão quebradas ou degradadas com o tempo, e que as pessoas não adoecerão e morrerão, estamos vivendo uma vida fixada em nossas representações mentais de como queremos que as coisas sejam, em vez de como elas realmente são. De acordo com a filosofia budista, são essas representações mentais ou apegos que aumentam nosso potencial de sofrimento – estresse, ansiedade e emoções negativas – enquanto lutamos para lidar com essa mudança inevitável. Em um nível mais profundo, ao abandonar nossos apegos e perceber que tudo, até mesmo nosso conceito de quem somos, é apenas uma série de representações mentais e ideias que vêm e vão, percebemos que não existe nem mesmo um “eu” estático e imutável” para construir ou defender. A pesquisa mostrou que o desapego é uma abordagem equilibrada da vida associada a um maior bem-estar; (...) sintomas reduzidos de ansiedade e depressão; e maior empatia, bondade e ajuda para com os outros. Kintsugi pode ser visto como uma metáfora visual de desapego na medida em que não há forma ou aparência singular que uma peça de cerâmica deva ter ou reter. É abraçando o fluxo e a possibilidade em constante mudança presentes em todas as coisas que podemos experimentar abertamente o que elas têm a oferecer. Com essa percepção podemos reduzir o estresse e a negatividade que muitas vezes acompanham o fracasso, estar errado, cometer erros ou perder uma grande final. Essas não são necessariamente situações que refletem mal em nós como pessoa ou indicam que a melhoria e o sucesso futuros são inatingíveis. Esse tipo de aceitação e abertura radical pode facilitar a adaptação e a consideração de abordagens e estratégias alternativas que podem ajudar no sucesso futuro. (...) através do desapego, a experiência deve ser abraçada e aceita, com o conhecimento de que o “eu” da pessoa só será aprimorado e não diminuído pela experiência. Em outras palavras, embora o vaso possa estar quebrado agora (...), não há nada a ganhar deixando-o como está ou descartando-o completamente. (ELPHINSTON; WHITEHEAD, 2018)

Com o *kintsugi*, o objeto pode ficar muito melhor do que antes.

Esta técnica nos explica que um evento traumático, uma experiência dolorosa ou um erro não é um beco sem saída, mas um convite para encontrar um novo caminho, lembrando-nos de que nossas feridas podem se tornar a

preciosa urdidura e trama de nossas histórias de vida. Com o seu pó de ouro, Kintsugi ensina-nos assim a reagir positivamente às adversidades, tornando-as uma oportunidade de fazer algo novo nas nossas vidas. (MANETTI BATTILORO, 2022)

Métodos ou estilos predominantes de *kintsugi*

A técnica original requer tempo e habilidade. A resina *urushi* é altamente tóxica e, uma vez colocada na peça colando as partes, requer tempo para estabilizar-se e perder sua toxicidade. O processo é demorado, chegando às vezes a três meses, até a cura final. Alguma semelhança com processos emocionais? Sim. Com certeza. Feridas profundas, perdas e rupturas que marcaram a vida de maneira traumatizante precisam de tempo, dedicação, amorosidade e novos olhares.

Embora em todos os casos se use resina polvilhada com pó de material precioso para unir os fragmentos, o processo e os resultados variam. Conhecer essas possibilidades pode auxiliar na descoberta de outras maneiras de restaurar e recompor objetos.



A **fissura ou rachadura, *hibi***, utiliza uma quantidade mínima de resina, criando veias brilhantes que caracterizam o *kintsugi*. Cada “veia” mostra que cada peça restaurada se torna única e especial.

Quando falta algum fragmento da cerâmica, este pode ser substituído por laca e ouro. Este método se chama **peça ou partes, *kake / kintsugi rei***.



Kintsugi realizado pela autora. 2020.



Kintsugi realizado pela autora. Litorina substituindo uma parte faltante da xícara.

No **método conjunto** ou **yobitsugi**, utilizam-se pedaços ou fragmentos com formas semelhantes de outras peças quebradas ou objetos, para substituir uma parte faltante do objeto original. Esse “agregado” pode enriquecer de significado o processo e o resultado da intervenção. Este resultará em algo singular pela combinação de duas obras esteticamente diferentes.

Por que *kintsugi*?

Após minha formação como professora de arte em 1989, tive a oportunidade de trabalhar com uma equipe de restauro e conservação. Após cursos de capacitação na área, experimentei diversas técnicas, aprendi sobre as propriedades de diversos materiais, substratos e aglutinadores, e adquiri um domínio um pouco mais depurado para as intervenções de restauro. Conheci os princípios básicos da Conservação e Restauro: limpeza, estudo e pesquisa; respeito pelo original; intervenção mínima para garantir e manter as informações históricas e constituintes da peça; procurar estabilizar, avaliar sua recomposição se for necessário. A prática de restauro ocidental possui vários parâmetros a respeitar: o princípio de reversibilidade, em que toda intervenção pode ser facilmente reversível sem deixar em destaque a intervenção realizada. Poder olhar a obra como um todo, da forma como foi concebida na sua origem. Aspecto bem diferente da técnica de *kintsugi*, em que a rachadura fica em destaque para a peça voltar a ter a utilidade e a beleza ressaltada.

Em 2016 comecei a estudar de maneira mais sistemática a cultura e a filosofia japonesas. Conheci a prática do zazen, meditação zen-budista, e esta prática intensificou-se com a pandemia de Covid-19. A partir da pesquisa sobre a estética oriental, fui identificando elementos da arte zen na composição de minhas produções artísticas, produzidas desde pequena. Seja no uso de materiais da natureza, como a pedra e a madeira, no encontro da beleza nos pequenos detalhes, no uso do espaço pictórico e no encantamento por materiais recolhidos na praia, onde o mar e o tempo vão deixando marcas que destacam a força do cerne de madeiras e pedras. Os “tocos”

e “cacos”, penas de pássaros ou “filigranas” de folhas que, durante as caminhadas, vou colhendo como presente da ação da natureza foram a base para diversas peças da Série Homenagens, de 2016-2018.

Com o isolamento social no início da pandemia, liberei uma mesa do meu ateliê, utilizada anteriormente para os atendimentos presenciais em arteterapia, para fazer arte diariamente. Isto possibilitou ter um espaço permanente para o restauro de pequenas peças, e foi justamente ao mexer as mesas, cadeiras e materiais que, acidentalmente, uma escultura de cerâmica caiu. Foi assim que aconteceu. Essa peça de cerâmica anterior a 1990 quebrou e foi a primeira peça “kintsugiada”, iniciando as reflexões e pesquisas sobre os processos internos. Publiquei o relato a seguir na revista *Arteterapia: processo criativo y transformación*.

Acidentes ou circunstâncias inesperadas são quebras que nos convidam a parar, repensar estruturas que antes nos pareciam perfeitas. Circunstâncias que nos permitem um olhar diferente da vida, do que fazemos até agora, do que somos. Com cuidado e contato amoroso ao restaurar uma peça com a técnica japonesa Kintsugi se promove uma mudança que ajuda a olhar esta ferida como um resgate da integridade humana, mas não como se restaura dentro do conceito clássico de restauração; com Kintsugi as rachaduras da peça ficam em destaque após coladas com o brilho de materiais nobres, como prata o ouro, destacando assim a beleza da mudança, como superação. Nada mais atual para o momento que vivemos, com a pandemia mundial, quando ficamos sem poder andar, sair. Pernas quebradas. Momento que nos exige mudar e repensar o que sempre foi. Num primeiro momento, um sentimento de choque, surpresa e logo se gera uma necessidade de restaurar. Primeiro: organizar. Logo, limpar, ver as partes e estudar o que aderir primeiro para logo decidir como trabalhar para, assim, *colar*. (SHIGIHARA, 2020. Tradução nossa.)



”Restauro minhas pernas no colo materno.”

Essa peça foi feita anos atrás em chamote e restaurada com a técnica de *Kintsugi* com materiais disponíveis em casa. Tinha algo que me cativava. Amava ela inteira.

Refletindo, começo a gostar mais dela assim. Carregada de simbolismo e força, e, sobretudo, compaixão. “Restauro minhas pernas no colo materno” é uma imagem que remete esperança por um mundo melhor.

Kintsugi em processos terapêuticos

Em essência, kintsugi se baseia na ideia de que o que nos quebrou passa a fazer parte de nossa história e que podemos ir além da destruição para criar algo novo, merecedor de atenção e até admiração. Praticar kintsugi é um ato de resiliência. E é aí que é interessante traçar um paralelo entre essa arte japonesa e a própria arteterapia. (OGÉ, 2021. Tradução nossa.)

Há no kintsugi algo de meditativo. Como muito há, no fazer japonês, de algo de ritual em cada processo. A observação atenta, os movimentos sutis e precisos, a respiração consciente e a técnica promovem um momento cerimonioso, que conduz a um estado meditativo e reflexivo, e estimulam a consciência de estar no aqui e agora. Arte se transforma em restauro, o restauro em meditação e reflexão, a reflexão em ressignificações e, como resultado, em processo de transformação. Passos que observamos em contextos arteterapêuticos. Sobre estas etapas Ciornai (2004) compartilha no Livro percursos em Arteterapia, os diferentes momentos que podem propiciar o processo:

- Estabelecimento de vínculo e suporte para o experimento.
- Aquecimento (atividades lúdicas e cenestésicas, supressivas, preparatórias temáticas, imaginativas, evocativas rituais)
- Envolvimento na atividade (início, mergulho e absorção, finalização)
- Complementação e transposição de linguagem
- Observações, reflexões, elaborações terapêuticas e o compartilhar. (CIORNAI, 2004, p. 99-102)

Aplicabilidade e possibilidades na arteterapia

Além de conhecer a cultura japonesa e alguns de seus princípios, destaco o espírito que os permeia como fio condutor para encontrar as suas potencialidades e explorá-las nos processos terapêuticos.

Na arteterapia, o profissional precisa respeitar o emergente que vem do outro, seus gostos, suas capacidades, suas competências, sua rede de apoio, suporte para o processo de transformação, assim como as feridas afetivas ou físicas, marcas do tempo e rupturas resultantes. Como Ogé (2021) escreve: “Ao aprender a abraçar as falhas, você muda seu foco de querer alcançar um ideal para se concentrar em seus pontos fortes”.

A dor emocional nasce da adversidade. Uma adversidade é uma situação pouco favorável, ou até mesmo contrária a nossos interesses; é um infortúnio

ou uma desgraça. Em nossa pretensão de ter uma vida tranquila, ignoramos que adversidade não só é habitual, como também necessária para um desenvolvimento psicossocial correto. A dor bem administrada nos permite aprender e, literalmente, crescer. Com frequência, tentamos encobrir a dor com medicamentos ou autoenganos e, ao fazer isso, não nos permitimos enfrentar o problema, solucioná-lo e, assim, crescer mais fortes e seguros. (NAVARRO, 2017. p. 29)

Na arteterapia o uso da arte propicia a expressão dos sentimentos, sonhos, pensamentos, dificuldades, experiências doloridas e potencialidades. O indivíduo consegue olhar e se olhar no que fez e como o fez, refletindo e ressignificando o processo e o resultado, analisando o sentir e as sensações envolvidas, podendo elaborar aquilo de maneira concreta, plasticamente, que com palavras não consegue dar forma. O arteterapeuta propõe experiências criativas que promovem transformações internas que propiciam a mudança esperada. A arte torna-se mediadora entre terapeuta e o outro, “facilita o vínculo”. Ela mexe “com o sensível, com a intuição e o lúdico” (CIORNAI, 2004. p. 77-78).

Pensando no *kintsugi*, destaco o potencial de transformação do processo em contexto arteterapêutico ao trabalhar aspectos internos, ao recompor, consolidar aquilo que foi quebrado e destacar a cicatriz com material contrastante ou brilhante. É possível também utilizar pedaços de objetos ou pequenos materiais que possuam um valor pessoal, simbólico ou real, como colar pedaços de bijuterias ou joias na cicatriz ou queleide.

Ainda que o *kintsugi* nasceu a partir do restauro de peças de cerâmica, podemos pensar em diferentes possibilidades de experiências do restauro e sua relação com os princípios desta técnica.

Pode ser um objeto de porcelana, cerâmica, vidro, pedra, madeira, tecido ou papietagem. Pode ser uma louça, xícara, joia ou brinquedo, que tenha um significado especial, com valor afetivo do paciente ou apenas escolhido livremente. Ou pode oferecido um objeto de gesso simples, por meio do qual possamos propiciar a expressão de emoções afetivas utilizando pintura simples ou desenho, para em seguida, com um golpe “pseudoacidental”, romper a peça e facilitar a reflexão e ressignificação de aquilo perdido com a quebra. Pensar em outras rupturas, acidentes ou circunstâncias inesperadas que provocaram comoção, sofrimento ou dor, que, neste caso, estariam vindo à tona com a quebra do objeto a restaurar, emendar ou recompor em um outro formato.

Em contextos terapêuticos, sugiro objetos simples, de fácil manipulação, com o qual o profissional arteterapeuta tenha intimidade, conhecimento de como esse material pode ser manipulado, trabalhado e consertado. É necessário conhecer as suas

fragilidades particulares, o pegamento adequado que una as partes, e repare o objeto, o material pode ser utilizado para consolidar a ferida e quais ferramentas seriam as necessárias.

Um objeto de gesso pode ser restaurado com cola branca especial para consolidar, e logo polvilhar purpurina para destacar o queleide. Podem ser usados outros materiais como pó de cinzas, areias coloridas bem finas, pigmentos ou glitter.



Trabalho de A. L. Pompermayer. Minicurso no pré-Congresso Brasileiro de Arteterapia. Belo Horizonte, 2022

Para o minicurso sobre o tema, oferecido no pré-Congresso Brasileiro de Arteterapia em Belo Horizonte em 2022, foram disponibilizadas “bolachas de gesso”, nas quais foi propiciada a expressão de emoções afetivas, lembrando momentos de plenitude, alegres, lembrando situações harmônicas onde os participantes se sentiram íntegros ou em plenitude. Para isso, foram utilizadas tintas coloridas diluídas em álcool, com a possibilidade de incluir desenho e expressar a emoção, o sentimento e a presença. Representar não só o sentir, mas perceber o envolvimento do corpo, a respiração, o ritmo, a força ou suavidade ao manifestar essas sensações. Pintar, desenhar essa sensação de maneira íntegra, na mente, corpo e emoção. Como expressar esse sentimento de felicidade de maneira presente e plena? Como estaria esse corpo, essa respiração, como seriam esses movimentos? Vivenciar a presença no fazer, no ir fazendo. Após realizar a pintura e refletir sobre esse momento, pediu-se que atentassem para as emoções envolvidas ao perceber a quebra. Como é enfrentar-se com a peça quebrada. Que emoções, que imagens se presentificam e que possibilidades emergem? Após refletirem sobre a experiência, foram convidados a escrever a respeito, para posteriormente conhecer e aprender como restaurar, reconstruir e resgatar a forma perdida e trabalhar a ferida. Como olho essa ferida? Que movimentos preciso realizar? Como segurar as ferramentas? Como é esse cuidado? Como está a respiração nesse momento? Que outros acidentes ou rupturas da minha vida lembro?

A técnica de *kintsugi* é tão apropriada para estes casos! Reformular as rachaduras de um trauma, elaborar os sentimentos de medo, paralisia, desespero ou dor advindos de quebra, fratura, doença, abuso, invasão, luto, perda ou de

desestruturação. Refletir sobre a imagem desfigurada ou turva de si, feito “pedaços”, quebrado, sem chão. Surge a necessidade de recompor. Achar a força e a coragem de focar-se nessa ferida, juntar e limpar cada pedaço, olhar com compaixão e cuidado e redescobrir onde vai cada peça desprendida. Onde achar essa coragem? Onde conseguir essa força para “colar”, onde encontrar esse brilho (vital) no meu interior, para me reconhecer? No processo, descobrir que nunca voltarei a ser como antes. Mas posso voltar a estar inteiro e mais forte, com mais consciência e integridade, descobrindo uma força nova, a da experiência.

Podemos preencher as rachaduras com sujeira, com raiva, com violência, com drogas. Podemos escolher novas emoções e suportes. Podemos pensar na rede de afetos e potencialidades internas representadas no brilho de um material ou com o colorido de uma cola. Cada experiência pode brindar a oportunidade de desafiar nossa fortaleza. Crescer com os traumas após os acidentes de percursos que aparecem e auxiliar o outro a descobrir essas possibilidades.



Trabalho de kintsugi com adolescente com TEA.

Em sessões com um adolescente com Transtorno de Espectro Autista (TEA) com destreza manual e delicados movimentos têm proporcionado oportunidades de trabalhar com *kintsugi* e restauro de diversas peças. Trabalhando o nível de frustração causado por brinquedos ou objetos de família quebrados, mordidos por excesso de ansiedade ou sentimentos de raiva por não conseguir se expressar.

Hoje a frase “Vamos consertar?” ou “Vamos restaurar?” são convites para superar momentos de desequilíbrio e autoagressão. Brinquedos de plástico foram consertados com cola de silicone. Desenhos ou figuras de papel, com fita adesiva. E até uma bolacha de gesso colada com cola e glitter propiciou bons risos e mudanças no comportamento de pouca tolerância diante de imprevistos.



Remendo em tecido de Maria, avó da autora.

Considerando outras possibilidades de ruptura ou quebra podemos pensar no restauro de roupas antigas, com certo valor emocional. Tecidos rasgados ou comidos por traças podem ser remendados, bordados com linhas, lãs, arames finos brilhantes e até remendados com outros fios, como cabelos.

Madeira quebrada requer cola adequada para esse material, assim como o vidro, a cerâmica ou a porcelana. Nesses casos, os adesivos requerem um tempo específico para secagem e é recomendável certa expertise técnica para sua aplicabilidade. Se paciente ou arteterapeuta possuem este conhecimento, pode ser utilizado com excelentes resultados. Convém reafirmar que o nosso trabalho, nesta circunstância, é destacar os aspectos de “restauro” emocional e estrutural do indivíduo, e não restaurar uma peça valiosa para que fique em exposição. Mas sem descartar, se o paciente assim desejar, podemos, dentro do contexto terapêutico, trabalhar e acolher esse “expor” as feridas restauradas e trabalhar as novas etapas do processo terapêutico, sempre respeitando questões éticas e de respeito ao processo.

A restauração não precisa ser realizada toda pelo paciente. Em contexto arteterapêutico, a intervenção do profissional pode envolver a participação direta no conserto, como assegurar a peça e “aguardar que a cola seque”. Muitas reflexões deste fazer junto auxiliam a diminuir a ansiedade da espera, e apoiam a escuta compreensiva, a presença empática com o outro, o contato. A intervenção do arteterapeuta pode ser uma vivência de cuidado e estar junto.

É fundamental pensar qual material é mais adequado a cada circunstância, a cada contexto e em qual momento e, sobretudo, por que sugerir essa proposta. Pesquisar, experimentar, pensar antecipadamente, programar e propor esta experiência com o cuidado e conhecimento necessário. Que materiais usaríamos para a recuperação do objeto quebrado, rasgado, despedaçado, esticado?

Essa técnica não almeja deixar o objeto como era antes, mas sim apreciar a cicatriz das feridas, o possível “quelóide” e as marcas do tempo, destacando a força obtida pela superação e “restauração” do equilíbrio, e a valorização da dedicação no cuidado neste processo. A proposta não é camuflar ou apagar, e sim “valorizar nossas

cicatrices – sejam elas em nosso corpo material ou em outras camadas de nossa existência – e reconhecer a força obtida pela superação”. (PARKER, 2022)

O valorizar pode ser o destaque ao se trabalhar a ferida, trazendo-a como figura. No projeto “Artífices de emoções”, criado com Margret Sphor para o encontro *Joia d’alma* em 2007, a minha proposta foi trabalhar resíduos plásticos e com o calor transformar embalagens, que alguma vez envolveram presentes, em joias filigranadas.



O foco pode chegar a ser só na “ferida”, destacando as cicatrizes. Trabalho realizado com derretimento de material plástico dourado. Workshop *Joia d’alma*, 2007.

Outras opções interessantes são materiais recolhidos no jardim ou numa praça. Olhar detidamente, descobrir eles, observar a beleza do que restou do fruto. E tal vez nos perguntar: Seriam essas estruturas a essência das marcas de uma vida?



Trabalhando com as estruturas de physalis. (Fotografia e bordado da autora)



Estruturas de folhas, tronco de canela e folhas de palmeira. (Fotografia da autora)

Ainda nesse sentido, gostaria de compartilhar o projeto “We are diamonds”, projeto social criado por Karlla Mendes:

(...) foi criado em 2016 no Brasil e se tornou internacional no ano de 2019, com o objetivo de melhorar a autoestima de pessoas que passaram por momentos de dificuldades, na qual causaram cicatrizes, sejam elas externas ou internas. (...) Pessoas que sofreram algum tipo de violência, depressões, câncer, cirurgias, acidentes entre outros nas quais as deixaram com marcas eternas (...)

“We are Diamonds” consiste em fazer tatuagens gratuitas em pessoas que possuem algum tipo de cicatriz indesejada em seus corpos, transformando-as em verdadeiras joias, e o mais bacana é que a cicatriz não precisa ser necessariamente externa.

Muitas violências não deixam cicatrizes no corpo e sim na alma, como no caso de depressão ou algum outro tipo de transtorno psicológico, e eu não quis deixá-las de fora do meu Projeto. (...) “Lapidando almas e eternizando sonhos”. (MENDES, 2021)



Imagem cedida pela autora, Karlla Mendes.

(Fonte: <https://www.instagram.com/karllamendestattoo/>).



Vários artistas têm introduzido essa técnica a seus trabalhos: Rachel Sussman inclui as veias douradas nas calçadas da cidade.

Rachel Sussman. (Fonte: <http://www.rachelsussman.com>)

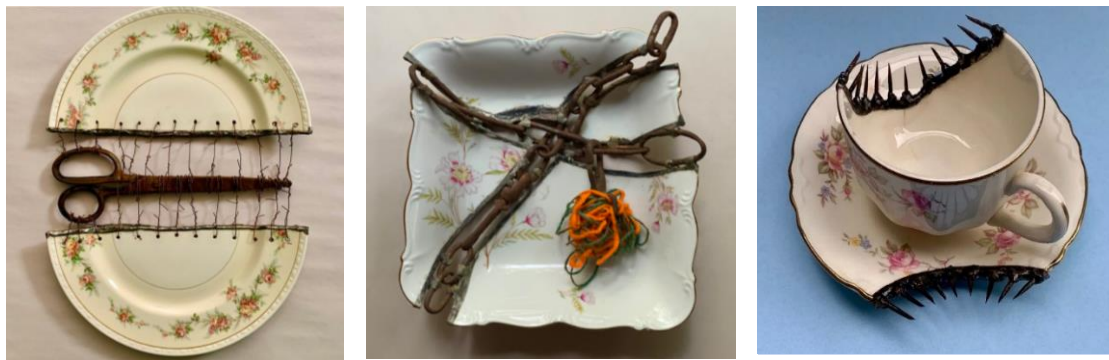
Um dos artistas mais surpreendente é Glen Martin Taylor. “Como os japoneses, ele repara cerâmicas de todos os tipos, algumas feitas por ele e outras compradas, mas substituindo metais preciosos por objetos do cotidiano, de fios de barbante a elementos de metal.” (GUIDO, 2022)

Sobre Taylor e sua cerâmica reconstruída, Guido (2022) comenta:

Se na arte de Kintsugi a única parte importante é a reparação, para o artista o ato de remontar objetos é tão importante quanto destruí-los. Através destas duas fases, o artista liberta as suas emoções e confronta-as criando objetos que acabarão por perder a sua finalidade primordial, mas não a sua importância.



Glen Martin Taylor, The Courage to Love Scissors.



Glen Martin Taylor, The Courage to Love Scissors.

A beleza da vida não vem sem espinhos. Ironicamente, esses picos nos fazem valorizar mais a beleza da vida, nos fazem recordá-los em tempos difíceis, torna-nos mais fortes e resilientes. A arte nos faz questionar mais, nos faz sentir e nos leva às profundezas de nossa mente. A celebração da vida está ao nosso redor, só precisamos olhar os pontos turísticos à beira da estrada. (TAYLOR apud GUIDO, 2022).

Conclusões

Quando um objeto quebra, temos várias opções: descartar, reparar eliminando cicatrizes ou emendar com brilho e assumir as rachaduras. Com o *kintsugi*, podemos dar uma nova vida às peças, com valor maior que o original. Essa técnica destaca a beleza das imperfeições em vez de escondê-las ou disfarçá-las.

Em arteterapia, o *kintsugi* nos auxilia a olhar as marcas, trazer ao encontro terapêutico aquelas circunstâncias e seus efeitos, tornar esse novo olhar num momento de cuidado e amorosidade, num contexto de contenção e confiança. Focar e perceber a possibilidade de uma melhora a partir da quebra ou perda, reparar, renascer e até celebrar a história e de cada desafio. Com o *kintsugi*, o objeto torna-se ainda mais belo, único, uma metáfora para a resiliência e pode auxiliar a pessoa a se envolver no processo simbólico em cada uma das várias fases da restauração. Olhar, pensar e aceitar as feridas. Descobrir a potencialidade de mudança interna e ante as rupturas, transformadas com brilho, encontrar a força que cada superação gera, e isso faz parte do caminho de evolução, crescimento e autodescoberta.

Como vimos nos princípios do zen-budismo e da arte zen, também o *kintsugi* e o *wabi-sabi* nos convida a aceitar com naturalidade a transitoriedade da vida, a impermanência. Redescobrir que nosso valor está nas batalhas superadas, nas emendas douradas, nas costuras de fios em contraste no tecido resgado, na tatuagem nas estrias ou queloides e na consciência de saber-nos íntegros com a nossa história de superação.

Machucados, lesões e danos, assim como quebras e rasgos internos, podem ser oportunidades de mudança e melhora. Como escreveu Parker (2022):

Valorizar nossas cicatrizes - sejam elas em nosso corpo material ou em outras camadas de nossa existência – e reconhecer a força obtida pela superação. São reverberações da proposta “KINTSUGI e WABI-SABI para arteterapeutas”, de Angélica Shigihara, no XIV Congresso Brasileiro de Arteterapia. Durante o minicurso fomos apresentados à visão de mundo e abordagem estética japonesa, que propõe a aceitação da transitoriedade e a beleza da imperfeição, restaurando cerâmicas e porcelanas com laca e pó de ouro. No minicurso, depois de nos expressarmos com tintas suaves sobre nossa peça individual em gesso, passado um intervalo, elas foram rerepresentadas a cada participante partidas, quebradas para que suas partes fossem novamente reunidas à unidade. Em ambos os processos – de dar cor e de restaurar a forma – o layout e os detalhes do espaço individual no setting nos ajudaram a perceber os aspectos rituais e sagrados, tanto de reconhecermos nossas cores, quanto de juntarmos nossos pedaços. Depois, a caminho de casa, eu buscava em minha consciência: de que é feita essa substância dourada? Essa força que junta as partes enquanto dá sentido a elas, que transforma experiências dolorosa em amor. O tempo vai respondendo. Até lá, sigamos juntando nossos cacos com ouro e nos recriando melhores e mais fortes. (PARKER, 2022)

Para finalizar gostaria de compartilhar as palavras de Kumai (2020), na apresentação de seu livro sobre *kintsugi*:

Um dia, estava eu em Quioto a observar um mestre kintsugi, Tsuyoshi-san, que trabalhava no seu estúdio caseiro. Com cuidado, uniu as peças de cerâmica partidas até voltarem a ser uma única peça e pintou as fissuras com ouro. Enquanto observava este talentoso homem a colocar toda a sua energia e alma em voltar a dar vida a taças desfeitas, percebi: kintsugi é o autocuidado de que todos necessitamos e merecemos. Kintsugi aplica-se a cerâmicas que não estão apenas partidas, mas que são amadas. O produto é ainda mais bonito do que o original. Também nós merecemos isto! E não devemos ter de esperar antes nos sentirmos quebrados para nos oferecermos esta dádiva. (KUMAI, 2020, capa)

Que seja este o eixo de nosso perfil como terapeutas. Além de acolher as feridas, amar esse ser que está na nossa frente em procura de acolhimento, cuidado, escuta, restauro e amor. Sobretudo: amor. Onde muito além das ferramentas, a técnica, a descoberta, a transformação da ferida convertida em joia, precisou de tempo, envolvimento, reflexão, contato e amor.

Foi na relação terapêutica de cuidado, amor e contato, que as “linhas de fissura” “após sua metamorfose”, “suas cicatrizes de ouro” o tornaram “precioso e original”, “inimitável, (...) único no mundo”. (SANTINI, 2018, p. 215).

Referências bibliográficas

- CIORNAI, Selma. **Percursos em arteterapia**. Arteterapia gestáltica. Arte em Psicoterapia. Supervisão em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004.
- ELPHINSTON, Brad; WHITEHEAD, Richard. The Japanese art of kintsugi and how it can help with defeat in sport. Disponível em: <https://pigsfly.info/2018/10/05/japanese-art-kintsugi-can-help-defeat-spor/>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- GUIDO, Giulia. Glen Martin Taylor and his reconstructed ceramics. Disponível em: <https://www.collateral.com/en/glen-artin-taylor-ceramics-art/>. Acesso em: 30 mar. 2022.
- HAGA, Kōshirō. The wabi aesthetic through the ages. In: HUME, Nancy. **Japanese aesthetics and culture: a reader**. Albany: State University of New York Press, 1995. p. 246.
- KEVIN, Henrique. 9 princípios japoneses da arte e cultura. Disponível em: <https://skdesu.com/9-principios-japoneses-da-arte-e-cultura/>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- KING, Kate. Wabi-sabi. Disponível em: <http://katekingtherapy.blogspot.com/2012/06/wabi-sabi.html>. Acesso em: 30 abr. 2021.
- KOREN, Leonard. **Wabi-sabi para artistas, designers, poetas e filósofos**. Rio de Janeiro: Ed. Cobogó, 2019.
- KOREN, Leonard. **Wabi-sabi para Artistas, diseñadores, poetas y filósofos**. Barcelona: Hipotesis-Renart Editions, 1997.
- KUMAI, Candice. **Bem-estar Kintsugi**. A arte japonesa de alimentar a mente, o corpo e o espírito. Portugal: Alfragide, 2019.
- MANETTI BATTILORO, Giusto. Folhas de ouro para pensar: A arte de Kintsugi. Disponível em: <https://www.manetti.com/en/gold-leaves-and-the-art-of-kintsugi/#gref>. Acesso em: 10 jul. 2022.
- MENDES, Karlla. [página de]. “We are diamonds”. Disponível em: <https://karllamendes.com/projeto-social/>. Acesso em: 15 abr. 2021.
- MIKLOS, Claudio. **A arte zen e o caminho do vazio**. Uma investigação sobre o conceito zen-budista e Não-Eu na criação de arte. Rio de Janeiro, Ed. Do autor, 2011.

NAVARRO, Tomás. **Kintsugi**. A arte japonesa de aceitar suas imperfeições e encontrar a felicidade. São Paulo: Benvirá, 2017.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimdo crianças**. A abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. São Paulo: Summus, 1978.

OGÉ, Laurence. Healing-kintsugi-and-art-therapy. Cura, Kintsugi e arteterapia. Disponível em: <https://twentytwo-consulting.com/healing-kintsugi-and-art-therapy-2/> Acesso em: 30 abr. 2021.

OKANO, Michiko. A estética wabi-sabi: complexidade e ambiguidade. **ARS**, São Paulo, v. 16, n. 32, jan.-abr. 2018. Disponível em: www.scielo.br/j/ars/a/p9gKj3BrrVTqHGLwGnRd98N/?lang=pt. Acesso em: 15 abr. 2021.

ÕNISHI, Yoshinori. Yūgen, aware, sabi. Tokyo: Shoshi Shinsui, 2012. In: OKANO, Michiko. A estética wabi-sabi: complexidade e ambiguidade. **ARS**, São Paulo, v. 16, n. 32, jan.-abr. 2018. Disponível em www.scielo.br/j/ars/a/p9gKj3BrrVTqHGLwGnRd98N/?lang=pt. Acesso em: 15 abr. 2021. Tradução nossa, p. 147.

PARKER, Kate Amélia. Depoimento realizado após minicurso de Kintsugi e Wabi-sabi para Arteterapeutas. **Congresso Brasileiro de Arteterapia**, Belo Horizonte, maio 2022.

SANCHEZ, Mireia. Como aplicar o wabi-sabi japonês no design de interiores? Disponível em: <https://www.domestika.org/pt/blog/8128-como-aplicar-o-wabi-sabi-japones-no-design-de-interiores> Acesso em: 28 ago. 2022.

SANTINI, Celine. **Kintsugi**. A arte japonesa de encontrar força na imperfeição. São Paulo: Planeta, 2019.

SHIGIHARA, Angélica. Galería de lenguajes arteterapéuticos. **Revista Arteterapia**: processo criativo y transformación. Disponível em: <https://arteterapiarevista.com.ar/category/galeria-de-lenguajes-arteterapeuticos/2020>. Acesso em: 28 ago. 2022.

SPASOJEVIC, Milena. A narrative of my self – Glen Martin Taylor. Disponível em: https://fourline.design/blogs/before-after/a-narrative-of-myself-glen-martin-taylor?_pos=1&_sid=bec773883&_ss=r . Acesso em: 30 abr. 2021.

ZINKER, Joseph. **Processo criativo em Gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

Ateliê Arteterapia em CAPS-AD (Centro de Atenção Psicossocial – álcool e drogas)

Iraci Saviani¹

Resumo: Relato sobre minhas experiências em Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas, CAPS-AD, durante 8 anos, atendendo em Ateliê de Arteterapia. Formulo indagações, reflito sobre elas e indico como fui desenvolvendo a prática do ateliê dentro da estrutura do CAPS. Adaptei teste para Histórias em Quadrinhos, propus representações do dia a dia em recorte/colagem, mandalas em telas e o mapeamento simbólico da mão. Também são relatadas as interferências com os elementos água, terra, fogo e ar usados para ativar as transformações. Outros materiais e técnicas, como argila, papel machê, pedras, isogravura, aquarela em seda foram usados como elementos de sensibilização para a expressão e conscientização de sentimentos e abertura de possibilidades para lidar melhor com eles. Muitas histórias de vida foram relatadas e recriadas em arte, nutrindo a força no vir a ser.

Palavras-chave: Centros de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas – CAPS-AD, ateliê de Arteterapia, adicção.

Abstract: My experiences in Psychosocial Care Centers for Alcohol and Drugs, CAPS-AD, for 8 years, working in an Art Therapy Studio. I formulate questions, reflect on them and indicate how I developed the studio practice within the CAPS structure. I adapted the test for Comics, proposed representations of everyday life in cut/collage, mandalas on canvas and the symbolic mapping of the hand. Interferences with the elements of water, earth, fire and air used to activate the transformations are also reported. Other materials and techniques, such as clay, papier-mâché, stones, isogravure, watercolor on silk were used as elements to raise awareness for the expression and awareness of feelings and opening up possibilities to better deal with them. Many life stories were told and recreated in art, nourishing the strength in becoming.

Keywords: Psychosocial Care Centers for Alcohol and Drugs-CAPS-AD, Art therapy atelier, addiction.

A minha experiência em grupos de adultos, com o cuidado no tratamento com dependentes de drogas psicoativas separados pelo tipo de dependência, vem da oportunidade que tive de desenvolver atividades de Arteterapia, por um período de 8 anos, nos CAPS-AD de Barueri e da Capela do Socorro, ambos em São Paulo. Essas atividades foram transcritas em trabalhos apresentados no Congresso Internacional de Arteterapia em Madri 2003, no VIII Congresso Brasileiro de Arteterapia 2008 e no XXVI

¹ Arteterapeuta, arte-educadora e artista plástica, professora no Instituto Sedes Sapientiae.

Congresso Brasileiro de Psiquiatria 2008, com o tema “Arteterapia e Terapia Ocupacional no CAPS-AD”.

No contato com as pessoas dependentes no CAPS, algumas questões surgiram para mim:

a) Como lidar com o desequilíbrio e o desconforto que a dependência de droga traz à vida?

b) Como as fragilidades e “querências” interferem nessa atitude?

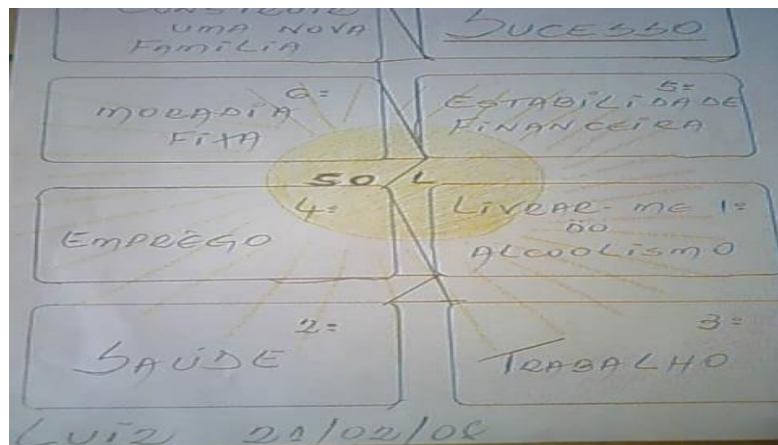
Durante os trabalhos e nas conversas, essas pessoas traziam o tanto de coisas que desejavam na vida, muitas vezes tão distantes de suas realidades, um “quero porque quero” com altas expectativas, e que os levava a frequentes frustrações. Foi então que chamamos esses desejos de “querências”.

Diante de tantas incertezas e tantas perdas que eles tinham na vida, percebi que seria bom trabalhar de forma a favorecer que cada um deles pudesse reconstruir sua independência e equilíbrio na saúde, colaborando para trazer mais conforto à sua vida, valorizando seus potenciais e sua força de vontade própria.

E como fazer isso acontecer, em um ateliê, dentro de uma estrutura do CAPS, trabalhando com a Arteterapia?

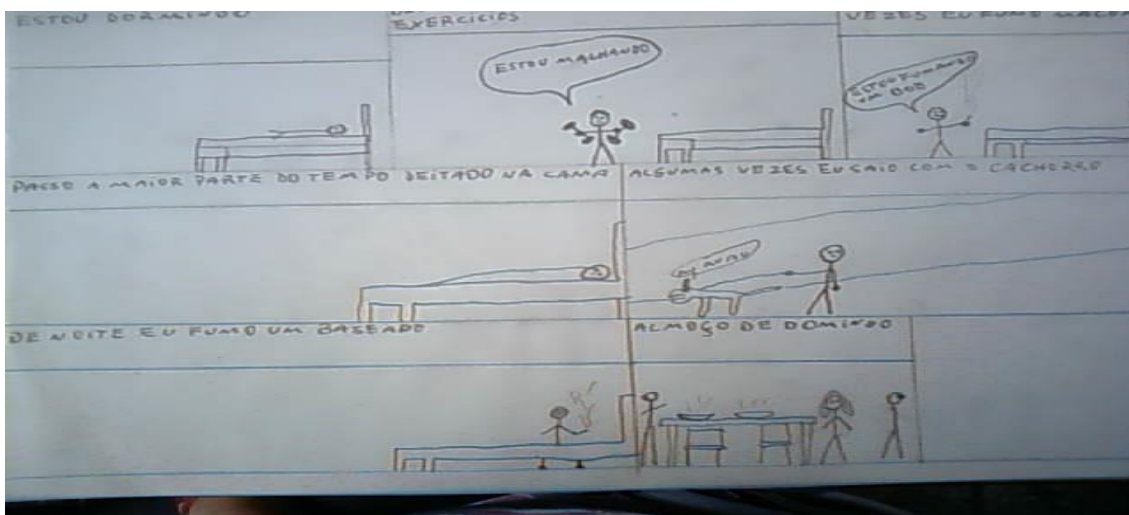
Quando a pessoa chega ao CAPS, passa por uma triagem, em consultas com diversos especialistas e lhe são aplicados testes com a finalidade de conhecer melhor o perfil do paciente.

A estrutura de um desses testes, o ASI (Addiction Severity Index) contém perguntas sobre a história do paciente no que se refere a sua **saúde, vida social, família, moradia, emprego, finanças e lazer**, e era aplicado aos pacientes na chegada ao ateliê de arteterapia. Oferecia lápis de cor e sulfite para cada um compor sua **História em Quadrinhos**, contando momentos significativos de sua vida e levando em consideração os tópicos do ASI, desse modo trazendo, em imagens e palavras, o olhar mais consciente de cada um para sua história e situação atual, como mostra a imagem.



Nos contatos iniciais de 2 horas, de frequência semanal, outras vivências aconteciam, com os temas que listo a seguir: **Cotidiano, O que gosto e não gosto, Mandala, Quiromante de si mesmo.**

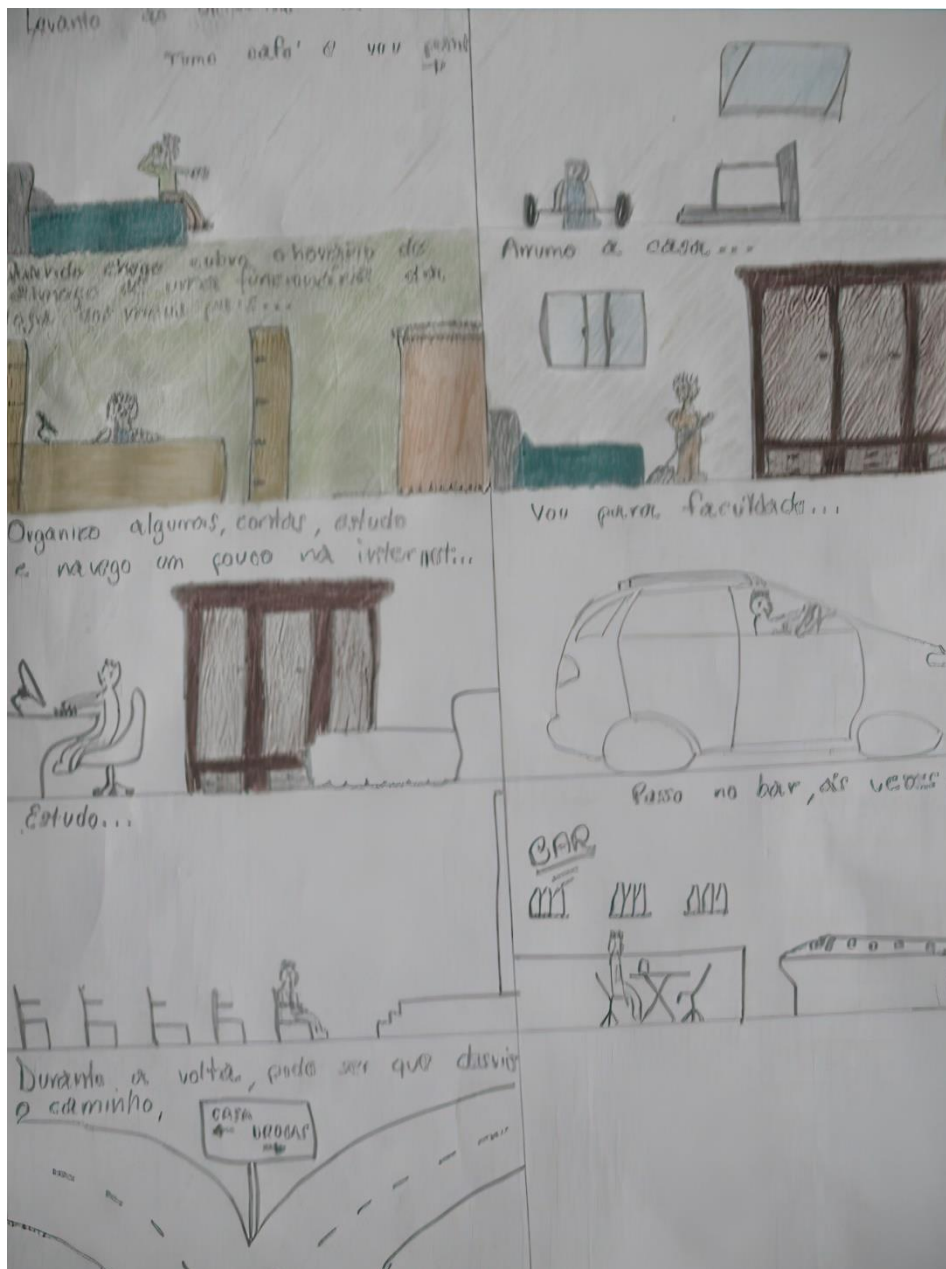
Para trabalhar o tema **Cotidiano**, pedia-se uma história em quadrinhos, com desenhos do seu dia a dia, incluindo a relação com a droga e o momento em que sentiam mais impulso de usá-la. Em seguida, recebiam uma folha de papel vegetal para ser colocada por cima do desenho, pedindo que expressassem em cores o que sentiam em cada momento vivenciado. O objetivo dessa atividade era se conscientizarem e perceberem que atitude transformadora podiam ter diante daquele momento de impulso.



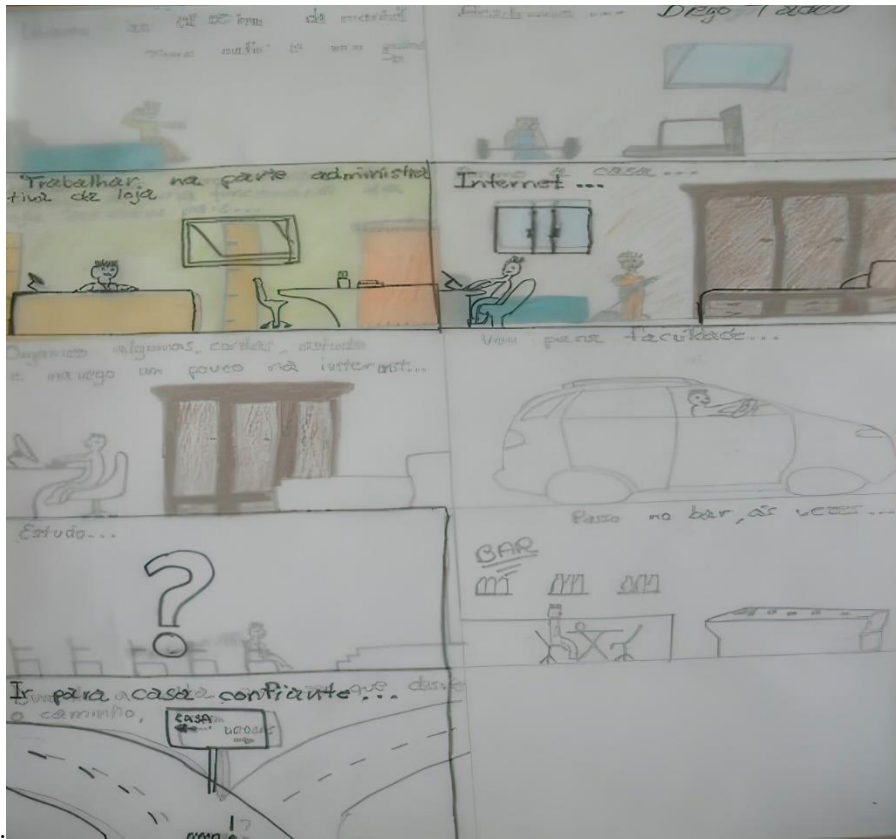
No desenho a seguir, percebemos dois momentos do dia em que o impulso para a droga se manifestava; no seguinte, feito sobre o papel vegetal, a legenda para as cores mais escuras receberam os dizeres “perturbação e relaxamento”. Conversamos sobre a emoção e a consciência desses momentos, para continuar o processo de como poder transformá-los.



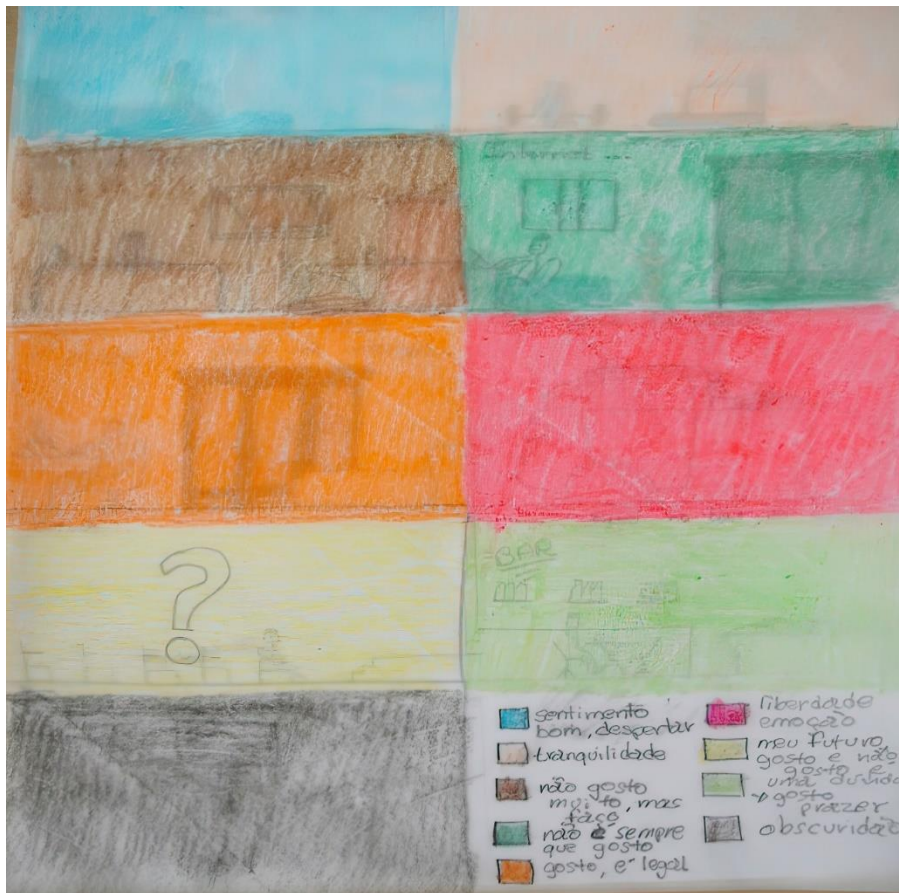
Nesse outro exemplo, vemos que a mudança desejada aparece no campo profissional e que o momento da bifurcação (desenho 1) já aponta para uma escolha mais consciente do caminho (desenho 2 sobre papel vegetal), seguida da frase “ir para casa confiante”, mas o sentimento desse futuro ainda se apresenta obscuro (desenho 3).



Desenho 1.

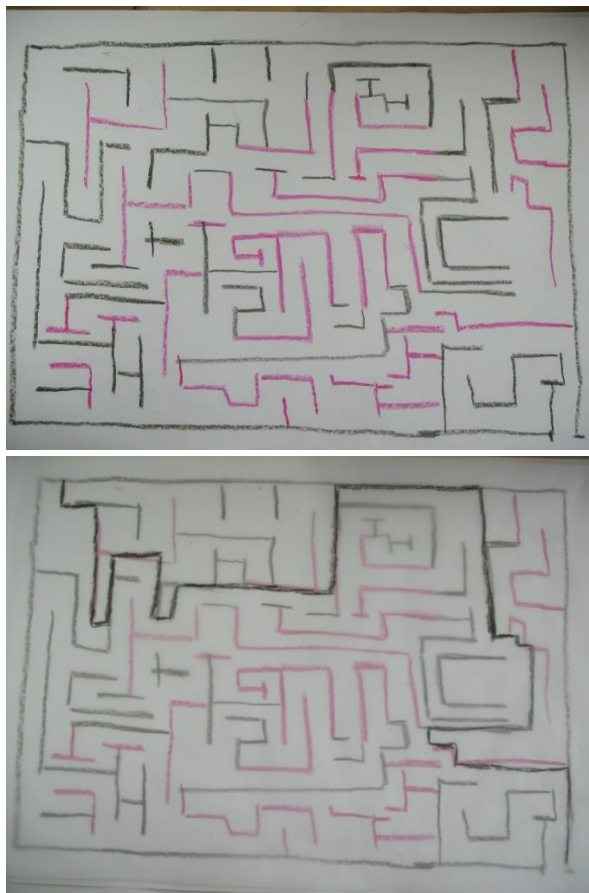


Desenho 2.



Desenho 3.

Para este outro paciente, a expressão de novos caminhos surge nesse labirinto onde se encontra!



A proposta **“O que gosto e não gosto”** foi trabalhada em duas colagens, cujas imagens representavam as escolhas e as “querências” com altos níveis de exigências; por meio delas, puderam perceber como eles e a sociedade atuavam a esse respeito e as reais possibilidades de realizá-las.

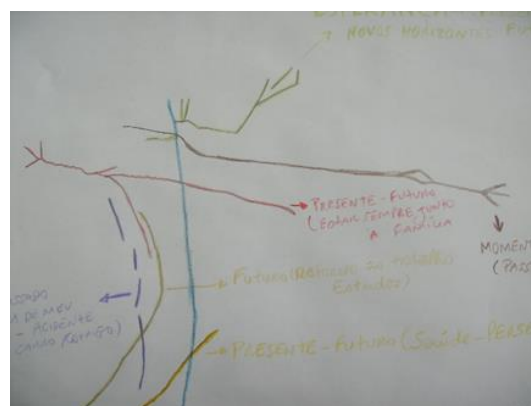
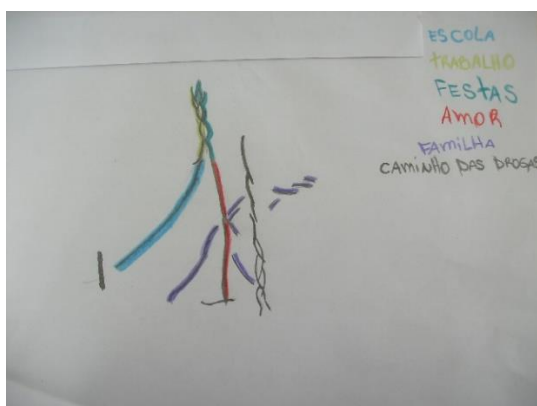
As colagens a seguir retratam o sonho de um homem, morador de albergue como consequência do vício, extremamente mobilizado e confuso diante de sua situação. Criamos um momento de música no ateliê para que ele pudesse tocar violão e reunimos todo o grupo, alguns tocaram os outros instrumentos de percussão, houve cantoria, com momentos muito criativos. Infelizmente, ele teve recaídas, desenvolveu um problema no fígado e acabou falecendo. Situação triste, que muitas vezes enfrentamos no CAPS.



A atividade da **Mandala** propõe uma reflexão a respeito de como cada um visualiza sua vida naquele momento, através de uma interiorização para aquietar-se, sentir-se e então transpor, com lápis aquarela sobre canson, em formas e cores a percepção de sua vida, num todo mandálico, passando depois para a pintura em tela, como forma de firmar a busca pela estrutura, pelo equilíbrio.



Já na proposta a **Quiromante de si mesmo**, a sugestão foi que olhassem para as linhas da sua mão e livremente fossem marcando-as em um desenho. A seguir, brincando de quiromante de si mesmos, conferissem a elas significados, simbolizando-as como linhas da vida entre passado, presente e futuro.



Antes de cada vivência, havia sempre explicações sobre como executá-las e sensibilizações para sair do mental e executar a expressão. Após a produção, seguiam-se conversas, reflexões e trocas, que davam a eles a chance de expor e dialogar sobre os desequilíbrios e desconfortos, como lidar com isso, transformá-los, sendo eles próprios os protagonistas dessas ações, que eram enriquecidas pelas trocas no grupo, com proposições e ideias para atitudes que sentiam ser possíveis no dia a dia.

Terminada essa fase, após vários encontros, entramos em contato mais profundo com os sentimentos. Os mais fortes que brotaram das sensibilizações realizadas foram a raiva e o medo, relatando fatos em palavras e em expressões artísticas diversas.

Esses sentimentos foram cuidados como reais e possíveis, mas exteriorizados de forma a não serem tão destrutivos. O contato com os elementos da natureza pôde ajudar na expressão desses sentimentos e na canalização dessas energias: **Fogo, ao queimar e derreter; Terra, ao modelar com argila; Água, ao pintar com aquarela; e Ar, em exercícios de respiração.**

Lidar com a **raiva** de forma a exteriorizá-la pediu um material como o **fogo** e um ritual para “queimar a raiva” e transformá-la. Eles gostavam muito desse momento e sempre pediam para repeti-lo. Brincavam que esse momento era de “descarrego”. Após uma interiorização, escreviam em cada pedacinho de papel o que lhes trazia a raiva e o que não queriam mais para si, queimavam no fogo da vela e depois escreviam o que desejavam colocar no lugar, vivenciando um ritual forte para reenergizar essas novas propostas.



Da mesma forma, realizavam a pintura queimando e derretendo lápis cera como se estivessem queimando e derretendo sentimentos desconfortáveis, para depois complementar com aquarela, como que lavando e transformando o sentimento.



A **argila** também foi usada como elemento catalisador, com seu poder energético: bater, apertar, furar, ajudaram a liberar toda energia contida de raiva. Além disso, contribuiu para a experiência de desconstrução, construção e reconstrução, levando à percepção da capacidade produtividade e criativa.

Aproveitamos a argila para a criação de dois animais, um do qual a pessoa gostasse e outro de que não gostasse, para dialogar com essas polaridades numa relação metafórica consigo próprio. Na sequência, construíram bonecos em papel machê, trabalhando com os diferentes, mas complementares e formando um todo mais harmonioso, num paralelo com conflitos internos.



Aqui vale citar a participação de indígenas Tupi-guarani que tinham um grupo exclusivo, falavam em guarani entre eles, frequentavam o CAPS e algumas vezes fomos até a aldeia, numa experiência enriquecedora para ambas as partes.

Mencionaram que nunca haviam trabalhado com argila, e com um gesto cuidadoso foram esculpindo e confirmando a relação dos animais com o seu jeito de olhar a vida e que a estética vem do olhar pela natureza. Alguns fizeram o animal relacionando-o à beleza, ao poder de voar, à produtividade, à sorte, por ser tranquilo e

não morder, ou por só ficar bravo quando mexem com ele. Referências diversas: tristeza, respeito ao indígena, reconstrução da família, saudade, felicidade de pescar no passado, falta de peixe e destruição da natureza, saudade da mata fechada.

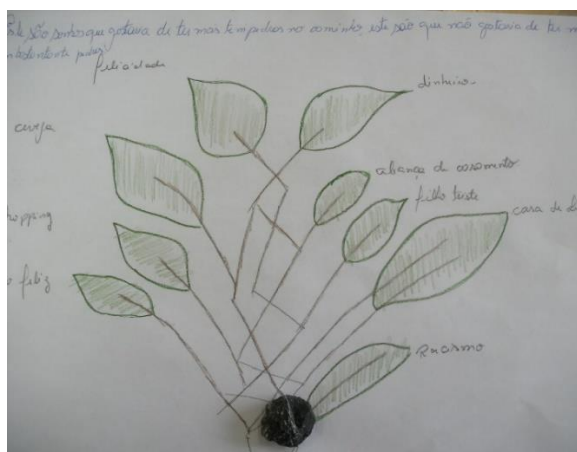
Em uma sensibilização de como sentem o corpo, parte confortáveis e desconfortáveis, assinalaram cabeça, estômago, colocando alguns depoimentos antes, durante e depois do desenho. Um deles diz que bebe para “esquecer os problemas”, e assim esquece, mas percebe que também cria mais problemas; outro desenha “eu com mancha no peito” e diz ficar assim depois que bebe.

Os colares e as pulseiras foram criados e executados por eles. A intenção era que ensinassem uns aos outros, valorizando a própria cultura e estética, em mixagem com a cultura atual, numa troca de saberes, muito rica pelo contato com a natureza.

Outra atividade foi a lapidação do **concreto aerado**, material de forma geométrica que pode ser esculpido ao cutucar, lixar, cavar, dando oportunidade para que a força física movimente a energia de transformação, repensando no que desejo lapidar na minha vida.



Outra metáfora se fez presente quando foram usadas **pedras** para simbolizar a presença da droga e as pedras nos caminhos da vida, com a proposta de trabalhar as soluções para reconstrução.



Novamente, o enfoque da transformação foi apresentado na **gravura**, onde a matriz de isopor foi sulcada pela expressão dos sentimentos de **medo**, e o contato com a coragem, para dialogar com a sensação desconfortável. Na primeira impressão, a matriz como registro do medo sentido; na segunda, a matriz já transformada pela ação da coragem.

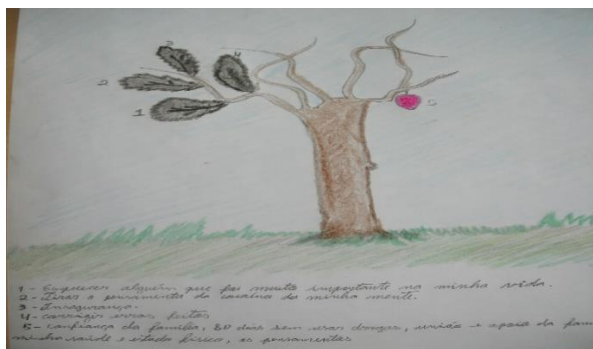


A **aquarela** surgiu no momento em que a energia da água e das cores trouxe à tona a questão da beleza, como fruto do olhar para si, revitalizando a vida e a saúde pelas manchas em cores que podem fazer bem, para se apropriarem de si criativamente.

Um grupo de mulheres se sentiu envolvido por seda pintada, com cores e formas que significavam para cada uma delas o estar mais entregue a si mesmas, respeitando seu estilo pessoal de ser.



Todo esse percurso por entre sentimentos diversos, materiais adequados a cada momento e processos de conscientização, criatividade e transformação permitiu o desabrochar de novas possibilidades e o acreditar no potencial criativo de cada um, fortalecendo as energias para vencer medos, raivas, inseguranças diante da fragilidade que a droga imprimia na vida de cada participante.



As experiências no ateliê terapêutico, em suas diferentes propostas e executadas com materiais diversos, estimularam os pacientes a conhecer mais de perto o desequilíbrio e o desconforto que a droga proporciona e encarar suas fragilidades e “querências”, conhecendo-as melhor para poder lidar com realidade do seu cotidiano.

Rever sua história e recriá-la, acreditando mais no vir a ser e trabalhando o ser total: que sente, pensa e age, mais consciente. Segui nessa direção em busca da reconstrução de um **Ser Humano Criador**, que pode **Ir a Si, Saber de Si, Rever sua história pessoal**, seu estilo pessoal de ser e viver, para trazer algum sentido à sua vida. **Um ser criativo que articula suas polaridades, dicotomias, racionalidade e emoções.**

Ao final de cada encontro, a Caixa do Tesouro, bauzinho com vários papéis com palavras começadas com RE, e que eles iam completando como outras tantas, funcionava como uma confirmação de desejos mais positivos, que eram trocados ao refletir sobre o sentido da palavra sorteada pelo grupo e que ficava como reflexão para a semana. Todas as palavras tinham como prefixo o RE, para reafirmar as possibilidades de **REconstruir, RENovar, REiniciar, REaprender....**



Escrevi um texto que cabe aqui como conclusão de algo que pode nos fortalecer e foi muito restaurador para eles, no momento de contato com tantos desafios!

Poética do RE

Se no presente nos sentimos sem forças para continuar nosso caminho e olhamos para o passado com insatisfação, temos como salvação o **RE**. Momento para **REpensarmos** a nossa condição de seres humanos.

Se a possibilidade de **REsurgir** nos foi dada, temos que ter sempre a esperança de que, quando nos sentirmos "mortos" em vida, poderemos **REencarnar** em nós mesmos, e já. Não precisamos esperar outro corpo físico para vislumbrar e usar essa chance que recebemos.

Essa visão nos traz um sentimento de **REnovação**, de **REnasc**er a cada instante, com um novo olhar para a vida e para fatos do cotidiano.

Esse movimento nos tira do "fundo", da imobilidade, nos traz para "cima", para o movimento de transformação, nos faz perceber o sentido maior de **REcriar** a vida poeticamente, de **REolhar** o que foi, **REformar** o que está sendo, para **REconstruir** o futuro.

Ao se **REligar** com o foco do momento presente, podemos desfrutar do sentido de poder real sobre nossas atuações, perder o sentimento de prisão, de apegos aos fatos que já foram, vencer os medos e darmos mais força para semear no presente, abrindo para a esperança da colheita no futuro.

A **REalização**, sob essa perspectiva, é um fato real: iniciarmos já, com consciência de que sempre podemos e temos esse potencial para ser usado permanentemente.

REencontramos-nos como filhos desta energia criativa maior, feitos à sua imagem e semelhança, no sentido de que somos seres criativos, e **REviver** o ser divino que existe em cada um de nós.

Perceber qual é o caminho de realização do nosso potencial criativo traz para o nosso processo de vida a ação concreta da criação.

Podemos **REdistribuir** esse potencial aos outros, usando nossos talentos para compartilhar com tudo e todos que estão à nossa volta, **REvalidando** o potencial do outro e as nossas ricas diferenças como seres humanos.

Ao atuarmos com maior consciência da nossa natureza criativa, mais clareza das nossas intenções e maior responsabilidade sobre nós mesmos, nos tornamos mais livres para deixar que o resto flua, porque o movimento e a mudança constituem-se como lei natural da vida.

Passamos a **REacreditar** que vale a pena viver por um propósito de **Reconstrução**, fazendo sentido **REorganizar** nossos valores mais íntimos, certos de que eles **REaparecem** nas nossas atitudes e produções cotidianas.

Após alguns anos e tantas Páscoas, ao voltar a esse texto, percebo que muitas palavras com **RE** surgiram, mas uma em especial me fez mais sentido: **REdimir**.

Nosso propósito de vida é a **REdenção**, libertação e expansão da forma, da consciência, para **REvelar** nossos valores divinos, da alma, com os quais nascemos.

REdescobrir, **REdimir** para **REtornar** à nossa natureza divina, nossa essência amorosa, luminosa e criativa, e libertá-la da personalidade e de tudo que a formata e a aprisiona.

Referências bibliográficas

SAVIANI, Iraci. Arteterapia no trabalho com dependentes químicos em instituição de saúde pública. In: CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em Arteterapia**. Arteterapia e Educação. Arteterapia e Saúde. São Paulo: Summus, 2004. p. 159-176.

SAVIANI, Iraci. Art Therapy in the Rehabilitation of Drug Addicts. **European Consortium for Arts Therapies Education (ECArTE)**. Art Therapeutic interventions to special symptoms Phenomenon: Drug Addiction. Madrid, p. 166, s/d.

Arteterapia é coisa séria: será?

*Maria de Betânia Paes Norgren*¹

*Fabiola Mancilha Junqueira*²

*Marcela Mayumi Gomes Kitayama*³

*Valeria Carelli Ferrari*⁴

Resumo: Embora saibamos dos benefícios advindos da Arteterapia, esta especialidade terapêutica nem sempre é “levada a sério”. Muitos profissionais da área deparam-se com barreiras para o pleno exercício de sua prática, que parecem resultar de desconhecimento. Este artigo surgiu do desejo de contribuir para o maior reconhecimento da efetividade da Arteterapia. Visou discutir requisitos e especificidades para a produção acadêmica em Arteterapia, refletir sobre a importância da realização de pesquisa – examinando os desafios e as peculiaridades para a produção na área – bem como mapear a produção brasileira até o presente momento. A revisão teórica realizada permitiu observar que há significativos avanços e conquistas crescentes, especialmente nos últimos quinze anos. Ainda assim, a Arteterapia pode ser considerada especialidade de saber incipiente. Realizar pesquisas é uma ação necessária para a ampla consolidação da Arteterapia e sua viabilização depende tanto de mudanças do sistema acadêmico como da atitude dos profissionais da área.

Palavras-chave: Arteterapia, pesquisa.

Abstract: Although we know the benefits of Art therapy, this therapeutic specialty is not always "taken seriously". Many professionals in the area face barriers to the full exercise of their practice, which seem to result from ignorance. This article arose from the desire to contribute to the greater recognition of the effectiveness of Art therapy. It aimed to discuss requirements and specificities for academic production in Art therapy, to reflect on the importance of conducting research – examining the challenges and peculiarities for production in the area – as well as mapping Brazilian production to date. The theoretical review showed that there are significant advances and increasing achievements, especially in the last fifteen years. Still, Art

¹ Psicóloga, arteterapeuta (Sedes Sapientiae) e doutora em Psicologia Clínica (PUC-SP). Professora e supervisora da especialização em Arteterapia do Sedes e do Infapa (POA). Coordenadora do Núcleo de Assistência Social do Sedes. Co-coordenadora do Grupo de Estudos: Pesquisa em Arteterapia do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

² Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), psicóloga (FMU), jornalista (UAM) e arteterapeuta (Sedes Sapientiae). Pesquisadora do Laboratório de Estudos e Intervenções sobre Luto – LELu, da PUC-SP. Co-coordenadora do Grupo de Estudos: Pesquisa em Arteterapia do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

³ Psicóloga, gestalt-terapeuta (IGSP) e arteterapeuta (Sedes Sapientiae), Mestre em Ciências da Saúde (Unifesp), especialista em Psicologia Hospitalar (ISCMSP) e Neuropsicologia (INESP). Co-coordenadora do Grupo de Estudos: Pesquisa em Arteterapia do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

⁴ Administradora hospitalar (São Camilo), especialista em Gestão da Saúde (CEAHS PROAHSA da FGV-SP), arteterapeuta (Sedes Sapientiae), pós-graduada em Gestão Emocional nas Organizações – IEP Albert Einstein, professora credenciada Cultivating Emotional Balance (CEB, Inc). Professora convidada e co-coordenadora do curso EAD Introdução à Aprendizagem Socioemocional do Instituto Sedes Sapientiae, colaboradora e voluntária do Núcleo de Assistência Social.

therapy can be considered a specialty of new and young knowledge. Conducting research is a necessary action for the broad consolidation of Art therapy and its feasibility depends both on changes in the academic system and on the attitude of professionals in the area.

Keywords: Art therapy, research.

Introdução

Como avaliar a “seriedade” da Arteterapia como uma especialidade profissional? Resumidamente, (a) a conquista da confiança de terapeutas e clientes quanto aos seus benefícios por meio da vivência assistencial ao longo do tempo, (b) um corpo teórico consistente, (c) cursos de formação de qualidade, (d) submissão de suas práticas clínicas e teoria a investigações científicas para que sejam comprovadas e aprimoradas. A formalização profissional por órgãos e políticas governamentais pode ser considerado outro indicador de seriedade.

Cabe lembrar que no ano de 2013 a Arteterapia foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações do Ministério do Trabalho e Emprego (CBO 2263-10) e passou a integrar o quadro de Práticas Integrativas e Complementares do Sistema Único de Saúde em 2017 (Portaria n. 849/2017). Em 2022, a profissão teve mais uma conquista, com a aprovação na Comissão de Trabalho, de Administração e Serviço Público do projeto de lei para regulamentação da profissão de arteterapeuta (PL 3416/2015). O projeto de lei deve passar ainda por mais três instâncias (AATESP, 2022 – Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo).

A capacitação para o exercício profissional de arteterapeuta requer formação específica e consistente, em nível de pós-graduação. Desde 2006, a União Brasileira de Associações de Arteterapia (UBAAT), composta por 12 associações estaduais, visa assegurar a qualidade da formação dos profissionais da área, estabelecendo parâmetros mínimos (SOUZA, 2018), que devem ser seguidos por todos os cursos.

No tópico dos benefícios, vale ressaltar que a Arteterapia tem alcance individual e coletivo. Em uma época marcada pela efemeridade, na qual as pessoas estão cada vez mais voltadas para o mundo exterior, alienadas de si e preocupadas em atender às necessidades de sobrevivência e reconhecimento social, a Arteterapia propicia um retorno, uma reconexão tanto com a realidade interna quanto externa, beneficiando sobremaneira a recuperação da saúde mental. Por meio das expressões artísticas, a arteterapia torna possível o acesso ao mundo interno, o desvelamento das histórias pessoais e a aproximação aos mistérios da vida, dando voz a mitos que acompanham a humanidade há muito tempo e que, por vezes, estão “esquecidos”. A arteterapia enriquece o viver, permitindo “uma experiência de estar vivo, de modo que nossas experiências de vida, no plano puramente físico, tenham ressonância no interior de nosso ser e da nossa realidade mais íntima, de modo que realmente sintamos o enlevo de estar vivos” (CAMPBELL, 1990, p.3).

Arteterapeutas, sejam eles experientes ou iniciantes, bem como seus clientes, conhecem o potencial da Arteterapia como instrumento para ajudar o outro a encontrar o seu caminho, a desvendar seus conteúdos internos e, ao deparar com esse universo interior, conseguir crescer, viver melhor, mais realizado e de forma mais humana e humanitária.

Há vários cursos de formação no Brasil e no mundo. O Curso de Especialização em Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae existe há mais de 30 anos e é considerado um dos marcos históricos da Arteterapia no Brasil (CIORNAI, 2004). Apesar de sua longa trajetória, profissionais da instituição ainda são questionados quanto à seriedade da área, seja por colegas de outras abordagens, profissionais de outras áreas e alguns conhecidos: “E funciona?”.

A seriedade da Arteterapia reside também no entendimento de que a prática arteterapêutica difere do ato puro de fazer arte. Não basta sair fazendo arte, experimentando materiais e técnicas, acreditando que esse processo por si só possibilita “insights” e é enriquecedor, e assim você está fazendo Arteterapia – embora reconheçamos que isso pode ter valor e ajudar no processo de desenvolvimento pessoal e autoconhecimento. As boas práticas em Arteterapia preconizam que o “fazer arte” deve estar a serviço das necessidades de crescimento do outro, definidas a partir do olhar clínico do terapeuta. O exercício profissional ético é fundamental e requer o conhecimento dos alcances, dos limites da intervenção e do uso de recursos arteterapêuticos (RUBIN, 2005; 2019). Fazer Arteterapia com o outro é ir além. É adentrar um campo rico, com diversas possibilidades, ancorado em uma relação de cuidado e que requer estudo e aprofundamento.

A força da teoria associa-se à prática clínica, à capacidade de pensar sobre tal prática e de produzir conhecimento e, para tanto, a pesquisa é recurso fundamental. Desta forma, o desejo de contribuir para que a Arteterapia seja cada vez mais reconhecida como especialidade terapêutica séria, com fundamentação teórica condizente, motivou a criação do Grupo de Estudos de Pesquisa em Arteterapia do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae em abril de 2022. Este artigo é resultado dos debates e reflexões desse grupo e tem como objetivo apresentar e discutir as questões que impactam o campo da pesquisa em Arteterapia no contexto brasileiro.

Sobre a Arteterapia

A Arteterapia foi assim apresentada pela UBAAT (2022):

A Arteterapia, que é o uso da arte como base para um processo terapêutico, propicia resultados em breve espaço de tempo. Visa estimular o crescimento interior, abrir novos horizontes e ampliar a consciência do indivíduo sobre si mesmo e sobre sua existência. Utiliza a expressão simbólica, de forma

espontânea, através de modalidades expressivas como: pintura; modelagem; colagem; desenho; tecelagem; expressão corporal, sons, músicas, criação de personagens, dentre outras, mas utiliza fundamentalmente as artes visuais. (UBAAT, 2022)

Na mesma linha de compreensão, a AATESP afirma:

A Arteterapia insere-se dentro de um contexto de exploração criativa e valorização do sensível, viabilizado por meio da utilização dos recursos artísticos expressivos. Desta forma, a interação inata entre o sujeito e o mundo dos fenômenos é descoberta (ou resgatada) e integrada por meio do ato criativo e do produto da criação no contexto propício ao desenvolvimento do sujeito e dos acontecimentos, ou seja, no contexto arteterapêutico. O universo da arte é fonte de transformações, e o sujeito criador, aquele que dá forma ao incorpóreo. Nessa conexão, a vida tende a pulsar e possibilidades várias de compreensão da natureza das coisas e do ser humano fazem-se iminentes. Sendo assim, a arteterapia caracteriza-se por possibilitar que qualquer indivíduo entre em contato com seu próprio universo interno, com aqueles que estão a sua volta e com o mundo. (AATESP, 2022)

Vale enfatizar que Arteterapia é ciência e ciência de interface. Implica em conhecimento profundo de diversas áreas: das Artes (métodos, técnicas, histórias, possibilidades), dos processos criativos, da Psicologia (visão de homem, noções de desenvolvimento e processos de cura) e do que acreditamos ser um processo terapêutico - uma relação de ajuda, a relação privilegiada que se estabelece entre o arteterapeuta e seu cliente. A proposta de uma atividade decorre de todo um pensamento clínico que antecede a intervenção e que deve levar em conta os aspectos acima mencionados. Mas sem rigidez, porque, em consonância com uma atitude fenomenológica, devemos estar atentos e flexíveis para seguir o caminho que o cliente nos propõe; afinal de contas, a Arteterapia deve estar a serviço do outro e do seu desenvolvimento (emocional, psicológico, social e espiritual).

O atendimento em Arteterapia pode ter diferentes abordagens e enfoques, dependendo da linha teórica que o arteterapeuta siga; alguns podem ser gestalterapeutas, psicanalistas, junguianos, comportamentais e de outras vertentes humanistas. Por exemplo, em um atendimento de Arteterapia com abordagem gestáltica, o arteterapeuta pode propor uma atividade (experimento) que ajude o cliente a desvelar o que acontece naquele momento da sua vida, ao passo em que um arteterapeuta junguiano pode deixar a atividade mais livre, para que o inconsciente do cliente se manifeste. Ou, ainda, um arteterapeuta de viés psicanalítico interpreta esse processo em função da sua abordagem, enquanto um humanista ajuda o cliente a descobrir o sentido que a obra tem para si próprio. Deve-se levar em consideração que, além dos pressupostos teóricos e epistemológicos de cada abordagem teórica, há o

estilo pessoal de cada arteterapeuta, que também vai interferir na escolha de materiais, nas técnicas utilizadas e na forma como o conteúdo será trabalhado.

De acordo com a Associação Profissional Espanhola de Arteterapeutas e a Associação Americana de Arteterapia (AATA), a Arteterapia é uma metodologia que, através do fazer artístico, gera processo individual de transformação e crescimento. Essas associações apresentam diretrizes clínicas para o reconhecimento da Arteterapia, bem como evidências para a recomendação, no tratamento, reabilitação e prevenção de diversos transtornos psicológicos, cognitivos, comportamentais e neurológicos. Citam que diferentes agências governamentais em todo o mundo estabeleceram políticas públicas e recomendações baseados nessas evidências.

Panorama das pesquisas científicas na área da Arteterapia

De forma promissora, desde o ano 2000, os efeitos da arte na saúde e no bem-estar das pessoas têm sido foco de um número crescente de pesquisas.

Essa foi a constatação do relatório produzido pela regional europeia da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2019). Diante do maior interesse no desenvolvimento de práticas e políticas sobre o tema, o relatório objetivou responder a seguinte questão: “Quais são as evidências do papel das artes na saúde e bem-estar?”. Foram reunidas pesquisas publicadas nos idiomas russo e inglês, realizadas no período de 2000 a 2019 e analisadas através do método *Scoping Review*. Ao todo, foram encontrados mais de 3.000 estudos que abordavam o papel das artes na prevenção de doenças, na promoção da saúde e no manejo e tratamento de doenças no ciclo de vida. As revisões abrangeram estudos de várias naturezas – estudos de caso, etnográficos, longitudinais, projetos-piloto etc. – e variados métodos. Destes, destacam-se 900 publicações de estudos baseados em evidências. Mais de 200 dos artigos se referiam a revisões da literatura, revisões sistemáticas, meta-análises e meta-sínteses. Constatou-se o potencial da Arte em impactar positivamente tanto a saúde mental como a física, em duas grandes áreas: Prevenção e Promoção; Manejo e Tratamento (JUNQUEIRA, 2021). Além disso, ficou evidente o reconhecimento do caráter multidisciplinar da Arteterapia, justificativa para o esforço da OMS de buscar estabelecer relações entre estudos tão variados do ponto de vista teórico e metodológico (FANCOURT; FINN, 2019).

Um estudo específico sobre a Arteterapia foi realizado por um grupo de pesquisadores espanhóis (RODRIGUES NOVO *et al.*, 2021). O objetivo foi investigar as tendências da pesquisa em Arteterapia através de análise bibliométrica de publicações indexadas no portal *Web of Science*. Foram selecionados 563 trabalhos, publicados em 250 periódicos, no período entre 1958 e 2021. Os pesquisadores constataram que no período de 1958 até 1977 apenas dois artigos foram publicados. A partir de 2012, observaram tendência de alta, com um pico de 61 artigos publicados em 2018. Em todo o período, os Estados Unidos lideram a vanguarda na pesquisa em Arteterapia, com 316

publicações, seguidos por Israel com 99 e o Reino Unido com 69. Além disso, foram identificadas 4 tendências temáticas.

- *Período 1 (1994-1999)*: principais intervenções e estudos envolviam o ambiente hospitalar ou institucional, voltados para crianças e adolescentes, com as técnicas de desenho, colagem, fotografia.
- *Período 2 (2000-2005)*: maior variabilidade temática. Intervenções para pacientes oncológicos, experiências com pessoas saudáveis (relações familiares, adolescentes e gestantes). Arteterapia como ferramenta de diagnóstico, intervenções extra-hospitalares desenvolvidas em ambulatórios, comunidade ou ensino. População adulta no centro das atividades arteterapêuticas. As terapias integram dois ou mais tipos de atividades artísticas e psicológicas.
- *Período 3 (2006-2010)*: diversas abordagens teóricas e metodológicas, assim como inclusão dos ambientes virtuais e jogos de vídeo digital nos experimentos de Arteterapia. A formação profissional é abordada, assim como pacientes com doenças crônicas e estresse pós-traumático em veteranos de guerra. São combinadas diferentes modalidades de atividades e trabalhos artísticos.
- *Período 4 (2011-2020)*: uso de computadores e outros recursos digitais se consolidam. Temas relevantes: sintomas comportamentais, psicológicos e de comunicação, dificuldades psicossociais. Temas anteriores em menor escala de publicação. As modalidades artísticas tradicionais, como desenho, pintura, fotografia, modelagem, construção com materiais não convencionais, são associadas às diversas técnicas multimídia e de animação.

Os pesquisadores concluíram que a capacidade da Arte de ampliar horizontes pessoais concede a quem se beneficia deste fazer criativo um caráter polivalente, multifacetado, possível de ser concebido em diversos ambientes de aplicação. Destacaram ainda que o aumento no número de publicações e investigações é indicador do também crescente interesse pela Arteterapia, podendo ser direcionado para novas temáticas de pesquisa.

De forma alarmante, nenhum dos estudos mencionados incluiu pesquisas brasileiras. Fica evidente o fato de que arteterapeutas brasileiros não publicam suas pesquisas em bases de dados indexadas de alcance internacional. Tais bases são plataformas virtuais que reúnem periódicos científicos que atendem a determinados critérios metodológicos. Tais critérios visam garantir a qualidade dos estudos e da publicação e, por conseguinte, a confiabilidade das informações divulgadas pela comunidade científica em geral. Embora possam variar quanto ao nível de exigência, um critério sempre presente é a “revisão por pares”. Desta forma, o estudo a ser divulgado

será previamente avaliado por especialistas da área do autor/pesquisador quanto à correção teórica, técnica, metodológica e sobre aspectos éticos.

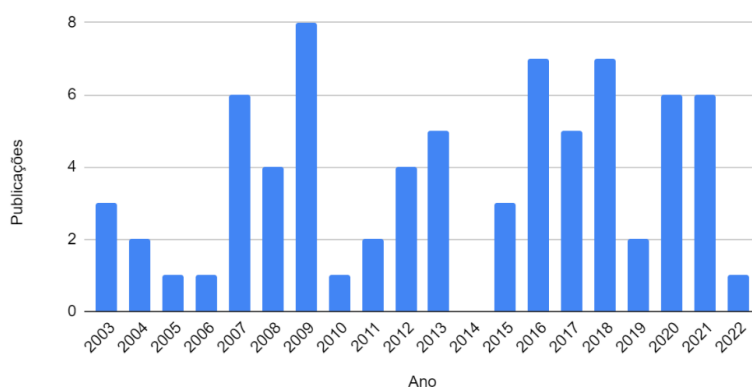
Se não estão em bases de dados indexadas, onde se encontram os estudos brasileiros?

De acordo com Souza (2018, p.108), “no Brasil foram produzidos mais de 2500 trabalhos acadêmicos, que demonstram a eficácia da Arteterapia no tratamento de diversas populações”. Tais estudos, em sua grande maioria, são trabalhos de conclusão de curso de especialização que não resultam em publicações e acabam tendo sua divulgação limitada. Vale ressaltar que até 2022, foram realizados quatorze congressos nacionais e sete latino-americanos.

Na visão de Sei (2015), a produção acadêmica brasileira sobre Arteterapia é bastante escassa. A autora pesquisou o descritor Arteterapia nas bases de dados SciELO, PePSIC e LILACS no período de 1990 a 2014, tendo encontrado 37 artigos indexados. Destes, 18 foram publicados de 2010 a 2014. Os dados, a seu ver, refletem a ausência de programas de pós-graduação *stricto sensu* em Arteterapia, que implica na necessidade de que esta área do conhecimento seja pesquisada por meio de programas de Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em áreas afins. Acrescente-se a isso o fato de as revistas sobre o tema serem poucas, não indexadas e não pertencentes a institutos de pesquisa, o que onera seu financiamento, produção e divulgação. Autores da área parecem preferir publicar livros, provavelmente por ofertarem maior reconhecimento pelo público-alvo dos arteterapeutas.

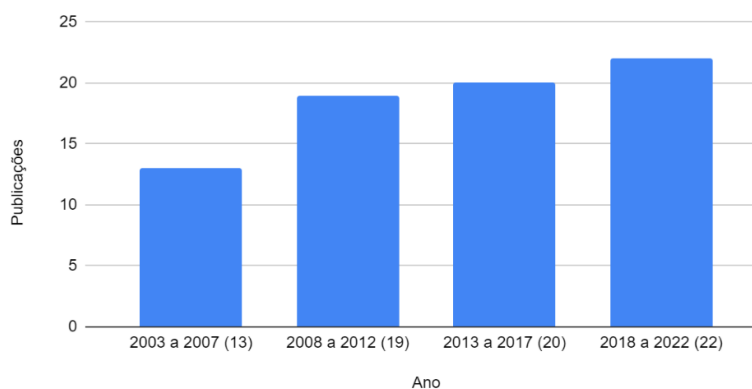
A inexistência dos programas de pós-graduação *strictu-sensu* em Arteterapia é constatada em consulta ao portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES, 2022), que reúne as dissertações de mestrado e teses de doutorado concluídas nas universidades brasileiras. Breve levantamento realizado por nosso grupo de autoras para o presente artigo, a partir da palavra-chave Arteterapia, resultou que, no período de 2003 a setembro de 2022, foram realizados 74 trabalhos acadêmicos, sendo 62 dissertações de mestrado e 12 teses de doutorado. Ao longo de todo o período, embora se observe tendência de aumento do número de publicações, especialmente a partir de 2007 (*vide* gráfico 1), este pode ser considerado um crescimento discreto (*vide* gráfico 2) e irregular, se considerarmos as produções anuais (*vide* gráfico 1).

Gráfico 1: Distribuição dos trabalhos acadêmicos em Arteterapia no período de 2003 a 2022 - Portal Capes



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras.

Gráfico 2: Distribuição de trabalhos acadêmicos em Arteterapia agrupadas em períodos de 5 anos - Portal Capes



Fonte: Gráfico elaborado pelas autoras.

Tais produções concentram-se maioritariamente em Psicologia (23 trabalhos), Educação (12), Medicina (8) e Enfermagem (7), seguidos de mais 17 áreas diversas (*vide* tabela 1).

Tabela 1: Áreas de Concentração de trabalhos acadêmicos em Arteterapia no portal da CAPES	
Psicologia	23
Educação	12
Medicina	8
Enfermagem	7
Teologia/Ciências Religiosas	4

Saúde Coletiva	3
Linguística/Letras	2
Saúde e Gestão do Trabalho	2
Antropologia	1
Teatro	1
Fonoaudiologia	1
Reabilitação do Equilíbrio Corporal	1
Gestão Social	1
Práticas Socioculturais	1
Educação em Qualidade de Vida e Ciências Químicas	1
Ciências Humanas	1
Políticas Públicas	1
Artes	1
Patrimônio Cultural	1
Fisiopatologia Experimental	1
Biociência e Saúde	1

Fonte: tabela elaborada pelas autoras.

Também são escassas as pesquisas em Arteterapia relacionadas a outros temas de pesquisa, como menciona Junqueira (2021) em sua dissertação de mestrado acerca da Arteterapia como recurso de cuidado a enlutados. De acordo com a autora:

Com o objetivo de mapear a atuação recente de arteterapeutas brasileiros especificamente no cuidado a enlutados, foram realizadas buscas nas revistas brasileiras de arteterapia, a Revista da AATESP (2010-) e a Revista Cores da Vida (2005-), considerando o período de cinco anos entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020 (JUNQUEIRA, 2021, p.57) [...] apenas um artigo, em cinco anos de publicações brasileiras, trouxe referências válidas de teorias e estudos que fundamentam essa prática. Há também a questão da escassa publicação de arteterapeutas brasileiros em relação à atividade prática realizada no país. Isso dificulta a compreensão dos trabalhos que, de fato,

estão sendo realizados, além de prejudicar o registro histórico, o desenvolvimento da área ao longo do tempo, o compartilhamento de conhecimento desenvolvido e o reconhecimento internacional. Vale lembrar que, com referência à participação em fóruns internacionais, destaca-se a atuação dos brasileiros pioneiros no cuidado à saúde pela arte, Dr.^a Nise da Silveira e Dr. Osório César. (JUNQUEIRA, 2021, p. 61)

Desafios e particularidades da pesquisa em Arteterapia

A Arte e, por consequência, a Arteterapia, têm especificidades que desafiam a realização da pesquisa científica neste campo. Embora a Arteterapia seja campo relativamente novo, já há algum tempo autores se preocupam com a produção do conhecimento na área.

Para McNiff (2000), o conhecimento artístico é diferente do conhecimento intelectual, sendo que esta distinção constitui a base de seu valor criativo, poder terapêutico e futura importância para a pesquisa. A pesquisa baseada em Arte nasce de uma crença na força do processo criativo e um interesse pelas relações com imagens: “Devemos pensar nesse campo como modo primário de investigação e não como fonte de dados para análise psicológica convencional” (MCNIFF, 2000, p. 42).

McNiff (2000) aponta a necessidade de criar novos tipos de pesquisa em Arteterapia, condizente com o processo artístico. Seria importante desenvolver pesquisa baseada em Arte, ou seja, cujo método de investigação tenha a Arte como objeto. Afirma ainda que “o fazer artístico do pesquisador pode ser usado como meio para compreender o significado do que fazemos” (MCNIFF, 2000, p.13). De acordo com esse autor, temas essenciais ao realizar pesquisa em Arteterapia seriam:

- compreender melhor como o conhecimento artístico é diferente do conhecimento científico (questão epistemológica);
- desenvolver métodos e questões que surjam do caráter único da experiência da Arte e sua aplicação em terapia;
- determinar como e em quais momentos os métodos de pesquisa da ciência de comportamento convencional podem ser usados para ampliar a compreensão da experiência criativa em Arteterapia.

Allen (1992) sugere que, para além da metodologia tradicional, arteterapeutas devem utilizar recursos da Arte e de outras ciências para desenvolverem seus estudos, tais como História da Arte, Linguística e Antropologia. Recomenda o uso de pesquisa pessoal com métodos de Arteterapia, grupo de estudo ou suporte para auxiliar enquanto realiza a pesquisa e, caso necessário, poder contar com o auxílio de especialistas para colaboração e aconselhamento.

Gantt (1992) lembra que estudar o “significado” de símbolos particulares ou imagens é só uma parte da pesquisa em Arteterapia; que aspectos estruturais ou formais (como o uso do espaço ou grau de integração) também merecem atenção; assim como o vocabulário utilizado para descrever os trabalhos de Arte. Atenta para o fato de que se nos faltam termos descritivos, deveríamos desenvolvê-los até que tenhamos um vocabulário comum. Seria importante utilizarmos descrições mais cuidadosas para que façamos afirmações mais acuradas e pensadas sobre a Arte. Além disso, seria importante estudar os efeitos dos fatores culturais e sociais na arte de seus clientes.

Janie Rhyne (1992), por exemplo, afirma que a pesquisa em Arteterapia deve contemplar a riqueza do conhecimento intuitivo e o rigor dos experimentos controlados e que há muitas maneiras de conceber e finalizar uma pesquisa, ampliar nossos conhecimentos e conduzir avaliações que deem credibilidade às nossas abordagens e técnicas terapêuticas. Mas todas essas maneiras exigem estudo sistemático. Afirma que as modalidades mais utilizadas nas pesquisas em Arteterapia são: a *Post Facto*, a Exploratória e os Estudos de Caso.

Rhyne (1992) sugere que para realizar uma boa pesquisa em Arteterapia alguns pontos devem ser observados: (1) escolher área que seja do interesse do pesquisador; (2) levantar quais questões ele tem interesse em responder; (3) definir a orientação teórica do pesquisador; (4) observar quais suposições são assumidas como certas e quais não são questionadas; (5) estabelecer proposta geral e objetivos específicos; (6) fazer revisão da literatura sobre o tema; (7) definir os termos utilizados; (8) estabelecer delimitações e limitações, metodologia e procedimentos.

Ainda comenta que toda pesquisa tem limitações e vieses e que cada plano de pesquisa refletirá a visão pessoal do autor. Assim, segundo Rhyne (1992), o pesquisador deve ser capaz de perceber quais dos seus interesses, questões, teorias e hipóteses podem ser integradas num estudo sistemático de fenômenos observáveis e quais pertencem aos reinos mais filosóficos do discurso, da lógica e especulação.

A preocupação com o viés pessoal nas pesquisas em Arteterapia é compartilhado por Machioldi (1992). Segundo ela, seria importante o pesquisador realizar cuidadoso autoexame, questionar as fontes de afirmações pessoais e dos outros, além de procurar outros profissionais que possam auxiliar no planejamento, elaboração e condução da pesquisa, não só arteterapeutas, mas cientistas sociais, antropólogos, educadores.

Junge e Linesch (1992) afirmam que é fundamental analisar a relação do pesquisador com seu tema; explorar as concepções fundamentais em Arteterapia e reconhecer o estilo pessoal. Dessa forma, contribui-se para desenvolver a identidade como pesquisador em Arteterapia, sem sacrificar a tendência para trabalhar de forma intuitiva e metafórica.

Outros autores afirmam que, embora diferentes, Ciência e Arte constituem maneiras de explicar o mundo e a existência humana, produzem conhecimento e

questionamento sobre a realidade externa e interna. Assim sendo, a pesquisa em cada uma dessas áreas e na Arteterapia em si enriquece cada um dos campos e a capacidade de situar as possíveis intervenções.

A professora Luana Veiga, do Departamento de Artes da UFPR (STANGA, 2019), afirma que, para analisar as pesquisas artísticas, é preciso diferenciar os estudos *em* arte dos *sobre* arte. Enquanto na pesquisa em arte o processo de fazer arte é a própria pesquisa, no estudo sobre arte o objeto de investigação é a obra, o fenômeno artístico finalizado e definido.

Mesmo que o método artístico possa ser mais livre que o científico, a separação entre racionalidade na ciência e intuição na arte não é correta, pois, segundo as pesquisadoras da Universidade Federal do Paraná (STANGA, 2019), o cientista utiliza a lógica e a razão em suas investigações, mas também precisa de criatividade para desenvolver suas teorias. Da mesma forma, o artista, para realizar sua obra de arte, recorre à técnica, não só à subjetividade. Ambos produzem conhecimento sobre o mundo e sobre a existência humana.

Considerações finais

Em função de tudo o que foi exposto, consideramos que a Arteterapia no Brasil avançou muito nos últimos 30 anos. Foram realizadas intervenções sérias e eficazes, assim como há cursos de especialização de qualidade em várias partes do país.

Os últimos quinze anos, em especial, concentram os marcos de reconhecimento governamental, bem como o aumento dos números de trabalhos acadêmicos, evidenciando a tendência ao reconhecimento e à expansão da Arteterapia. Podemos considerar que é um campo ainda novo, em que as sementes lançadas germinaram, frutos já estão sendo colhidos, mas há ainda trabalho pela frente, seja para a conservação do que está posto, seja para ampliar o cultivo.

Acreditamos que para que essa área de conhecimento possa se consolidar ainda mais – ter trocas com outros campos de saber e ter cada vez mais a sua especificidade valorizada e reconhecida – como válida, efetiva e importante no desenvolvimento pessoal, enfrentamento do sofrimento humano e promoção de saúde, torna-se explícita a necessidade de realizar pesquisas em Arteterapia.

É fundamental que possamos ter revistas indexadas, artigos publicados em periódicos que possam ser consultados por pares acadêmicos no Brasil e ao redor do mundo, assim como pesquisas que possam ser comprovadas e replicadas.

Junto a esses fatores do sistema acadêmico mais amplo, é preciso considerar a atitude pessoal dos arteterapeutas. Reconhecemos que a atividade de pesquisa nem sempre é atraente aos profissionais de nossa área. Com frequência, o pensamento científico é associado a uma “sistematização reducionista” que ameaça a “sensível

liberdade criativa” do fazer artístico e arteterapêutico. Como foi apresentado, há entre estas polaridades possibilidade de diálogo, articulação e enriquecimento. Cabe aos arteterapeutas enfrentar mais esse desafio!

Referências bibliográficas

AATESP (Associação de Arteterapia do Estado de São Paulo). Disponível em: <https://www.aatesp.com.br/aatesp/arteterapia>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ALLEN, P.; GANTT, L. Guidelines for getting started in research. *In*: WADESON, H. (ed.) **A guide to conducting art therapy research**. Mundelein: American Art Therapy Association, 1992. p. 25-29.

CAMPBELL, J. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CAPES. **Portal de Periódicos**. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscaador-primo.html>. Acesso em: 20 set. 2022.

CIORNAI, S. Apresentação. *In*: CIORNAI, S. **Percursos em Arteterapia**: Arteterapia gestáltica, Arte em psicoterapia e supervisão em Arteterapia. São Paulo: Summus, 2004. p.7-20.

COSTA RX. Arteterapia & artes visuais: aproximações contemporâneas. **Cartema**, v. 1, n. 1, 2012.

FANCOURT, D.; FINN, S. **Health Evidence Network (HEN) synthesis report 67**: What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being? A scoping review. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 2019. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/publications/abstracts/what-is-the-evidence-on-the-role-of-the-arts-in-improving-health-and-well-being-a-scoping-review-2019>. Acesso em: 17 jan. 2020.

JUNGE, M. B.; LINESCH, D. Art therapists’ ways of knowing: toward creativity and new paradigms for art therapy research. *In*: WADESON, H. (ed.) **A guide to conducting art therapy research**. Mundelein: American Art Therapy Association, 1992. p. 87-92

JUNQUEIRA, F. M. **Arteterapia e luto**: uma revisão integrativa. 2021. 133 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

MALCHIODI, C. Minimizing bias in art therapy data. *In*: WADESON, H. (ed.) **A guide to conducting art therapy research**. Mundelein: American Art Therapy Association, 1992. p.33- 38.

McNIFF, S. **Art Based Research**. London: Jessica Kingsley Publishers, 2000.

RHYNE, J. How ideas are generated for research. *In*: WADESON, H. (ed.) **A guide to conducting art therapy research**. Mundelein: American Art Therapy Association, 1992. p.15-27.

RODRIGUEZ NOVO, N.; NOVO MUÑOZ, M. M.; CUELLAR-POMPA, L.; RODRIGUEZ GOMEZ, J. A. Trends in research on Art Therapy indexed in the Web of Science: A bibliometric analysis. **Frontiers in Psychology**. 2021 Nov 19; 12:752026. doi: 10.3389/fpsyg.2021.752026. PMID: 34867642; PMCID: PMC8639497.

RUBIN J. Foreword. *In*: DI MARIA. **Exploring Ethical Dilemmas in Art Therapy**. Routledge, 2019.

SEI, M. B. A pesquisa e as publicações em Arteterapia no Cenário Nacional. **Revista de Arteterapia da AATESP**, v. 6, n. 2, 2015, p. 68-81. ISSN 2178-9789.

SOUZA, O. R. **Conexão com o Sagrado** – processos em Arteterapia. Campinas: Labour Editora, 2018.

STANGA, I. Arte e ciência, razão e intuição: conheça a relação entre esses campos e a produção artística na UFPR. **Notícias Agência Escola**, UFPR, 2019. Disponível em: <http://www.agenciacomunicacao.ufpr.br/sit>. Acesso em: 13 ago. 2022.

UBAAT (União Brasileira de Associações de Arteterapia). Arteterapia. Disponível em: <https://www.ubaat.com.br/#arteterapia>. Acesso em: 10/06/2023.

WHO – WORLD HEALTH ORGANIZATION. **What is the evidence on the role of the arts in improving health and well-being?** Documento eletrônico. Copenhagen, DK: World Health Organization Regional Office for Europe, 2019. Disponível em: https://www.euro.who.int/__data/assets/pdf_file/0020/412535/WHO_2pp_Arts_Factsheet_v6_a.pdf. Acesso em: 17 jan. 2020.

Experiências psicológicas, psicoterapia e arteterapia em tempos de pandemia

(Palestra apresentada em 2022 no Congresso Brasileiro de Arteterapia em Belo Horizonte)

Selma Ciornai¹

Nesta apresentação considero as experiências emocionais que estamos vivenciamos neste período de pandemia; a importância que a presença de um/uma terapeuta pode ter nesta época; como a arte e a arteterapia podem se tornar aliados neste período de isolamento; o poder da arte em situações traumatogênicas; e as possibilidades de desenvolver processos de arteterapia pela Internet.

Gostaria de iniciar compartilhando o que percebi emergindo como experiências emocionais para todos nós neste período de pandemia. Nas palavras de Vinicius de Moraes, em Soneto da separação:

De repente do riso fez-se o pranto

[...]

E das mãos espalmadas fez-se o espanto

De repente da calma fez-se o vento

[...]

E do movimento imóvel fez-se o drama

De repente, não mais que de repente

Fez-se de triste o que se fez amante

E de sozinho o que se fez contente

Fez-se do amigo próximo o distante

[...]

De repente, não mais que de repente

¹ Dra. em Psicologia Clínica, Gestalt-terapeuta, Arteterapeuta, Membro Honorário da UBAAT e da AATESP.

Vivemos uma situação nova, de ruptura com tudo o que conhecíamos da nossa cotidianidade, frente a uma ameaça invisível que nos colocou em isolamento (para quem pôde, pois para quem não pôde o risco foi bem maior) e diante da incerteza e do desconhecido em relação ao que estava por vir. O que era previsível, controlável, deixou de ser, a possibilidade de autorregulação diante dos fatos ficou mais difícil, porque o campo mudou drasticamente, e isso nos fragilizou, nos tornou mais vulneráveis. Nossa capacidade de ajustamentos criativos e de resiliência foi muito mais exigida. E, nem sempre damos conta. Do ponto de vista psicológico, essas situações geraram emoções diversas, que às vezes se sucedem, às vezes se alternam. Incredulidade, negação, raiva, medo, tristeza, angústia, sensações dolorosas de solidão, de luto pelo mundo conhecido, pelas finanças que não são mais as mesmas, pelos amigos que não mais encontramos, junto a sentimentos de desespero, desamparo, além de somatizações como contrações na coluna dores de cabeça, gastrite etc. Também ocorreram vários comportamentos aditivos, como comer, beber, fumar demasiado, e até o consumo de drogas como forma de aliviar emoções e preocupações pesadas demais. Sem falar nas pessoas idosas, para as quais a necessidade de isolamento foi muito difícil.

Alguns desses medos, preocupações, conflitos, em casais e famílias por exemplo, já existiam antes, mas de forma muito menos intensa e camuflados por todas as atividades que ocupavam nosso cotidiano que não nos permitiam um olhar mais agudo para os nossos relacionamentos e nosso eu mais sensível. E na situação que vivemos, veem à tona com muito mais força. Outros sentimentos são novos para nós, e nos deixaram aturdidos, sem chão, com sentimentos às vezes de ansiedade e de um enorme desamparo.

Processar tudo isso sozinhos não é fácil. Porque por mais que compartilhemos muito com nossos amigos em grupos de WhatsApp, compartilhamos mais notícias políticas, piadas, músicas, mas o que se passa na nossa intimidade, principalmente para nós, terapeutas, é com pouquíssimas pessoas, ou quase ninguém, que compartilhamos. Nem sempre temos realmente com quem abrir nossos corações, partilhar e considerar o que a gente sente. E é aí que a possibilidade de um atendimento terapêutico tem sido valiosa.

Terapia em época de pandemia

Sou psicóloga, Gestalt-terapeuta e arteterapeuta, e como vários colegas passei a atender *online*. E o que percebi é que poder expressar, elaborar e comunicar nossos sentimentos em diálogo com alguém que nos escuta com atenção, que nos convida a um espaço de intimidade, no qual podemos olhar para nós mesmos de uma forma mais profunda, na presença de um outro que nos acolhe e dá suporte, tem sido muito importante.

Wheeler (2000) tem um termo que acho que nesta situação se faz mais relevante do que nunca. Ele diz que o terapeuta é uma “testemunha íntima” do que se passa na intimidade do cliente, confirmando nossa existência, proporcionando muitas vezes outras perspectivas, convidando o cliente a uma compreensão ampliada do que nos ocorre emocionalmente, e ajudando não apenas a não nos sentirmos sós, mas também a poder ver as coisas de outras formas, e, quem sabe, abrir janelas onde antes só víamos muros.

Nesta pandemia nos vi ocupados, atendendo, dando aulas, dando e assistindo *lives*, aprendendo a lidar com tecnologias que antes não dominávamos, mas também, com frequência, não cuidando de garantir um espaço para dar atenção a nossa intimidade psíquica, reconhecer e tomar medidas necessárias na direção de autocuidado... o que às vezes não é fácil fazer sozinho.

Daí a importância de a gente poder olhar para e colocar a nossa “criança interna” no colo, pois nós, terapeutas, frequentemente não nos damos a mesma atenção amorosa e a mesma escuta que damos a nossos clientes para nossas questões mais pessoais.

A arte como aliada em época de isolamento

Como dito acima, esta situação toda que estamos vivendo, se por um lado instiga nossos ajustamentos criativos e demanda nossa capacidade de resiliência, por outro nem sempre damos conta e nos desestruturamos, nos desorganizamos e colapsamos internamente. Tem dias que a gente lida melhor e dias em que a gente fica pior com estas situações.

E muitas vezes estas experiências ainda estão no âmbito de sensações que nem a gente consegue traduzir em palavras e nomear, ainda estão no âmbito do indizível.

E é aí que os recursos expressivos da Arte – e quando falo de arte não estou falando só de artes plásticas, estou falando de teatro, de música, de movimento, de escrita criativa, de todos os recursos expressivos que trabalham com nossa criatividade – passam a ser aliados. Porque a atividade criativa não só nos ajuda a expressar o que está no âmbito do indizível. **Ao fazer** a gente organiza, **ao fazer** a gente significa. E quando digo atividade criativa não me refiro necessariamente a um trabalho plástico, mas a poder fechar os olhos e ativar a imaginação, imaginar cenas, paisagens, viagens, elementos simbólicos como nas fantasias dirigidas, coisas para as quais muitas vezes não temos ainda palavras, e o fato de podermos expressá-las nos possibilita dialogar com o que criamos.

Sejam imagens, desenhos, pinturas, danças, máscaras, criar é sempre muito vitalizante – criar é deixar entrar o novo! E dialogar com o que a gente criou,

especialmente acompanhados da presença de um terapeuta, é muito rico além de confortante.

E por que é rico? Porque, ao expressar, parte do que eu expresse é intencional e consciente e parte do que eu expresse não é. Daí a magia do que a gente cria. A internet possibilitou que pudéssemos não só fazer uma máscara, mas nos vermos com a máscara, nos vermos falando com a máscara. O experimento mais clássico da Gestalt é o de nos colocarmos no lugar de alguém, de partes nossas ou de elementos de uma colagem, um desenho, escultura ou uma pintura, e dar-lhes uma voz. A internet possibilita que você veja isso ao vivo, que você possa se ver sendo. E isto é um recurso valioso que a internet propicia, apesar de nos limitar retirando várias outras formas de contato.

A arte possibilita que possamos fazer um mergulho profundo em nós mesmos e, também, vislumbrar e vivenciar alternativas nas formas com as quais nos relacionamos conosco mesmo, com os outros e com a vida.

Mas, a gente também cria ao olhar para o que a gente criou, porque nosso olhar não é só um receptor passivo, nosso olhar é criativo. Como fica evidente naquelas imagens da Psicologia da Gestalt, da velha ou da moça, da taça ou os dois rostos, de figura e fundo que podem se alternar. Nosso olhar configura, não só recebe informações.

Um dos livros mais importantes sobre psicologia da percepção visual que traz esta perspectiva é o do Arnheim (1980), cujo título é *Uma psicologia da Visão Criadora*. Ele não foi só um discípulo dos psicólogos da Gestalt, foi um continuador. Um autor importante para todos que trabalham com recursos expressivos.

Quando olhamos para um desenho, uma pintura algo que criamos, a gente descobre, dialoga com a magia do que a gente criou, com aquilo que acabou de sair de mim e, no entanto, me é novo, tem coisas a me dizer. Às vezes, você fecha os olhos, entra em contato com o que está sentindo e traça uma única linha, que qualquer pessoa pode olhar e pensar, “ora, isso é só uma linha, qualquer criança faz isso” – mas para você é importante e carregado de significado.

Eu me lembro de quando fui a Barcelona e visitei o museu do Juan Miró, a emoção que senti ao entrar na última sala. Era uma exposição cronológica das várias fases da vida dele. E a última sala era uma sala toda cinza, tinha um único quadro, vertical, que vinha do teto ao chão, com um fundo com manchas cinza azuladas, com uma única linha preta que vinha dançante em diagonal da extremidade superior esquerda à extremidade inferior direita. E abaixo dele estava escrito: *“Neste quadro há uma só linha, mas levei toda minha vida para chegar até ela”*.

Então, ao ver uma imagem não sabemos o que levou a pessoa a fazer aquilo, e às vezes nem ela sabe, vai descobrir depois. Quando em processo terapêutico, muitas vezes através da sugestão de experimentos facilitadores da Gestalt-terapia, como por

exemplo, *“se esta linha tivesse uma voz como se descreveria? Dê uma voz a esta linha, ou faça com as mãos ou com o corpo o movimento da linha e perceba o que sente, com o que entra em contato”*, experimentos gestálticos que nos permitem dialogar com as imagens que criamos. E nisso descobrimos coisas importantes sobre nós. Às vezes, até outras maneiras de organizar e orientar nossa vida, de sair do cotidiano.

Em aulas ou atendimentos em Arteterapia, às vezes, ao relatar um conflito, uma situação existencial difícil, os clientes ou alunos me dizem *“Não adianta, esta situação não tem jeito”*. Aí eu digo: *“Tudo bem, mas na arte tudo é possível. Vamos criar uma alternativa na arte. Se você pudesse retirar partes desta configuração que você criou como sendo a representação deste momento sua vida, o que você retiraria? O que você colocaria de novo? O que você mudaria?”*

Aí a pessoa faz, e você diz *“Ah... que interessante! E o que você fez para chegar a isso? Que ações você tomou? Que critérios de seleção você utilizou?”* E aí a pessoa se dá conta isomorficamente de que é possível fazer isso na vida, mas ela primeiro experiencia pelo caminho da arte para depois poder, analogamente, imaginar como seria isso em sua vida.

Podemos realmente criar novos caminhos, novas soluções, primeiro na arte, na imaginação, e até resgatar recursos de enfrentamento, de resiliência, que tivemos em épocas passadas na nossa vida e que havíamos esquecido, e que agora podemos voltar a utilizar. Quando você representa uma *“linha da vida”* por sugestão da terapeuta, quando você representa situações difíceis que encontrou na vida e lembra do que ajudou a enfrentar aquela situação, você se dá conta dos recursos que você criou – e pode resgatar.

Ou posso me lembrar também do que foi horrível, e imaginar, representar como eu gostaria que tivesse sido. E, incrivelmente, isso passa a ser também um recurso meu. Na arte, como em experimentos gestálticos ou psicodramáticos, a pessoa pode ser a mãe que não teve, o pai que gostaria de ter tido, o amigo que conheceu...

Na Arteterapia, mesmo que a pessoa faça uma representação deste momento de vida como muito nebuloso, muito cinza, posso perguntar: *“e você se lembra de momentos da vida em que viveu algo diferente?”*. E a seguir sugerir: *“você poderia representar esta outra sensação em um novo desenho? Ou transformar a representação que fez transportando para o momento atual a vivência daquela sensação?”* Este tipo de trabalho é sempre muito potente. É buscar na própria história recursos já vividos.

Um exemplo. Quando trabalhei com mulheres latinas de classe trabalhadora em Oakland, nos Estados Unidos, imigrantes como tantas imigrantes que temos hoje em dia no Brasil, tão desprovidas de recursos, sem saber nem falar direito a língua do país para o qual imigraram, pedi que se lembrassem de situações da vida delas em que tivessem passado por uma situação difícil que exigisse coragem ou ousadia, e o que fizeram. Ou

lembrar de situações em que puderam se sentir livres e felizes. Isto foi tão importante! Uma lembrou que tinha uma boneca e certa noite, quando a avó estava dormindo, foi até lá e cortou um pedaço da trança da avó, colocou na boneca e escondeu a boneca numa árvore. E contando isso, ria e ria. Pedi para ela desenhar essa cena e depois perguntei: *“se você pudesse trazer aquela coragem, aquela ousadia para os dias de hoje, como é que aquela pessoa que você foi poderia vir te dar suporte hoje?”*.

Outra lembrava de estar cavalgando com os cabelos soltos ao vento na fazenda do pai, e como essa sensação de liberdade lhe foi prazerosa, ela que ficava toda encolhidinha e fazia desenhos que ocupavam uma parte mínima do papel, desenhos que, até hoje, quando mostro as fotos, as pessoas acham que não fotografei direito, porque a intensidade da linha é muito fraquinha, sem cores fortes, sem traços marcantes, os traços tão tímidos como a presença delas em um país estranho em que não se sentiam bem-vindas.

Quando a pessoa lembra e revive essa potência que sentiu, consegue resgatá-la! E neste sentido a dança, a expressão corporal é muito valiosa, pois a pessoa sente de novo, no corpo, as sensações esquecidas, evoca uma memória corporal. Então, sempre sugiro que de olhos fechados ou abertos, as lembranças sejam acompanhadas pelos gestos e movimentos experienciados naquelas lembranças.

Quando estudei um pouco de neuropsicologia, entendi por que as terapias que trabalham com experimentos são tão eficazes. Porque o experimento traz uma nova vivência que fica registrado no sistema límbico como experiência vivida. Este é o grande barato do experimento! Por exemplo, quando a pessoa faz uma pintura com os movimentos amplos e mais livres, os quais gostaria de ter em sua vida, isso fica registrado como uma experiência vivida, pois o cérebro límbico não diferencia o que ocorre durante um experimento do que ocorre na vida. E um novo circuito neuronal se inaugura, um novo caminho se concretiza.

A Arteterapia oferece esta potencialidade de a pessoa poder concretamente atuar novas possibilidades, expressar, processar, refletir sobre e transformar o que faz. Trabalhamos com a **Expressão criativa**, com a **Percepção criativa**, e com a possibilidade de **Transformação, Reconfiguração e Resignificação criativa**.

Quem já fez um desenho, uma poesia, sabe da magia que exerce sobre nós; ficamos frequentemente inebriados olhando e descobrindo formas e sentidos no que fizemos. Em grupo, mais ainda, pois os outros têm a possibilidade de compartilhar suas percepções e a pessoa vai selecionando o que lhe faz sentido e o que não. A Arteterapia Gestáltica é uma abordagem fenomenológica, e, portanto, o terapeuta não interpreta o trabalho dos clientes, mas, às vezes, em grupo, o olhar dos outros amplia nosso próprio olhar. E isso acontece sempre, mesmo pela internet, neste período de pandemia.

Finalmente, quero falar sobre o poder da arte em situações traumatogênicas.

Os tempos de pandemia me fizeram lembrar das pessoas que viveram situações bem piores durante a 2ª Guerra Mundial. E gostaria de contar algo que me emocionou muito, e que tem muito a ver com o que estou apresentando sobre o poder do trabalho de arte em situações traumatogênicas (CIORNAI & AJZENBERG, 2022).

Alguns anos atrás, tivemos em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre e Recife, uma exposição itinerante, *Meninas do Quarto 28*, exposição dos trabalhos de arte de meninas de 10 a 15 anos que haviam sido violentamente afastadas dos pais na Tchecoslováquia, levadas para o campo de concentração de Theresienstadt e colocadas todas juntas em um pequeno quarto, o Quarto 28. Nesta situação tiveram a sorte de encontrar uma professora de arte, Friedl Dicker Brandeis, que tinha estudado na Bauhaus, e que, segundo alguns artistas da Bauhaus que sobreviveram a guerra, se não tivesse sido assassinada pelos nazistas, teria sido uma das artistas mais renomadas desta escola. Ao ser levada para o campo, teve direito de levar uma única maleta, e, ao contrário de outras pessoas que levavam roupas e objetos de valor, encheu a mala de materiais de arte. E lá, se dedicou a dar aulas de arte para essas meninas. E é impressionante o relato, anos mais tarde, das “meninas” que sobreviveram, sobre a importância dessas aulas para elas, para sua sobrevivência emocional. Friedl as ensinou a desenhar, a usar aquarela, fazer colagens. Ao ver essas obras, pode-se perceber que não são desenhos como os que vemos em geral em escolas, mas trabalhos mais elaborados, de quem de fato aprendeu técnicas de aquarela, colagem etc. Mas, além disso, Friedl as ensinou a ver a beleza nas “coisas desimportantes” (como diria nosso poeta Manoel de Barros) – as coisas que em geral nos passam despercebidas, como a forma de uma rachadura na parede ou de uma graminha que aparecia do lado de fora... Neste quarto havia uma única janelinha, e Friedl estimulava a imaginação dessas meninas sugerindo que representassem o que imaginavam que poderia haver do outro lado, o que foi inclusive título do livro “Através de uma pequena janela: Friedl Dicker-Brandeis e suas alunas de Terezin” [em inglês, *Fireflies in the Dark: the story of Friedl Dicker-Brandeis and the children of Terezin*], Vix (2010) escrito sobre este trabalho décadas depois.

E elas pintaram safáris na África, jardins, circos, paisagens... além de recordações de eventos familiares, de lugares e pessoas que conheceram... do que criativamente imaginavam poder existir para além daquela realidade, ou o que poderiam ver, através desta janelinha, quando de lá saíssem. Ao olhar esses trabalhos, não se imagina de forma alguma onde foram feitos nem por quem, pois não representam os horrores do campo de concentração, não descrevem cercas de arame farpado, gente morrendo, violências....

Uma de suas alunas escreveu: *“as aulas que ela deu, as propostas que fazia, o jeito que nos ensinou a olhar, foram importantes para minha vida toda, independentemente de ter sido em Terezin”*.

Lá havia também professores de teatro, música, literatura, que davam aulas clandestinamente para essas meninas, porque ainda por cima essas atividades eram proibidas. Mas sabiam da importância da arte e da expressão para as crianças e adolescentes naquela situação.

Ferreira Gullar nos diz que *“A arte existe porque a vida não basta”*. E Bachelard (1989) nos diz que *“a imaginação não é a capacidade de formar imagens da realidade, mas é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade”*. E isso foi vital para aquelas meninas em Theresienstadt. Como pode ser para nós hoje.

Naqueles tempos sombrios como nos difíceis dias da pandemia, a arte pode nos ajudar não só a expressar o que a gente vive, mas também a vislumbrar outras possibilidades, a dar concretude ao mundo em que gostaríamos de viver, ao que desejamos, a uma outra forma das pessoas se relacionarem. Em um mundo com tanta intolerância, tantas desigualdades, a arte nos convida a perceber e apreciar o diferente, a nos colocar no lugar do outro, cultivando a capacidade de empatia, criação de vínculos e redes de apoio mútuo, como quando pergunto a um grupo ao olhar o trabalho de alguém, *“O que este trabalho te diz? O que te toca nestas imagens, com o que você se identifica?”*. Ou quando sugiro: *“considere, se este desenho fosse seu, o que estaria representando de você?”*.

E, algo também muito importante: A arte não só possibilita vislumbrar possíveis futuros e presentificar situações queridas do passado, mas favorece também a intuição, que é algo que muitas vezes não passa pelas palavras, pois ainda não foi processado pela *awareness*. Quando você tem um *insight*, e este se concretiza em uma imagem, é depois que você descobre a que esta imagem se refere. A imagem é prospectiva. Nossos sábios interiores nos mandam mensagens através de imagens e só depois é que a gente se dá conta do que estas têm a nos dizer.

Concluindo, eu diria que estar em um espaço de Arteterapia nos propicia estar em um campo do sensível, em um *“tempo da delicadeza”*, emprestando as palavras de Chico Buarque, vinculados a um outro/outra ou a outros que nos acolhem, validam e com os quais temos trocas que nos nutrem e energizam – *“ilhas de sensibilidade”* e humanidade em meio a tantas injustiças, desigualdades e desvarios, como os que vivenciamos hoje. Cultivemos e multipliquemos estes espaços, para além das paredes dos nossos ateliês e consultórios. O mundo hoje está necessitando demais disso!

Referências bibliográficas

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual**: uma psicologia da visão criadora. São Paulo: Editora Pioneira, 1980.

BACHELARD, G. **L'eau et les rêves**. Paris: J. Corti. p.16.

CIORNAI, S.; AJZENBERG, G. De **Theresiastadt ao Brasil de hoje**: a importância da arte em contextos desestruturantes. Rio de Janeiro: WAK, 2022.

WHEELER, G. **Beyond Individualism**. Santa Cruz (CA), USA: Gestalt Press, 2000.

MORAES, V. **Poemas, sonetos e baladas**. São Paulo: Edições Gavetas, 1946.

VIX, Linney. **Through a narrow window**. Friedl Dicker Brandeis and her Terezin students. University of New Mexico Press, 2010.

Conta de novo, conta outra vez... a arte de contar histórias para a primeira infância

Alessandra Giordano¹

Resumo: O presente artigo apresenta como instrumento psicoterapêutico e educativo o contar histórias. Faz referência à experiência da autora como psicoterapeuta-contadora de histórias atenta ao espaço do imaginário como facilitador do desenvolvimento infanto-juvenil. Menciona, com referência à sua prática, anseios e amarguras presentes no caminho do crescimento infantil, como: mentiras, estresse, medos. Relaciona alguns requisitos para o desenvolvimento da habilidade do contar histórias no *setting* psicoterapêutico, concluindo que a arte narrativa é um rico instrumento de transformação e cura.

Palavras-chave: Contar histórias; Arteterapia; Educação; Psicoterapia.

Abstract: This article presents storytelling as a psychotherapeutic and educational tool. It refers to the author's experience as a psychotherapist-storyteller attentive to the space of the imaginary as a facilitator of child and youth development. She mentions, with reference to her practice, desires and bitterness present in the path of children's growth, such as: lies, stress, fears. It lists some requirements for developing the ability to tell stories in the psychotherapeutic setting, concluding that narrative art is a rich instrument of transformation and healing.

Keywords: Telling Stories; Art therapy; Education; Psychotherapy.

Introdução

Venho de uma família nordestina de contadores de histórias. Minha avó materna tinha um coração enorme e uma habilidade especial para contar histórias, fossem contos de fadas ou inventadas, bíblicas e até mórbidas, todas elas nos faziam pensar. Assim, para ela, a maior demonstração de afeto que alguém podia dar ao outro, era sentar e contar histórias, *olho no olho*. Servir uma xícara de chá ou um copo com café, coado na

¹ Psicóloga. Pedagoga. Psicoterapeuta de orientação junguiana; Meditadora; Contadora de Histórias; Especialista em Biblioterapia; Psicodramatista e Arteterapeuta; Especialista em Contos de Fadas; Especialista em Biopsicologia. Mestre em Ciências das religiões. Doutora em Psicologia. Professora pós-graduação do Instituto Sedes Sapientiae. Professora especialização do Instituto Freedom. Autora do livro: **Contos que curam**: a tradição oral como instrumento arteterapêutico (São Paulo: Editora WAK, 2020), entre outros.

hora. Momentos sem igual! Essas histórias desencadearam em mim a paixão pelos contos e pelo contar histórias.

Esse é um trabalho apoiado nas narrativas orais, que ilustra parte da minha experiência com os contos e a maneira como trabalho com suas narrativas em espaços diversos, como abrigos, lares de idosos, empresas, centros culturais, escolas, hospitais.

Neste artigo, apresento minha prática com a contação de histórias no consultório, com crianças de 4 a 12 anos. Singularmente, este trabalho nasceu do meu desejo pessoal de ajudar as crianças a crescer, respeitando o seu universo e a sua forma peculiar de pensar e se expressar. Acredito que uma criança sem medo será um adulto feliz.

Apaixonada por literatura infantil, utilizo o recurso de contar histórias, como instrumento complementar, em minha prática de psicoterapia, há quase quatro décadas. Venho pesquisando sobre o impacto da escuta de contos de tradição oral em crianças em situação de abrigo, crianças com vivências de rua, crianças em situação de risco e vulnerabilidade social e as que chegam ao meu consultório. Gostaria de salientar que a lição que tenho extraído dessas experiências e de cada conto é apenas um exemplo, pois a sabedoria encerrada em cada um deles ultrapassa a aplicação que apresento aqui.

Considero a intervenção feita pela contação de histórias como um instrumento que concebe a criança de acordo com sua idade e seus meios expressivos. De outro modo, ela ficaria impossibilitada de se expressar. O espaço terapêutico é, a meu ver, o local em que o terapeuta cria possibilidades, por meio das narrativas, para difundir conteúdos adequados ao momento do processo maturacional no qual a criança se encontra. Isto exige do profissional certa intimidade e conhecimento acerca do plano simbólico do conto, certo domínio para a escolha das histórias e treino para narrá-las, e isso é o que veremos por aqui.

Contos no *setting* de cuidados com crianças

Através dos tempos os contos têm sido usados pela humanidade. São muitas as culturas que acreditam no poder curativo, filosófico, educativo e religioso do conto. O povo sufi, por exemplo, usa contos para ajudar as pessoas a superarem conflitos espirituais e existenciais (SHAH, 1976). Entre os Dogon, na África, a arte narrativa é um dom divino (HAMPATEBÂ, 1998²). Entre os Tupis-Guaranis há muitos contos conhecidos como lendas que, segundo Magalhães (1975), têm o objetivo de fazer entrar na cabeça do índio a crença na supremacia da inteligência sobre a força física, algo muito importante para ajudar a ampliar a capacidade de adaptação à natureza, muitas vezes,

² Amadou Hampaté Bâ, irmão dos homens, nasceu em Bandiagara aos pés das falésias do país Dogon em 1911. Contador de histórias, escritor, historiador e poeta. Esteve na Unesco de 1962 a 1970 lutando em prol das tradições orais africanas, apresentando-a como fonte autêntica de conhecimento e parte integrante do patrimônio cultural da humanidade.

feroz e destrutiva. Já os hindus consideram os contos como algo preciso para ensinamentos superiores. Os contos são, portanto, fenômenos pouco complexos, que existem e sempre existiram mundo afora, abordando questões fundamentais da existência humana.

As histórias e os mitos desde sempre ocuparam a mente humana. Freud (1856-1939), em sua prática clínica, contemplou o mito de Édipo para representar o que observava, criando fundamentos para sua teoria. Observou, também, alguns contos de fadas, como *Chapeuzinho Vermelho*, *O Lobo e os Sete Cabritinhos* (1913). Erich Berne (1972) utilizava em sua prática clínica contos de fadas para ilustrar comportamentos de seus pacientes e os jogos de papéis nos quais investiam. Perseschkian (1992) estudou o uso dos contos na psicoterapia. Entendeu que os contos representam os diversos estágios do desenvolvimento humano, os conflitos e as possíveis soluções. Bruno Bettelheim (1980) afirma que as histórias infantis tratam de problemas humanos universais e falam ao ego em germinação encorajando o desenvolvimento da criança, e, ao mesmo tempo, aliviam tensões inconscientes.

No trabalho diário da clínica que cuida de crianças é muito importante contar com procedimentos que possibilitem intervir nos momentos em que, pela angústia, acontece uma interrupção no processo de desenvolvimento infantil. Quando isso acontece, surgem sintomas indicadores de conflitos. A criança tem uma tendência natural ao desenvolvimento, contudo, sua evolução pode sofrer alterações por dificuldades de elaboração psíquica de seus conflitos. Na história da psicanálise, o campo lúdico foi apontado como relacionado ao processo primário³. Alguns autores assinalam que o processo primário está a serviço da expressão simbólica, como tentativa de representar e elaborar a angústia vivida pelo indivíduo.

Para a Psicologia Analítica (JUNG, 1875-1961), os contos de fadas representam um mapa da *psique* humana. Eles retratam as angústias, os medos, os anseios, os devaneios, as ansiedades e muito do que diz respeito à alma humana. O psiquiatra infantil Pierre Lafforgue (1986), referindo-se ao legado do conto para a infância, ensina que este vai deixar no psiquismo da criança traços interiorizados utilizáveis em situações conflitivas ou angustiantes. Concordo plenamente. Em minha prática, pude observar que um conto abre possibilidades para o que pode ser um ser humano, pois os contos mostram um caminho em direção ao conhecimento de si mesmo a partir da experiência da escuta e, claro, seus processamentos. Como psicoterapeuta-contadora de histórias, tenho percebido que os contos, quando bem escolhidos, levam à diminuição da ansiedade e à redução dos medos infantis, amenizando inquietações. Despertam para novos olhares e interesses, canalizando, por vezes, agressões para ações socialmente mais aceitáveis, quando é o caso. Contar histórias é, sem dúvida, uma prática que

³ Processo primário é característico do sistema inconsciente (FREUD, 1900).

contribui para que a criança possa identificar suas dificuldades nas ações dos personagens do conto, por exemplo, para assim incorporar condutas e mensagens que ajudem na organização de humores e na estrutura psíquica.

A prática de contar e ouvir histórias tem me ajudado a abordar de forma branda e gentil os problemas pelos quais, especialmente as crianças, passam no caminho do crescimento. Contar e ouvir histórias é uma forma de acolhimento das dores e dos sofrimentos humanos, com potencial de transformação.

Os contos tradicionais, com os quais trabalho, têm um efeito na vida de quem lida com eles. Sinto que trabalhar com esta arte é, como disse certa vez minha avó: “A vida é boa quando estamos felizes, mas é melhor quando sentimos que os outros estão felizes porque fizemos a diferença em suas vidas”. Um bom conto, certamente, traz uma diferença para nossas vidas. No meu trabalho, em abrigos para crianças e adolescentes de 7 a 14 anos, pude observar de perto o sofrimento causado pelo abandono. Utilizei, nesses casos, basicamente as narrativas de contos tradicionais e os processos expressivos pelas linguagens da arteterapia, observei resultados surpreendentes.

Este tipo de trabalho enfatiza os mundos objetivo e subjetivo da criança e do adolescente (e nos adultos também, contudo, aqui estou fazendo um recorte), ou seja, coloca o foco na relação do mundo interno com o mundo externo. Neste contexto – por meio dos contos –, a realidade interna da criança se apresenta pelo viés da fantasia e da projeção; seus temores, amarguras, inquietações, podem, com certa tranquilidade, ser vislumbradas e compartilhadas.

Ao contar histórias cria-se, portanto, um espaço para o criativo subjetivo o que, na prática, favorece as possíveis elaborações e ressignificações para o mundo subjetivo, sendo este responsivo ao mundo objetivo. Para os envolvidos, nasce um novo olhar, outro jeito de entender os acontecimentos internos e seus reflexos no mundo externo, alterando comportamentos. Vejo, então, que este trabalho, oferece ao ser humano a possibilidade de lidar com a realidade interna de forma cuidadosa, com mais aceitação e maior compreensão. Assim, a criança ganha segurança para crescer na medida em que sua ansiedade diminui, na medida em que se sente compreendida e respeitada em suas dores. Esta prática⁴, desenvolvida com meninos e meninas abrigados resultou em uma adaptação mais condizente às suas realidades e necessidades. Entendemos, então, que o limite saudável deve ser aquele que tem por objetivo o bem-estar da criança/adolescente, ajudando-os a lidar com aquilo que eles não dão conta de fazer sem ajuda.

⁴ Para saber mais veja: GIORDANO, A. **Contar Histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura**. São Paulo: Artes Médicas, 2007. Capítulo II.

Precisamos de homens livres, criativos, felizes. Entretanto, muitas vezes, pelo incremento da angústia, diversos sintomas podem se desenvolver. Muitos de nós estão amarrados a crenças e mensagens que impostas pela sociedade... “não podemos” um monte coisas, não conseguimos outras tantas.

Um conto hindu muito antigo pode ilustrar a parte do comportamento humano condicionado e responsável, muitas vezes, por severos desajustes e complexos, tal como de inferioridade, quando a ação do sentimento de impotência segura, emperra o desenvolvimento. Vejamos:

Era uma vez... um elefante que, no circo, fazia grandes demonstrações de peso, força e seu tamanho era impressionante. Depois da apresentação ele ficava amarrado, por uma das patas, com uma corrente presa numa pequena estaca cravada no chão. Ele poderia facilmente arrancar a estaca e fugir. Mas por que ele não fugia?

A corrente era grossa e resistente; parece claro que um elefante daquele tamanho, seria capaz de arrancar uma grande árvore até as raízes, se quisesse, tamanha a sua força.

Uma criança, ao ver esta cena, perguntou ao seu professor sobre este mistério: por que o elefante não se soltava e ia embora? O professor explicou que o elefante não fazia isso porque era adestrado. A criança, com sua nata curiosidade, continuou a perguntar:

- Mas se ele é adestrado, por que o acorrentam?

A partir da curiosidade da criança, o professor respondeu:

– O elefante do circo não foge porque sempre esteve preso a uma estaca parecida com essa, desde que era pequeno. Apesar da sua força, o elefante continua preso... pelas amarras da sua mente condicionada.

O conto acima nos faz pensar que o elefante, desde recém-nascido, foi amarrado a uma corrente. Quando pequenino, deve ter tentado se soltar e, apesar dos seus esforços, não conseguiu. A corrente era forte demais para ele. O elefantinho deve ter tentado muitas vezes, sem sucesso. Até que um dia... aceitou o seu destino.

Assim, o enorme elefante do circo não escapa porque acha que *não pode*. Ele tem na memória a sua incapacidade, aquela que sentia quando era muito pequeno, ele foi tolhido, foi amarrado, ficou amedrontado.

O conto nos diz que todos somos um pouco como esse elefante, vivemos presos a muitas estacas que nos tiram a liberdade, que nos limitam. Acreditamos que “não podemos” um monte de coisas, talvez porque quando crianças tenhamos tentado sem sucesso. Assim, fazemos o mesmo que fez este elefante: retemos uma sensação de

incapacidade e a repetimos: “não posso... não consigo”. “Não posso e nunca poderei”. Crescemos com essa pseudoverdade que nos impuseram e não voltamos a tentar. Muitos estão condicionados pela lembrança do eu menino(a) inseguro(a) que ainda vive em nós.

Gosto de lembrar a tese de Protágoras de Abdera (481-411 a.C.): “O homem é a medida de todas as coisas, das coisas que são, enquanto são, das coisas que não são, enquanto não são”, o que nos leva a pensar que construímos o nosso mundo de acordo com nossas medidas, isto é, de acordo com nossas experiências. No mundo intrapsíquico, tudo se faz de acordo com o que temos de experiência, de incentivo, de estímulo ou de acordo com os nossos *condicionamentos*, como vimos na história do elefante. Individualmente, os relacionamentos nos condicionam e com isso geramos nosso mundo por meio de nossas crenças, pensamentos, imaginação e nossas realidades. Utilizar a contação de histórias pode ser um caminho promissor para o desenlace dessas realidades, favorecendo a imaginação criadora, própria dos seres humanos, rumo ao despertar para uma consciência de quem realmente somos e o que podemos fazer por nós mesmos.

Fome de crescer... Fome de voar...

Os contos de tradição oral e, especialmente, os contos de fadas têm o dom de colocar em cena personagens que correspondem a cada “tipo de criança” (arquetipos⁵), por isso, os contos as ajudam tanto a nos compreender mais e melhor. Eles ensinam, incentivam, explicam, alegam, ampliam as percepções, divertem e mostram caminhos muitas vezes considerados impossíveis.

Os contos de tradição oral guardam, em si, todas as possibilidades, isto é: tudo é possível num conto e, por analogia, na vida. Por quê? Porque o contexto do conto permite à criança ouvir e tomar consciência dos seus problemas e objetivá-los mais facilmente para, desta forma, ultrapassá-los. As situações do conto guiam a criança na busca de soluções. Os personagens bons da história despertam na criança uma boa conduta, enquanto os malfeitores geram antipatia, o que protege a criança de um contato prematuro com as forças negativas do seu ser. As imagens do conto agem sobre o inconsciente e nele efetuam uma ação curativa, como afirmou Erich Berne (1972) sobre os pacientes que, por meio deste método, sentem-se capazes de transformar suas relações interpessoais mais tensas em outras mais espontâneas. As bruxas, os gigantes, os anões, as brancas de neve, as cinderelas e os chapeuzinhos vermelhos não estão apenas nos contos, eles habitam nossos lares, nossas escolas e nossas vidas. Quem não

⁵ Nos contos encontramos figuras arquetípicas que têm em sua órbita diversos complexos, como abandono, rejeição, traição, morte, heróis e heroínas, fadas e gênios....

reconhece, em pessoas do seu convívio próximo, uma bruxa? E quem trabalha com crianças sabe que, em algum grau, as crianças possuem uma constituição psíquica ou física semelhante a um ou outro desses personagens.

As crianças têm fome de saber e fome de crescer. Nem sempre é assim, mas sabemos que é assim que deveria ser... Fome de conhecer e fome de dar asas à imaginação... Voar... Afirmo que um rico instrumento para auxiliar, nesta tarefa, é o contar e ouvir histórias, pois esta é uma atividade que dá asas à imaginação, nos tornando mais criativos, atuantes, menos pensantes, mais espontâneos.

Há algumas décadas, pesquisa-se sobre a importância e a utilização dos contos nos processos de autoconhecimento. Hoje, há grande interesse, especialmente, por parte dos profissionais da neurociência, na compreensão sobre as funções dos contos nos processos educativos que envolvem o cérebro e especificidades psíquicas. Considera-se, por meio dos estudos da neurociência, que uma das funções mais importantes que o ouvir histórias pode realizar é o equilíbrio da psique. Esta história é linda, e longa, porém, não temos espaço para continuá-la aqui.

Mas..., vamos dizer que o mundo moderno não pode ignorar a importância e a necessidade de incentivar as crianças a desenvolverem os dois lados dos hemisférios cerebrais, igualmente. *Igualmente!*

O cientista Roger W. Sperry, nobel de Fisiologia e Medicina de 1981 por pesquisas sobre a separação e identificação das funções dos hemisférios esquerdo e direito do cérebro, nos informa que a sociedade moderna e o nosso sistema educacional tendem a desprezar as funções que envolvem o lado direito do cérebro, com suas funções bem-definidas, como a sintética, analógica, não temporal, não racional, intuitiva, holística, aptidões para as artes. Ao desprezar o hemisfério direito, a sociedade moderna o discrimina e valoriza por demais as funções do lado esquerdo cerebral, ou seja, as funções verbal, abstrata, racional, digital, temporal, analítica, lógica, linear e das aptidões científicas.

No dizer de alguns dos estudiosos da neurociência, o ponto principal é que existem duas modalidades de pensamento, verbal e não verbal, representada separadamente nos hemisférios esquerdo e direito, respectivamente. Entende-se, a partir daí, a importância da complementaridade dos hemisférios e a importante função do corpo caloso, feixe nervoso, como a ponte entre os dois hemisférios, cuja função é a real complementaridade. Contudo, ainda observamos que o nosso sistema educacional tende a priorizar o lado esquerdo do cérebro. Pena!

Tais pesquisas nos auxiliam no entendimento de que não podemos mais ignorar a importância de incentivarmos o desenvolvimento de ambos os lados dos hemisférios cerebrais, sob pena de atrofiarmos a nossa mente criativa. Ao incentivarmos atividades que priorizam apenas um dos hemisférios estamos incentivando, deliberadamente, a

fragmentação do ser, o que, supomos, prejudica sobremaneira a percepção global do mundo e da realidade.

Há algum tempo, sabemos que a ciência é apenas um dos métodos para se estudar o mundo, mas..., o outro *método*, se assim podemos chamar, é a *arte* que, sem dúvida, é complementar à ciência. Este princípio de complementaridade deveria ser mais empregado para amplificar os conhecimentos sobre “ambas as artes”. Penso que, separados, os dois *métodos* – ciência e arte – terminarão incompletos. Veja, a arte é intuição e percepção, já a ciência se apoia na lógica, na análise. Entendo que elas não se contradizem, mas, se complementam. Estudiosos já afirmaram que a verdadeira ciência se assemelha à arte da mesma forma com que a arte sempre inclui elementos da ciência. Um dos grandes movimentos que contribuiu para isto foi o movimento “*Queremos o Imaginário no Poder*”, quando muitos educadores de vários países do mundo se organizaram para introduzir a arte nas escolas e termos como: *educação artística, pedagogia do imaginário, educação pela arte, arte-educação*. Este foi um movimento que se espalhou pelo mundo, graças a Deus! As duas (ciência e arte) referem-se a experiências do humano e pode-se avaliar o dano de percepções unilaterais.

Daí a importância de, no atendimento de crianças, principalmente quando há expressão de tormentas, ansiedades, medos difusos, é importante lançar mão de ferramentas para construções que favoreçam ambientes propícios à expressão do mundo interno infantil. Sugiro, aqui, a contação de histórias, o mundo da magia, da fantasia que dá asas ao universo de todas as possibilidades: o mundo da imaginação criadora: “Agora eu era o herói e o meu cavalo só falava inglês...”⁶, porque os contos de fadas falam do tempo especial que é ser criança, falam do seu pensamento mágico e animista, mas falam também das dificuldades da meninice, e como falam!

O ambiente da contação de histórias compõe um espaço lúdico, mágico e propício ao acolhimento porque respeita o pensamento infantil. É a linguagem mágica da imaginação, própria do pensamento infantil. O objetivo e o subjetivo atuando, o mundo interno e o mundo externo dialogando. A fantasia que dá caminho à realidade mora nos contos de fadas...

A coletânea dos irmãos Grimm contém muitos contos que podem ajudar as crianças a crescerem. Nestes livros encontramos contos com enredos de uma sabedoria muito antiga, perspicaz, condizentes com o raciocínio infantil. Nesses contos encontra-se apoio para o despertar de potencialidades adormecidas. Vemos isso, por exemplo, no conto *O menino pastor*, dos Grimm. Outro conto que fala de quando a criança é pequena e especial é o *Pequeno Polegar*, que quer sair pelo mundo e viver suas experiências e depois voltar vitorioso. Crianças incansáveis, infatigáveis que canalizam toda a sua energia para o mundo externo, vemos em *Pedro Malasartes*. E a criança que não quer

⁶ *João e Maria*, composição de Chico Buarque.

crescer como *Peter Pan*, de James Barrie? Não é fantástico? Se, bem me lembro, é Peter Pan quem diz: *Há muitas crianças que não acreditam em fadas. Quando um garoto ou uma garota diz: Eu não acredito em Fadas, morre uma fada.* E por isso, quando Sininho está morrendo, ele pede ajuda de todas as crianças do mundo para salvá-la... E consegue! Para continuar sendo menino, Peter Pan sabe que precisa acreditar na existência das fadas. É a fé, a crença, em um período da vida de uma criança que faz grande diferença. No dizer de Fanny Abramovich⁷ (1990, p. 130): “[...] criança sabe que é pequena, frágil, fraca, e que para enfrentar os desígnios dos adultos, só imaginando que outras forças estarão ao seu lado protegendo-a e facilitando o confronto”.

Medo. Impaciência. Mentira. Estresse Infantil

As crianças não compreendidas têm medos, impaciência, desconfiança, confusão, dúvida, incomunicabilidade, mentira, estresse, muitas vezes causados pela incompreensão do seu comportamento, o que gera grande solidão mesmo em meio a tantas pessoas, acompanhada de um sentimento de inadequação. Que adulto se tornará a criança com experiências constantes que abalam sua estrutura emocional?

Encontramos nos contos de tradição oral um recurso poderoso para lidarmos com estes tipos de emoções. Os contos têm uma enorme “plasticidade” e podem ser utilizados em diferentes situações, seja no contexto da vida cotidiana ou em um espaço terapêutico, em casa ou na escola. Eles se prestam a qualquer situação, desde divertir até educar.

Contar histórias, contos infantis, é proporcionar e evocar momentos, em ambiente de amizade e confiança, que alimentam e nutrem a mente e a alma infantil. É o escutar histórias que equilibra o ouvir e o sentir: o que é ouvido com o que já foi sentido. Quem trabalha com esse universo deve ter uma importante ligação com o universo mágico-maravilhoso, um universo onde tudo é possível, próprio do pensamento e do mundo infantil. Do ponto de vista arteterapêutico, o conto de tradição oral é um instrumento de intervenção não invasiva e é exatamente por isso que o ouvinte pode se beneficiar de seu conteúdo sem se sentir constrangido.

Muitos dos contos que utilizo são contos da tradição popular, sem referência de autores, de construção anônima e coletiva⁸. Foram transmitidos oralmente, de geração para geração, porque contemplam os anseios da alma humana. O que era importante ficou e o que não era se acabou... Falamos em oralidade porque muitos desses contos sobreviveram à poeira dos tempos e foram contados de geração em geração pelo verbo,

⁷ Este livro da Fanny é maravilhoso, recomendo. **Literatura Infantil, gostosuras e bobices.** São Paulo: Scipione, 1990.

⁸ Para saber mais, ver: GIORDANO, Alessandra. **Contar Histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura.** São Paulo: Artes Médicas, 2007.

pela palavra contadora, pela palavra bendita que fala da boca para o coração, pela palavra-semente. São contos conhecidos como “contos de boca” ou “contos de ouvidos”. Hoje, são apresentados por meio da fala do narrador, da voz de quem conta a história, sem a presença do livro. Entretanto, felizmente, já encontramos muitos deles na forma escrita. Gostaria de enfatizar, por experiência, que contar a história oralmente exerce um efeito mágico e facilita a concentração de quem ouve. Quando se diz: *Era uma vez...* o mundo das possibilidades se apresenta e a expectativa aumenta. Daí que não se pode fazer isso de qualquer jeito. A dica é: quando se conta uma história deve-se passar a emoção verdadeira, aquela que vem de lá de dentro do narrador e que por isso chega ao ouvinte.

Quando ouvimos histórias, também sentimos emoções importantes como raiva, tristeza, irritação, medo, pavor, alegria, bem-estar, tranquilidade e tantas outras. Quando ouvimos, sentimos tudo e os olhos do imaginário se encarregam de deixar suas sensações nos nossos corpos físicos: sentimos, de verdade, medo, raiva etc.

Nunca é demais lembrar que, desde o início da humanidade, contam-se histórias. Elas podem, como nenhum outro instrumento, explicar os fenômenos da natureza; relatar acontecimentos do dia a dia, ensinar as regras de convivência, preservar valores, dar coesão aos grupos e tantas outras coisas mais. Muitos estudos foram feitos e continuam a explicar essa origem. Todavia, para nós, o que importa mesmo é saber que a maioria dos contos vai além de meras descrições. O contar histórias, entre tantas coisas, desenvolve o vínculo afetivo entre as partes envolvidas; especialmente para crianças, esse vínculo é importante no sentido de garantir confiança, segurança, crescimento pessoal, fé, afeto, respeito, sonhos, poesia e ritmo para a vida. O contar histórias (juntamente com o mundo das histórias) não se esgota, nem a memória afetiva de quem as ouve deixa que se esgote, porque sempre pede mais: conta outra vez! Conta mais... Conta outra...

Conto da Laila⁹

Existem muitos anjos lá no céu e, entre eles, existe um anjo cujo nome é Laila. Laila é a parteira das almas.

Toda vez que um óvulo é fecundado, a Laila abre seu grande manto negro da noite e escolhe uma luz para colocar dentro daquele óvulo.

As almas nunca querem vir, porque elas lembram das dores do parto e estão muito felizes sendo estrelinhas brilhantes lá no céu! Mas a Laila sempre as convence de

⁹ Laila significa noite em árabe. Ouvi este conto de uma contadora de histórias em uma tarde de contos em São Paulo. Adorei e estou recontando à minha maneira.

que elas têm alguma coisa para fazer aqui. Então, Laila pega uma luz e a coloca dentro do óvulo fecundado.

E dizem que, durante os nove meses que a criança está se formando no ventre da mamãe, a Laila acende uma luz e fica contando para aquela criança toda a história da vida dela, toda a história daquela alma; conta tudo o que aquela alminha já viveu e tudo o que ela ainda vai viver. Ela conta para a criança toda a verdade do mundo. Conta tudo o que aquela criança precisa saber.

A Laila ensina para a criança a linguagem dos animais, das flores, das plantas, a língua das águas, do fogo e todas as línguas de todos os povos do mundo.

E quando chega a hora de o bebê nascer, Laila apaga a luz e empurra o bebê para fora e, nessa hora, o bebê chora... Então a Laila, que continua ali sempre velando por aquela criança, chega bem pertinho dela e coloca o dedo indicador sobre os lábios e faz: psiuuuuuuu e, nessa hora, o bebê esquece tudo aquilo que ele ouviu.

É por isso que a gente tem esta marquinha em cima do nosso lábio superior. É porque a Laila estava aqui quando nascemos.

Dizem que, sempre que as pessoas têm alguma coisa difícil para resolver, elas costumam colocar o dedo indicador em cima dos lábios e virar os olhos de um lado para o outro, buscando a recordação. É por isso que Platão dizia que para as crianças não é preciso ensinar nada, porque elas só precisam se lembrar... Elas sabem tudo!

Este é o poder das histórias: de fazer com que recordemos as coisas que já sabemos, mas que estão esquecidas há muito tempo. Os contos têm, portanto, o poder de fazer com que possamos nos conectar com o nosso coração que sabe de tudo. Assim me contaram, assim vos contei, e quem souber que conte outra!

Certa vez, contei esta história para uma menina de sete anos, que me disse: “Quer dizer que eu sei tudo?” E eu respondi: “Muito mais do que aquilo que você pensa!” Ela saiu com a cabeça erguida, os olhinhos brilhando e um leve sorriso nos lábios.

Outra vez, contei esta história para um jovem adolescente de dezoito anos, que tentava tirar sua carta de motorista. Ele saiu do consultório muito confiante e foi fazer o teste na autoescola. Quando retornou à sessão, me disse: “Graças à Laila, que me convenceu de que eu estava protegido e sabia dirigir *muito* bem... eu fui aprovado!” Fiquei feliz.

A ideia é, por fim, oferecer um instrumento que vá ao encontro das necessidades emocionais, com o reconhecimento dos obstáculos que impedem o desenvolvimento das competências das crianças e dos adolescentes.

Humanos se alimentam de imagens

Contar histórias para todos e não só para crianças é um excelente exercício social, já que a oralidade é conhecida como a guardiã da sabedoria mais antiga de que temos notícias, além de propiciar o novo, o diferente; com este hábito, tem-se o poder do ensinamento, da diversão, da linguagem. Este é um princípio que pode ser encontrado em tradições culturais e sabedoria do mundo todo.

A contação de histórias é, ainda, um instrumento de construção da paz. É um instrumento para desenvolver a inteligência emocional, promover a cura e investir em relacionamentos construtivos. Aprendi que brincar com as palavras é um componente importante para as memórias afetivas, pois com seus ritmos, rimas e com suas sugestões de humor e fantasia, abre-se um mundo importante para o desenvolvimento da imaginação criadora, tão importante para uma vida saudável. Contar e ouvir desenvolve a imaginação e a imaginação cria memórias afetivas, e estas são inspiradoras para novas descobertas, levando-nos ao desconhecido e aumentando os nossos horizontes.

A criança tem mais facilidade para criar imagens no ar do que o adulto; o que é audível apresenta-se no espaço, corporifica-se com nitidez, na infância. É a palavra eficaz que ganha corpo, que se materializa. As crianças conseguem com facilidade corporificar o etéreo a partir das imagens, uma faculdade dos humanos que abre portas para inúmeros diálogos. Por terem mais facilidade, as crianças são capazes de enxergar as imagens verbais, sonoras e corporais apresentadas pelo narrador; elas creem e se divertem muito com isso. Nesse sentido, não podemos esquecer que o narrador é responsável pelas histórias que conta, histórias que ajudam a construir o mundo que nos cerca. Os contos ajudam a criança a explorar o mundo, os relacionamentos e como eles podem afetar as nossas vidas. Daí a responsabilidade pelas escolhas dos contos. No meu entender, devemos estudar os contos para que tenhamos clareza das tramas, do assunto, da problemática, de maneira que, possamos desenvolver nas crianças a consciência emocional, a competência emocional para lidar com suas questões, e os contos são preciosos para isso. Lembremo-nos: o conto é uma semente que vai germinar, em algum tempo, vai germinar... A palavra do conto é uma palavra-semente!

Ouvir histórias é um processo imagético. As imagens são consideradas como um dos mais fortes elementos de encantamento de um conto, por isso, precisam ser claramente pronunciadas; elas fazem parte de uma boa história. Uma boa narrativa faz com que o ouvinte vá para o seu mundo interno e crie a sua própria história. Quando contamos uma história, é preciso que consigamos traduzir oralmente as imagens contidas nos contos. Daí a importância de trabalharmos com contos de boas traduções e não com algo simplificado e pobre em imagens verbais. É preciso não esquecer que são as imagens que nos colocam frente a frente com os personagens... E por falar em imagens... gosto muito do trecho das imagens abaixo, traduzidas por Tatiana Belinky, do conto *A Bela Adormecida*.

[...] o rei e a rainha que acabavam de voltar e entravam no salão começaram a adormecer e a corte inteira com eles, cavalos nas cocheiras, os cães no pátio, as pombas no telhado, as moscas na parede e até o fogo que ardia no fogão aquietou-se e adormeceu. O assado parou de crepitar, o cozinheiro que ia puxar os cabelos do seu ajudante dormiu com os cabelos em suas mãos e o vento se deitou nas árvores, nenhuma folhinha estremecia mais... (BELINKY, 1989, p. 76).

Temos a qualidade da imagem do sono que fez o tempo parar por cem anos, por causa do feitiço lançado pela fada que não foi convidada para o batizado da princesa. Fico imaginando esta cena... Entendo que, sem imagens como essas, o conto perde seu fascínio. Um bom conto (texto) precisa ter sua trama sustentada por imagens que devem estimular o imaginário. Este vai sendo construído a partir dos sons, das cores, das formas e sensações, que provocam. Aí, sim, a memória fixa, sente, ouve, percebe o que precisa ser percebido. Criam-se memórias afetivas...

Gosto das imagens das onomatopeias – sons que carregam imagens – em contos, cujos personagens são animais. Estas devem ser bem exploradas, por exemplo: *Coach, coach, coach; Ploc ploc, ploc, Glub, glub, glub. Craaa, craaa. Craaa. Snif, sniff, sniff.* O narrador dá vida a tais imagens por meio das palavras, que se acendem na tela mental do ouvinte, mexe com suas emoções e favorece o diálogo rico em experiências.

Contar histórias é sempre uma partilha, uma doação de afeto, de confiança e de amor; se assim for, faz a gente achar que viveu uma experiência completa e satisfatória, e é isso que alimenta um contador de histórias. Pode-se rir ou chorar com uma história, ou fazer as duas coisas. Compartilhar significa acreditar naquilo que estamos dizendo/vivendo. Na Índia, os mestres dizem que o ato de compartilhar é tão poderoso que é quase impossível dimensionar os seus efeitos sobre nós.

Lembro de uma vez quando contei uma história na Faculdade de Saúde Pública para engenheiros ambientais. Depois de eu ter terminado o conto, um dos rapazes se aproximou, me abraçou longamente, compartilhando uma grande emoção, me olhou nos olhos e disse: “obrigado”, e saiu da sala para depois retornar com olhar atento e brilhante pedindo mais histórias. A história narrada era uma que falava de três irmãos (*As três penas*, dos Irmãos Grimm), em que os dois primeiros são espertos e o mais novo era considerado o bobalhão, mas é ele quem realiza as tarefas ordenadas pelo pai. Apesar de não saber da história de vida deste rapaz, concluí que ele se enxergou no conto. Ouvir o conto o emocionou, provavelmente, por ter se identificado e a narrativa trouxe-lhe a esperança da aprovação de alguém que lhe é especial, neste caso, o seu pai. No final do curso, ele me segredou que, de fato, aquela era a sua história de vida. Ele realmente tinha dois irmãos e ele era o mais novo deles e que sempre esperara pela aprovação do pai. Assim, me lembro de Bruno Bettelheim (1980) que, no seu livro *A psicanálise dos contos de fadas*, afirma: “só a criança pode determinar e revelar a força

com que reage emocionalmente àquilo que um conto evoca na sua mente consciente”. (BETTELHEIM, 1980, p. 26).

Então... o contador de histórias necessita de belas imagens, de belas histórias. Necessita de prática para desenvolver suas habilidades. Um contador de histórias necessita ver a luz em vez do abajur.

Enfim, para aqueles que trabalham com as histórias, com os contos, é de suma importância saber que história contar. Vamos agora dar uma olhada na classificação das histórias.

Classificação das histórias

Um contador de histórias precisa saber, conhecer bem o seu objeto de estudo. Assim, vamos ver, brevemente, algumas classificações das histórias, para que se possa pesquisar mais e melhor sobre elas. Começemos pelos mitos.

Mitos

Os mitos foram criados para dar sentido às coisas e ao mundo. Deuses, heróis e personagens sobrenaturais se misturam com fatos da realidade.

Segundo Jung (1977), os mitos guardam mensagens cifradas que estão no inconsciente coletivo da humanidade, algo compartilhado por todos os humanos. Já para o mitólogo Joseph Campbell:

Os mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos. Todos nós precisamos contar a nossa história. Todos nós precisamos compreender a morte e enfrentar a morte, e todos nós precisamos de ajuda em nossa passagem do nascimento à vida e depois à morte. Precisamos que a vida tenha significação, precisamos tocar o eterno, compreender o misterioso, descobrir o que somos (CAMPBELL, 1998, p. 73).

Contos de fadas

Contos de fadas são histórias comuns. Eles têm origem nos contos que circulavam pela Europa. Falam de intrigas, de ciúmes, de inveja, abandono, de traição de amores de desamores. Enfim, falam do palco da vida de homens comuns. Contudo, os “contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance de todos, apesar das adversidades. Mas, apenas se a pessoa não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire a verdadeira identidade”. (BETTELHEIM, 1980).

Na fala desse autor:

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história lhe tem a oferecer com respeito à

compreensão de si mesma e de sua experiência no mundo. (BETTELHEIM, 1980, p. 124)

Fábulas

As fábulas são narrativas que utilizam animais como protagonistas.

Na antiguidade, viveu um escravo grego, de nome Esopo e a quem se atribuem muitas das fábulas hoje conhecidas. Era uma época em que se faziam críticas à sociedade vigente por meio das fábulas sem o risco de morte iminente.

São curtas e bem-humoradas. Transmitidas em linguagem simples com mensagens relacionadas ao comportamento humano do cotidiano. O enredo vem sempre acompanhado de um pensamento moral. Particularmente, não gosto de contar fábulas porque sempre trazem um condicionamento a certas posturas apresentando, a meu ver, crenças por vezes inadequadas.

Lendas

As lendas misturam, por vezes, realidade e fantasia transformando o enredo em uma narrativa surpreendente.

Nas lendas, os fatos históricos são deformados pela imaginação popular. Feitos heroicos, personagens sobrenaturais, vidas de santos etc. Para essas narrativas se atribui sempre um fundo de verdade. Alguém viu algo acontecer e o transmite oralmente, obviamente, acrescentando o seu ponto.

Mas, que história contar?

A primeira recomendação para a escolha da história é sempre partir da sua própria experiência como ouvinte. Um bom critério é se lembrar das histórias que você ouvia na sua infância. Mas o critério *número um*, para mim, é você gostar da história.

É importante que você saiba que a sua intencionalidade é o seu guia para a escolha da história a ser narrada. O que você pretende ao contar essa história? Qual é o seu objetivo? O que você quer: ensinar, distrair, brincar, aquietar, entreter, curar, conversar sobre? Ampliar o quociente da inteligência emocional?

A segunda recomendação é sempre escolher uma história que você conheça bem. Gostar da história implica em conhecer bem essa história. Lembre-se das emoções que sentia. Quem contava? Como contava?

Para escolher uma história é preciso conhecer algumas, portanto, é importante ler muitas histórias, de vários tipos, várias origens. Frequentar bibliotecas pode ajudar muito nisso e, especialmente, ouvir contadores de histórias de diferentes etnias.

A terceira recomendação é conhecer o seu público, isto é, identificar o seu público-alvo, a faixa etária, de onde são essas pessoas, nível de escolaridade etc.

A quarta recomendação: Saber e conhecer o ambiente onde será contada a história. Problemas acústicos, atividades paralelas etc.

A duração das narrativas?

O tempo na narração depende muito da faixa etária e do interesse das crianças. É muito relativo. Crianças que estão acostumadas a ouvir histórias aguentam mais tempo, contudo, não deve ultrapassar dois a três minutos para os pequeninos (abaixo de cinco anos) e cinco a sete minutos para os mais velhos. Isso é muito flexível e, conhecendo o seu público, o narrador terá mais condições de ajustar essa questão. Crianças pequenas gostam muito de contos interativos, daqueles que elas possam participar – como dizem os psicodramatistas: elas têm fome de atos, não conseguem ficar muito tempo sem se mexer.

É bom lembrar que convém repetir a mesma história várias vezes; as crianças gostam disso. Entendemos que, na segunda vez, já identificadas com algum personagem, as crianças podem apreciar melhor a trama da história, antecipando acontecimentos e emoções, o que torna esses momentos lúdicos puro prazer.

Como contar a história

Para contar uma história de um jeito fluido e harmonioso, você precisa conhecer muito bem a história. Como diz Clarissa P. Estés (1994), dormir com essa história, até que ela sangre em você: você precisa saber o que conta esse conto. Quais são seus símbolos, suas metáforas, sua mensagem. Você deve criar a “sua partitura” da história.

Uma observação. Não se esqueça que estudar a história antes de narrá-la, proporcionará segurança, tranquilidade e naturalidade. Ter a história clara na mente nos permite receber interferências, caso aconteça, sem que percamos o fio da meada.

Como lidar com as interrupções

Para evitar interrupções, é preciso que, antes de iniciar a contação de história, se faça o que eu chamo de combinado ou contrato com as crianças, mesmo as bem pequeninas. O combinado é sempre uma conversa inicial sobre o que vai acontecer na contação de histórias. Provoca-se na criança uma fala de “esvaziamento”, ou seja, dá-se a palavra para a criança falar antes de ouvir. Exemplo: se você for contar uma história do Gatinho Mimi, pergunte se alguém tem um gatinho, qual é a cor dele? O que ele come? Qual é o nome dele?

Deixe-as falar, muito... Mesmo assim, por motivos variados, às vezes, há interrupções. Se o narrador mantiver sempre uma atitude tranquila e calma, saberá conduzir a interrupção oferecendo um olhar para a criança; um gesto para que aguarde,

faça isso com a mão, indicando para ela esperar você terminar. A criança entenderá. Por vezes, é possível que o narrador, experiente, aproveite a fala da criança para introduzi-la no contexto da história.

Recursos pessoais

A harmonia dos elementos a seguir determina o sucesso de qualquer narrativa.

A voz é um instrumento de suma importância para o contador de histórias, por isso cuide bem da sua. Hidrate muito suas cordas vocais e antes da narrativa aqueça sua voz para que não haja contratempos, como engasgos, tosses. Conheça bem a sua voz para poder usar todo o seu potencial. Se você escolher uma voz para um personagem, deve trabalhar com ela até o final do conto. Essa escolha deve ser cuidadosa, pois pode confundir o entendimento da história.

Palavras. As palavras devem ser apropriadas. O texto bem-dito vem de um texto bem escrito, e isso se dá com o estudo do conto. Prime pela riqueza do vocabulário. Seu público merece uma palavra bem-dita, já dizia minha avó Sinhá.

Respiração. É fundamental ter domínio da sua respiração, pois ela é que dá vida para a história. A respiração tem o poder de controlar as emoções. A respiração é sempre responsável pelo ritmo do conto.

Silêncio. O silêncio é tão importante quanto a palavra falada. Ele permite que o ouvinte tenha tempo para construir suas imagens mentais. As pausas permitem que sintamos as palavras e que possamos traduzi-las em emoções, saboreando-as. O silêncio confere à palavra seus ecos, faz com que vibrem em quem as ouve. Não se esqueça: Sem pressa de chegar ao final do conto.

Linguagem corporal. O seu corpo deve estar em plena sintonia com a palavra e a palavra com a história que você está narrando. Os gestos são extremamente importantes; às vezes, apenas um gesto pode ser tudo o que se precisa numa história. Lembre-se: os gestos são as imagens (ilustração) do conto e a palavra é o texto (escrita). Deve haver harmonia entre esses dois pontos. Antes de começar uma narrativa, espreguice, se alongue, boceje, cantarole e tudo fluirá com sucesso!

Olhar. “O olhar tem um poder bruxo...”, já dizia Rubem Alves. O olhar tem poder para despertar um interesse e para intimidar a inteligência, ele confirmaria. Esteja atento à sua plateia, ao seu ouvinte, não os perca de vista. Jamais!

No caminho...

Sem fechar as cortinas da nossa conversa, mas ficando por aqui, quero dizer que o ser humano necessita de recursos para lidar com as dificuldades, com os percalços no

caminho do amadurecimento, do crescimento. Quando não há recursos, só resta negar tudo o que se sente e suportar as consequências psíquicas desta anulação ou, então, agir de forma destrutiva, sofrendo as consequências psicológicas e sociais destas atuações.

O trabalho com a narrativa de contos tradicionais, como instrumento, principalmente em *setting* psicoterapêutico, tem sido um facilitador para processos de conscientização e desenvolvimento da competência emocional. Quero dizer que os contos se apresentam como facilitadores, contribuindo com caminhos para os enfretamentos das dores da infância. Percebi que esta é uma metodologia que se mostrou eficiente no desenvolvimento de competências, essenciais para que a criança/adolescente (incluindo adultos) possam levar uma vida emocional e social bem-sucedida. Neste contato com crianças e adolescentes, devemos ter em mente que o nosso objetivo é ajudar na criação de um indivíduo livre, alguém que possa achar um modo de vida por si próprio, alguém que esteja em contato consciente tanto com o mundo interno quanto com o mundo externo.

Assim, o trabalho com a contação de histórias, e o conseqüente convite à expressão dos sentimentos que o conto suscitou, permite à criança descobrir-se como alguém capaz de criar, de lidar com seus recursos internos e isso fortalecerá a criança como sujeito da sua história.

Desejo que este texto tenha aguçado seu desejo de contar e ouvir histórias. Que possamos acreditar no potencial dos contos. Assim me contaram, assim vos contei e “plim plim, plim plim”, nossa história acaba assim!

Referências bibliográficas

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1990.

ALMEDIA, E. **Bibliografia de linguística indígena brasileira**. São Paulo: Edusp, 1975.

ALVES, R. **Por uma educação romântica**. Papirus, Campinas, 2002.

BÂ, A. Hampatê. **Amkoullel the Fula boy**. London: Duke University Press, 1998.

BÂ, A. Hampatê. **História Geral da África**. São Paulo: UNESCO, 1972.

BERNE, E. **Games People Play: The Psychology of Human Relationships**. New York: Penguin Books, 1972.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos: mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem**; tradução Waldéa Barcellos, Rio de Janeiro, Rocco, 1994.

GIORDANO, Alessandra. **Contar histórias: um recurso arteterapêutico de transformação e cura.** São Paulo: Artes Médicas, 2007.

GIORDANO, Alessandra. **Contos que curam: a tradição oral como fonte de trabalhos arteterapêuticos.** Rio de Janeiro: WAK, 2020.

GOMES, L. **A arte de encantar: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares.** São Paulo: Cortez, 2012.

GUTFREIND, Celso. **O Terapeuta e o Lobo: a utilização do conto na psicoterapia da criança.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

HOLINGER, Paul. **O que os bebês dizem antes de começar a falar.** Rio de Janeiro: Alegro, 2004.

JUNG, C.G. **O Homem e Seus Símbolos**; tradução Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1977.

LAFFORGUE, P. **Petit Poucet deviendra grand: Le travail du conte.** Paris: Tapa Blanda, 1995.

MACHADO, Ana Maria. **Contos de Fadas.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MORAES, Fabiano. **Contar histórias: a arte de brincar com as palavras.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2012.

PESECHKIAN, Nossarat. **O mercador e o papagaio.** São Paulo: Summus, 1992

RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia.** São Paulo: Summus, 1982.

SHAH, Idries. **Contos sufis.** São Paulo: Madras, 1976.

SHAH, Idries. **A sabedoria dos idiotas,** Rio de Janeiro: Tabla, 2016.

SOIFER, Raquel. **A criança e a TV.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

TOLKIEN. J. R. R. **Sobre histórias de fadas.** São Paulo: Conrad Editora, s/d.

VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

Caminhando e criando com espiritualidade em arteterapia...¹

Maria Alice do Val Barcellos²

A Arteterapia surge como mediadora para a transformação pessoal, favorecendo no indivíduo o desenvolvimento de sua capacidade de associação, de experienciar suas ideias, suas potencialidades e qualidades pessoais para encontrar meios que lhe tragam melhor qualidade de vida e, assim, encontrar o significado de sua existência.

Participar do mundo da Arte é entrar num domínio sem fronteiras, um domínio que, ao nos tocar, nos transforma. As questões aqui levantadas apontam para uma atividade além da Arte, por meio das quais, ao se utilizar a Arteterapia como elemento de mediação, o sujeito se transporta para outras possibilidades de ser e de fazer expressando a mais profunda realização de contato consigo mesmo e com o outro, transcendendo o momento presente. Assim, o que se tem como meta é uma Arte pela Vida e para a Vida. Dessa forma, sempre pensei em desenvolver ideias que pudessem demonstrar a minha necessidade de incluir a espiritualidade no meu trabalho.

Com esta linha de conhecimentos artísticos, fui aprendendo no decurso de meus estudos a sensibilizar meu olhar para uma Arte que trazia para as telas a alma do artista. A descoberta de uma nova trajetória da Arte apresentou-me outra linguagem para a forma e para o conteúdo, que nada mais é do que a soma de elementos organizados segundo uma necessidade interior.

Mudanças e transformações pessoais foram então abrindo espaço para um resgatar do espiritual, alicerçado e cultivado na base da minha família. Como artista plástica, sei que a emoção está envolvida e não há Arte sem a mobilização interna que, abrangendo um ângulo de 360° e tendo um olhar tridimensional, nos coloca no centro de uma circunferência, de onde, focando cada ponto a nossa volta, nos oferece inúmeras possibilidades de ser e de se-ver-no-ser. Assim, ampliando mais o olhar, as várias vistas “do ponto”, amplio também para o entre, o além e o através, necessários para o “olhar transdisciplinar”.

A Arte é comunicação, comunicação com o eu, com o tu, com a parte, com o todo, com os outros, com o divino. É como Ponto que faço contato com a Arte, pois sendo ele o primeiro elemento que ocupa o Espaço, pode desencadear a Linha, que delinea a Figura, e é, também, o último elemento colocado no final da frase que constrói a nossa linguagem escrita.

O despertar do caminho espiritual nos possibilita a redescoberta de quem somos, nos realiza como seres humanos. A palavra espírito (alma), vem do latim *spiritu*

¹ Texto extraído de monografia apresentada pela autora na UNIPAZ (Universidade Internacional da Paz de São Paulo) sob o título **Novas Com-Figurar-Ações para a Transdisciplinaridade** – O espaço da Arteterapia. São Paulo, 2009.

² Arteterapeuta, artista plástica, professora no Instituto Sedes Sapientiae.

e indica a parte imaterial do ser humano, bondade, imaginação, humor, índole, vontade, pessoa dotada de inteligência. Assim, sempre que nos realizamos, iluminamos o espírito.

O Espírito, o sopro que impulsiona o ser humano para uma direção, compartilha do poder criador, buscando um significado para a vida e procurando estabelecer relações com o outro. Esse sopro leva em conta todos os sentidos que, no trabalho artístico, são exercitados por meio de cores, texturas, cheiros, sons e até mesmo do paladar. No espaço vazio, são modelados os pensamentos, os sentimentos e desejos. A meditação, também presente nesses espaços, nos exercita na compreensão e por meio dela mergulhamos na dimensão espiritual. Sentimos o Sopro Divino!

Descobrimos, reconhecemos e interpretamos dentro de cada realidade os diversos significados encontrados nas imagens que se apresentam com muitas possibilidades de ser. Sinto que o homem harmoniza-se com o mundo da mesma maneira que o ponto no espaço – um não existe sem o outro. E o ponto daquele começo se desloca em infinitos recomeços!

O ponto geométrico é, de acordo com nossa concepção, a derradeira e única união do silêncio e da palavra. É por isso que o ponto geométrico encontrou sua forma material em primeiro lugar na escrita - ele pertence à linguagem e significa silêncio.

(Kandinsky, 1997, p. 17)

Num processo artístico, a figura e o fundo fazem parte do todo que, por sua vez, faz parte de um todo maior. O ser humano não pode ser visto isoladamente, relacionando-se apenas com o universo, mas deve, sim, estar com outros pontos que também se transformam em linhas, tecendo uma trama que se altera a cada movimento daquele que fia, definindo linhas, construindo figuras, criando histórias.

O processo criativo é um caminho espiritual. E essa aventura fala de nós, de nosso ser mais profundo, do criador que existe em cada um de nós.

(Nachmanovith, 1993, p. 24)

Não há Arte sem uma mobilização interior, pois ela ajuda na busca do conhecimento sobre si mesmo, sobre o universo interior de cada um, trazendo da alma o sagrado manifestado como necessidade pela busca espiritual.

Em todas as manifestações artísticas dos povos primitivos, destacam-se marcas pintadas e escavadas, de cerimônias e rituais expressando a magia e o mistério, os medos, as alegrias e as fantasias da natureza que, ao longo da evolução histórica do homem, descreve a necessidade de integração do instinto.

Os alquimistas, através dos artistas da época, contribuíram com uma quantidade de imagens trazendo à tona não só a visão do sonho, como também a natureza do mal. A Arte, desde seus tempos primitivos, era representada no encantamento mágico e na invocação dos espíritos. Protegida dentro das cavernas, ela dava forma aos medos e às

vitórias que os caçadores esperavam alcançar em suas caçadas. Dançando ou gravando, o homem já prenunciava, nas pinceladas coloridas da “tela em branco” – imaginada na pedra rugosa –, a representação das angústias e emoções da atual era moderna.

O cristianismo desloca o centro para o alto, adotando a cruz como símbolo de elevação espiritual. Outros símbolos, elementos imprescindíveis na Arte, estão presentes em todas as manifestações espirituais. Ponto, Linha, Círculo, Quadrado constroem imagens que o ser humano busca para expressar suas crenças e suas emoções. A mandala, por exemplo, toca a dimensão atemporal e projeta a imagem arquetípica do interior para o exterior.

Refletir sobre os significados e os porquês de nossa missão no mundo, sobre nossa alma e dar atenção a nossa voz interior está dentro da dimensão espiritual. A Arte vista como sagrado é um meio de se compreender os abismos entre os seres humanos, alcança outras dimensões da liberdade através da mão do artista. O ser humano precisa ser receptivo e voltar-se para o seu interior, onde está depositada a semente da criação, e participar do pensamento criador. Através da Arte, o ser humano se sente em unidade com o que talvez nem se torne visível, pois ouve e se aproxima do sagrado pelas experiências da beleza artística das cores, dos sons e das texturas.

A criatividade é inerente ao ser humano, e a transformação das realidades da sociedade só é conseguida pela imaginação criadora. São realidades expressas não verbalmente e que, no entanto, envolvem o organismo como um todo.

[...] a arte não é o passatempo de fazer reproduções, é antes a expressão de uma atitude face à vida e uma ferramenta indispensável no lidar das tarefas da vida.

(Arnheim, 1997, p. 49)

Desmanchamos e refazemos nossas figuras em nosso fundo a cada momento. Há, em cada ser humano, a capacidade de encontrar forma no caos, a forma que se apresenta no modo como cada um vê e experimenta o mundo. Sensações e experimentações que, de acordo com o movimento do sujeito, transformam-se em novas possibilidades de imagens... de realidades... movimentos que, ao girar do caleidoscópio, ampliam infinitas visões para aquele que as percebe e que a elas dá um sentido pessoal, espiritual.

A Arte possibilita a abertura de nossas barreiras, e por meio dela é possível conhecer a alegria do coração, as fragilidades do pensar, a angústia da alma e a emoção do toque. Perdemos nossos limites, desmascaramos nosso ego, sonhamos com um espaço onde damos “asas a nossa imaginação”. É o ato de criação desbloqueando os obstáculos da vida e transformando-os em beleza!

Assim, no som da música escutamos a possibilidade de tocar, nas galerias de arte nossa emoção coloca em nossas mãos um pincel capaz de pintar as cores vistas nos quadros e, diante de um poema, sentimos até que poderíamos tê-lo escrito. As imagens, veículos sem palavras, atingem a plenitude da fala. Aventurar-se nesse espaço desconhecido faz com que tenhamos *insights* criativos, mostra-nos a possibilidade de

realização pessoal. Arte e espiritualidade se complementam. As expressões não verbais envolvem o organismo como um todo.

O artista, ao iniciar seu trabalho, *levanta o véu...* começa... e..., por vezes, recomeça... não reconhecendo os detalhes do caminho. Mas, quando conscientes, temos mais possibilidades de escolhas, deixamos de ser passivos e acreditamos que o imprevisível, o impossível de ser reconhecido no lá-então, torna-se no aqui-agora reconhecido, porque avistado. Articulamos um olhar novo para o mundo e um novo olhar para nós mesmos.

A sociedade, a comunidade, bem como o indivíduo, necessitam de iniciativa e de imaginação criativa para adquirir uma melhor qualidade de vida e para exercer um papel transformador, na nova visão de mundo. A ampliação da consciência faz com que o sujeito se integre no coletivo mudando atitudes.

O processo não se esgota, não se cristaliza, senão o indivíduo para de crescer. O trabalho é aberto, a arte é aberta, a figura está sempre aberta, forma e “desforma”, abrindo-se para novas figuras num caleidoscópio infinito de pontos, repetindo e expandindo o eu e o mundo, capazes de ver além da situação.

Numa visão ecológica, podemos olhar para o todo e como está inserido na totalidade do Universo. Neste sentido, tem-se a figura ora se fazendo fundo, ora virando figura... e assim o homem é capaz de se ajustar criativamente vivendo contextos diferentes, tentando encaixar seus pensamentos, às vezes em movimentos com marcas de sua individualidade e outras como expressão da coletividade.

Na ânsia de transpassar as fronteiras dos meus saberes posso até TRANSGREDIR ideias cristalizadas, transmitindo ao outro meus conhecimentos, posso TRANSFORMAR intenções ampliando consciências a TRANSCENDER a realidade que dá espaço para tudo e para todos, potencializada numa criação sem-fim...

A arte reescrevendo nossas vidas através do ponto e da linha

A Arte pode ser um caminho para ajudar o indivíduo a amar o que ele é, entrando em contato com o que tem de único.

O que o Artista expressa, já existe, é ele. A Criatividade desbloqueia os obstáculos da vida, transformando-os em beleza. Foi assim que, buscando um processo de maior integração no trabalho arteterapêutico, entrevi outras possibilidades para o uso da Arte.

A compreensão terapêutica dessa linguagem criativa leva a experiências significativas para esta integração do ser humano. E quando o conteúdo se torna incompreensível, a qualidade da forma torna-se perceptível com as alternativas que surgem da configuração das diversas imagens presentes e apresentadas.

Acredito que, ao descobrirmos nossas dificuldades emocionais, estaremos dando, no campo artístico, várias soluções, indiretamente, aos momentos mais difíceis do nosso viver.

Ver e reconhecer na representação da forma uma linguagem pré-verbal, que, deslocando um simples *PONTO* no espaço do papel, inicia a trajetória da *LINHA* que nos conduzirá pelo caminho que escolhemos vivenciar.

Em cada sessão trabalho o nível sensório-motor, explorando o ver, o sentir, o tocar, o pensar e o transmitir. Esse trabalho segue uma intencionalidade, com sessões direcionadas numa metodologia que prevê sequência de ideias e técnicas que, num crescendo (de certo modo), vão conduzindo ao autoconhecimento. O indivíduo como *PONTO* criado e criador, se deslocando no espaço, se reconhece no traço da *LINHA*, como projeção do gesto e caminho para os olhos, sendo modelada a autotransformação na forma concreta e palpável, percebendo-se como agente da história da própria vida.

Meu trabalho une arte e vida, significados se desvendam através da expressão pessoal. Atinge-se a plenitude da fala, não sendo necessário registrá-la, porque as imagens são um depoimento, em que a sua eloquência se apresenta àquele que se dispõe explorar este modo de olhar, para que as sensações aflorem e a percepção se aprimore. Ultrapassar o risco de atingir o *PONTO*, que se desloca em infinitos recomeços no traçado das várias *LINHAS*, estimula um diálogo ativo entre o indivíduo e o material.

Trabalhando com o *PONTO* que se desloca no espaço e reconhecendo que a *LINHA* registra a história de cada ser humano, é possível transformar uma imagem pesada em outra mais leve e solta.

Assim, a dinâmica de vida se altera em função das imagens, diluindo, desmanchando pontos de tensão nas *figuras cristalizadas*. Reafirmo que, na trajetória do trabalho que tenho desenvolvido, percebo que o ser humano se torna consideravelmente mais flexível quando envolvido com a arte que lhe oferece a liberdade de acreditar em si, acrescentando no seu viver um outro olhar como possibilidade de acerto.

Ser *PONTO* pode iniciar uma jornada, traçando uma outra *LINHA* de pensamento, uma outra conduta. Valorizamos então nossa criatividade, tecendo linhas para formar uma rede mais humana e mais coesa.

“É como *PONTO* que faço contato com a Arte, é como *LINHA* que inicio a aventura de existir.”

(Maria Alice do Val Barcellos)

Referências bibliográficas

ARNHEIM, R. **Arte e entropia**. Lisboa: Dinalivro Ed., 1997.

KANDINSKY, W. **Ponto e linha sobre plano**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

NACHMANOVITH, S. **Ser criativo**. São Paulo: Summus, 1993.

Ressignificações sobre o encontro da Arteterapia com a Psicopedagogia: cuidados éticos nas trocas multiprofissionais e abordagem transdisciplinar

Eloisa Quadros Fagali¹

Resumo: A autora retoma suas publicações (1997-2005) e ressignifica a importância das trocas multiprofissionais, apontando os cuidados éticos sobre o respeito às fronteiras que diferenciam as diferentes abordagens terapêuticas e educacionais, que necessitam de formações específicas. Amplia suas elaborações sobre o “encontro entre Arteterapia e Psicopedagogia”, destacando alguns pontos em comum: o valor das Artes Plásticas, mobilizadora das expressões espontâneas criativas que possibilitam a superação dos problemas psíquicos e de aprendizagem do paciente; a escuta das experiências que cada paciente expressa de forma singular, conforme seu estilo próprio, com efeitos positivos das trocas multiprofissionais e enfoque transdisciplinar. Pontua a necessidade de atualizar essas experiências e análises, diante dos novos conhecimentos e diversidades das demandas do mundo contemporâneo.

Palavras-chave: Trocas multiprofissionais – escuta das singularidades, respeitos das fronteiras de atuações terapêuticas

Abstract: The author resumes her publications (1997-2005) and redefines the importance of multidisciplinary exchanges, pointing to ethical care regarding respect for the boundaries that differentiate the different therapeutic and educational approaches, which require specific training. It extends its elaborations on the “meeting between art therapy and psychopedagogy”, highlighting some points in common: the value of the Visual Arts, mobilizing spontaneous creative expressions that make it possible to overcome the patient's psychic and learning problems; listening to the experiences that each patient expresses in a unique way, according to their own style. It presents clippings of a lived experience, with positive effects of multidisciplinary exchanges and transdisciplinary approach. It highlights the need to update these experiences and analyses, given new knowledge and the diversity of demands in the contemporary world.

Keywords: Multiprofessional exchanges – listening to singularities, respecting the borders of therapeutic actions

Introdução

Em publicação passada de minha autoria, indaguei: “O encontro da Arteterapia com a Psicopedagogia: um possível casamento que abre espaços para novas

¹ Psicóloga, arteterapeuta, psicopedagoga, Doutora em psicologia, especialista em psicodrama, psicossomática, com especialização e aperfeiçoamento analítico e em neurociências. Professora, orientadora e supervisora dos cursos de Arteterapia e Psicopedagogia do Instituto Sedes Sapientiae, pesquisadora e autora de publicações nas áreas de arteterapia, psicopedagogia e psicologia.

construções?”. Nesse artigo apresentado no final dos anos de 1990, apresentei análises que explicavam as minhas práticas arteterapêuticas integradas às experiências terapêuticas psicopedagógicas.

Por muitos anos, ministrei aulas e realizei orientações nos cursos de Arteterapia e Psicopedagogia. Desta forma, tive a rica oportunidade de trocar com colegas e alunos das duas formações, vivenciando de forma intensa os fundamentos terapêuticos, os pontos de convergência e as diferenças entre as duas práticas (FAGALI, 2005a). Tal experiência acadêmica, associada à experiência clínica me permitem hoje ampliar a atualizar a resposta à indagação inicial sobre o casamento entre essas duas especialidades.

Retomando os primeiros pensamentos e práticas

Em 2002, a partir de minha apresentação no Congresso de Arteterapia daquele ano², escrevi o artigo sobre o encontro da Arteterapia com a Psicopedagogia, utilizando a metáfora de “constelação”:

[...] Aproximações entre estrelas configurando constelações “em que os homens projetam a magia e seus mitos... Aproximações que se supõem encontros sem perdas de singularidade, formando uma nova construção”. (FAGALI, 2002, p. 26)

Revisitei essas mesmas reflexões em uma obra posterior, na qual detalhei e analisei os diferentes contextos em que interagem os olhares do arteterapeuta e do psicopedagogo e as mediações terapêuticas que se complementam, mesmo entre aqueles que têm formações diferentes.

[...] São como estrelas de uma constelação: considero que as diferenças entre uma estrela e outra dizem respeito ao foco de atenção, ao estudar a dinâmica relacional eu-outro, valorizando a construção criativa: a arteterapia focaliza essencialmente as questões sobre a postura e os fundamentos terapêuticos, considerando o aprofundamento do fazer e do refletir das artes plásticas e de outros recursos expressivos. A psicopedagogia direciona sua atenção para as questões sobre a postura do educador que necessita ter um olhar terapêutico, considerando os fundamentos desta construção, frente a dinâmica do aprender, e buscando os diferentes recursos expressivos do aprendiz. (FAGALI, 2005, p. 26)

Estes diálogos e discussões foram apresentados em palestras e aulas no curso de formação de Arteterapia e Psicopedagogia (Instituto Sedes Sapientiae, 2005) e na

² Não tenho a documentação das minhas exposições realizadas neste Congresso em Ouro Preto, Minas Gerais.

formação de Psicopedagogia (PUCSP, 2005)³ Discutia com alunos, orientandos, supervisionando e outros colegas que utilizavam em comum os recursos das artes, apesar de enfoque terapêuticos diferentes. Esses diálogos já ressaltavam a importância das trocas e complementações multiprofissionais (MELLO FILHO, 2010), que estão sendo retomadas e sinalizadas como necessárias para as formações de especialistas, que atuam na interface da saúde e educação.

Nas publicações anteriores e atualizações do momento, destaco os pontos em comum e as diferenciações entre Arteterapia e Psicopedagogia, considerando primeiro os princípios norteadores da Arteterapia, conforme referenciais explicitados por Selma Ciornai (2004), pioneira da Arteterapia no Brasil e fundadora do curso de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

Conforme Ciornai (2004) explica, é necessário destacar e considerar nos cursos de formação em arteterapia o enfoque do fazer artístico, aprofundado na formação arteterapêutica.

Arteterapia é o termo que designa a utilização de recursos artísticos em contextos terapêuticos. Esta é uma definição ampla, pois pressupõe que o processo do fazer artístico tem o potencial de cura, quando o cliente é acompanhado pelo arteterapeuta experiente, que com ele constrói uma relação que facilita a ampliação da consciência e do autoconhecimento, possibilitando mudanças.

No entanto, apesar de o termo “arte” referir-se de modo geral a diversas linguagens artísticas, o termo “arteterapia” ficou relacionado ao trabalho de profissionais que utilizam preponderantemente as artes plásticas como recurso terapêutico e o termo “arte em terapia” ou “terapia expressiva” para denominar o uso mais amplo das diferentes linguagens artísticas. (CIORNAI, 2004, p. 7)

Ciornai (2004) continua explicitando os princípios norteadores da arteterapia e detalhando as especificidades de disciplinas e vivências necessárias para a formação arteterapêutica:

[...] É um campo de interface com especificidade própria, pois não se trata de simples “junção” de conhecimentos de arte e psicologia. Isto significa que não basta ser psicólogo e “gostar de arte” ou ser “artista / arte-educador” e “gostar de trabalhar com pessoas com dificuldades especiais” para tornar-se arteterapeuta. A formação em arteterapia, além das matérias de arte e psicologia necessárias, compreende também um corpo teórico e metodológico próprio que abrange o conhecimento da história da arteterapia

³ Apresentações em aulas e eventos da prof. Eloisa Quadros Fagali (autora do presente artigo) apresentadas nos cursos citados do Instituto Sedes Sapientiae (São Paulo) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Não há registros escritos publicados.

e dos autores pioneiros e contemporâneos de maior proeminência da área”
(Idem, ibidem)

A referida autora, apesar de abrir espaços para o uso das artes, sinaliza as especificidades da formação arteterapêutica, conforme atualização da Associação Americana de Arteterapia:

[...] A arteterapia baseia-se na crença de que o processo criativo envolvido na atividade artística é terapêutico e enriquecedor da qualidade de vida das pessoas [...]. Por meio do criar em arte e de refletir sobre o processo e trabalhos artísticos resultantes, pessoas podem ampliar o conhecimento de si e dos outros, aumentar sua autoestima, lidar melhor com sintomas, estresse e experiências traumáticas, desenvolver recursos físicos, cognitivos e emocionais e desfrutar do prazer vitalizador do fazer artístico. (Associação Americana de Arteterapia, apud CIORNAI, 2004, p. 8)

Por outro lado, a Associação de Psicopedagogia focaliza os princípios e valores da psicopedagogia clínica e institucional, com enfoque na aprendizagem, que possibilita de forma preventiva o desenvolvimento psicoeducacional das crianças e de forma profilática as superações dos distúrbios ou dificuldades de aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos.

Conforme ressaltai nas práticas e reflexões apresentadas em obras passadas (FAGALI, 2005) e ressignificações atuais, a terapia psicopedagógica valoriza o uso das artes, mas considerando o processo de aprendizagem.

A psicopedagogia como área de conhecimento e prática de avaliação e intervenção, está comprometida com uma visão integrada do homem e do conhecimento (corpo, emoção e cognição) e com a dinâmica do encontro, na situação de aprendizagem. Na dialógica “professor-aluno”, “psicopedagogo-cliente”, o olhar e postura terapêutica são condições necessárias. (FAGALI, 2005, p. 25)

A Psicopedagogia está mais voltada para questões associadas à aprendizagem, seja formal ou informal e nos contextos vivenciais em que ocorrem experiências. Ela se aprofunda nos problemas de aprendizagem, considerando diferentes fatores associadas às dificuldades e ao transtorno no processo do aprender de crianças, adolescentes e adultos; aprofunda o enfoque clínico terapêutico, com atuações na interface saúde e educação, escutando o indivíduo aprendiz como um todo, e considerando a integração dos aspectos afetivos, cognitivos, psicomotores e socioculturais. Utiliza recursos das Artes e procedimentos lúdicos que possibilitam as expressões criativas que mobilizam as superações dos problemas de aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos.

A psicopedagogia é uma área de conhecimento e de atuação profissional que leva em conta uma concepção de aprendiz que cria a si próprio e constrói seu conhecimento, na sua singularidade, na busca da integração do emocional e do cognitivo, na dinâmica relacional eu-outro. Nesse processo de

transformação que requer a aprendizagem, tanto o sujeito que aprende, quanto o que ensina recebem influências da cultura e atuam sobre ela, num jogo de interações recíprocas. (FAGALI, 2005, p. 26)

A concepção e a prática psicopedagógica trazem essa concepção do indivíduo como um todo, em que se inter-relacionam os aspectos cognitivos, socioafetivos, psicomotores, físico e socioculturais. As práticas psicopedagógicas utilizam atividades lúdicas e das artes, abrindo espaço para a expressão criativa do “paciente-aprendiz”. O objetivo terapêutico é libertar os aprendizes das amarras que impedem a aprendizagem de crianças, adolescentes, adultos e pessoas que se encontram na fase de amadurecimento (terceira idade).

Nessas experiências psicopedagógicas e arteterapêuticas apresentadas nas obras em destaque, pude configurar melhor a dinâmica do “encontro terapêutico psicopedagógico e arteterapêutico”, em que ressignifiquei o sentido do encontro terapêutico e educacional. Considerei a “dialógica do encontro” de Buber na relação clínica entre terapeuta-cliente, e na dinâmica relacional entre educador- aprendiz. Analisei também as diferenças e trocas complementares na dinâmica interativa: encontro entre diferentes terapeutas e profissionais (BUBER, 1965, apud FAGALI, 2005).

Buber afirma que a relação é o que acontece de essencial entre os seres humanos e que, nessa dinâmica, o encontro acontece no diálogo face a face [...] Nessa busca do diálogo que requer a presença do outro, ocorre uma dinâmica que possibilita aproximações, identidades, assim como distanciamentos e confrontos com as diferenças. (FAGALI, 2005, p. 17, 18).

Ressignifiquei a dialógica de Buber “eu e tu”, presente em todas as relações de encontro na relação humana, e que retomo nas diferentes dinâmicas terapêuticas e educacionais, e no encontro entre profissionais, com destaques para a relação entre psicopedagogos e arteterapeutas.

Considero esse sentido de “dialógica do encontro” em outras publicações sobre dinâmicas específicas psicopedagógicas, definidas como “oficinas integrativas”. Nessas oficinas utilizam-se diferentes expressões artísticas que possibilitam o desenvolvimento da expressão da escrita, do pensamento lógico, das habilidades psicomotoras, das interações sociais e expressões criativas do aprendiz. Nesta dinâmica psicopedagógica, abrem-se espaços para a escuta do aprendiz como um todo, valorizando a expressão criativa, que possibilita o desenvolvimento de sua autoimagem, quando este reconhece seu potencial criativo e experimenta passo a passo as superações possíveis das dificuldades cognitivas que afetam sua aprendizagem. Assim se constituíram o que denominei de “oficinas integrativas” com enfoque psicopedagógico:

[...] O nascimento, e os primeiros alimentos e os primeiros passos do trabalho aconteceram em 1986 com a participação das crianças que se agrupavam, de acordo com as diferentes idades para se iniciarem na aventura da criação. Vinham para este espaço porque apresentavam dificuldade para contatar

com o mundo. Geralmente apresentavam uma certa rigidez no processo de aprendizagem. (FAGALI, 1997-1998, p. 45)

As oficinas psicopedagógicas inspiraram-se no resgate histórico das oficinas pedagógicas desenvolvidas por Freinet (1975). Portanto, não inventamos a roda, mas buscamos ressignificar e expandir tal proposta. Dessa forma, foram reunidos recursos dos diferentes materiais e expressões das artes para as criações e o aprendizado do indivíduo, ou mesmo focalizando um trabalho com traços mais arteterapêuticos.

“[...] Nesses encontros que ocorrem nas oficinas, ora predomina o enfoque psicopedagógico, ora o arteterapêutico. Por isso preocupo-me principalmente com a formação do profissional, que atua em diferentes instâncias, comprometido com o desenvolvimento integrado do homem, em suas condições humanas criativas.” (FAGALI, 2005, p. 59)

O enfoque prático-teórico e a denominação das oficinas ampliaram-se para “oficinas integrativas ecossistêmicas”, apresentando desafios de diferenciações práticas entre a atuação do psicopedagogo e complementações com o que denominei de oficinas arteterapêuticas, valorizando as trocas multiprofissionais e a escuta das experiências vividas pelos integrantes do grupo. Foram aprofundadas as dinâmicas com enfoque sociocultural, conceituado como “dinâmica ecossistêmica”, diferenciando os trabalhos com grupos de crianças, adolescentes, e grupos de orientação e aprendizagem com pais, professores e cuidadores das crianças e adolescentes.

Considerando estas construções entre profissionais, concluo minhas reflexões trazendo experiências de oficinas psicopedagógicas arteterapêuticas integrativas-ecossistêmicas que resgatam o movimento criativo do homem, no jogo entre o todo e as partes, e nas pulsões rítmicas entre as forças imersas na cultura e aquelas mobilizadas pelo indivíduo. (FAGALI, 2005, p. 60)

Estas oficinas se desdobraram, complementado com os ateliês de arteterapia, mas mantiveram a característica de ser um espaço criativo em que se integravam atividades de artes, o lúdico e as diferentes expressões verbais e não verbais. Eram práticas psicopedagógicas, complementadas com práticas da arteterapia, desenvolvidas na escola, em ONGs, espaços clínicos psicopedagógicos e ateliês de arteterapia, valorizando o poder curativo das Artes e cuidando do desenvolvimento das pessoas, seu auto conhecimento e superações de suas dificuldades, de acordo com os fundamentos de Jung (1987) e dos pós-junguianos (FAGALI, 2005; 2023).

Jung (1987) valorizava o poder curativo das diferentes artes expressivas, das Artes plásticas, das narrativas míticas, dos contos, da música, do gesto corporal, ressaltando o valor simbólico das artes que transforma as culturas e os indivíduos. Nise da Silveira (1981), psiquiatra analítica, atribuía especial valor à força terapêutica da Arte no tratamento de seus clientes com traços psicopatológicos, mas que traziam seu poder de expressão e possível cura por meio das artes.

Um aspecto comum que desenvolvi nas práticas psicopedagógicas e arteterapêuticas refere-se às diferenciações do tipo psicológico (JUNG, 1987; SILVEIRA, 1981): cada pessoa revela esse tipo como um potencial diferenciado, que o ajuda na superação de suas dificuldades.

As pesquisas psicopedagógicas e arteterapêuticas avançaram nas observações e identificações dos tipos diferentes, associados aos potenciais de cada pessoa revelados na situação terapêutica, e que foi conceituado por mim e por uma equipe multiprofissional com o nome de diferentes “estilos cognitivo-socioafetivo” (FAGALI, 2023 – no prelo). Esses estilos se diferenciam por revelarem singularidades dos potenciais das pessoas, que possibilitam superações das dificuldades. As diferenciações, observadas e analisadas até o momento atual (FAGALI, 2023), são as seguintes:

- *estilo sensório corporal*, com maior potencial de ações concretas, apoiadas na inteligência cinestésica;
- *estilo subjetivo*, com maior capacidade de usar a inteligência emocional, que possibilita o contato direto com os sentimentos;
- *estilo imaginativo*, com um grande potencial intuitivo;
- *estilo intelectual*”, que utiliza com facilidade o pensamento teórico-lógico.

Cada estilo apresenta uma tendência mais introspectiva (atitude introvertida) ou mais comunicativa (atitude extrovertida). Essas diferentes capacidades das pessoas são consideradas como “potencial criativo”, que facilita as superações das dificuldades e mobiliza as variações e singularidades das expressões criativas (FAGALI, 2003, 2004, 2023).

Ressalto aqui um dos aspectos que considero de fundamental relevância, e que está presente em todos os teóricos e nas práticas arteterapêuticas e psicopedagógicas explicitadas neste artigo: a postura terapêutica, aberta para a escuta da pessoa, ouvindo-a e olhando-a como um todo, sem se fixar apenas nos traços psicopatológicos, conflituosos ou nas dificuldades e transtornos de aprendizagem. Um olhar terapêutico que capta as inter-relações recíprocas entre os fatores cognitivos, psicoemocionais, socioculturais e físicos, que possibilitam a descoberta do potencial criativo da pessoa e as superações de seus conflitos e entraves emocionais e de suas dificuldades de aprendizagem.

Considerações finais

Em relação às ressignificações das obras que produzi sobre as diferenças e os pontos em comum na prática psicopedagógica e da arteterapia, denominei-as aproximações ou encontros, utilizando a metáfora do “possível casamento”, ou das configurações de “uma constelação de estrelas”, por terem alguns pontos em comum

sobre a utilização das Artes, e a valorização dos diferentes potenciais criativos daqueles que nos solicitam apoio terapêutico.

Como psicóloga, com formação arteterapêutica e psicopedagógica, considero necessárias as ressignificações sobre o uso e o valor das Artes como força terapêutica e abertura para expressão criativa das pessoas que buscam nosso apoio terapêutico: expressões espontâneas que possibilitam o desenvolvimento do autoconhecimento, e o respeito e reconhecimento do potencial daqueles que buscam superar dificuldades de diferentes naturezas. O apoio terapêutico psicopedagógico oferece o suporte para as pessoas que apresentam dificuldades ou transtornos de aprendizagem. O suporte arteterapêutico possibilita a livre expressão criativa, autoconhecimento e as possíveis superações dos conflitos emocionais, existenciais ou dos entraves de natureza psicossomática. Essas diferenças precisam ser observadas, discutidas, e ressignificadas, respeitando as trocas multiprofissionais e mantendo o respeito às fronteiras que configuram a formação Arteterapêutica e a Psicopedagógica.

Estes cuidados sobre as diferenciações entre profissionais e suas retroalimentações precisam ser revitalizados, principalmente no momento atual, (2020-2023), em que foram potencializados os atendimentos terapêuticos à distância. Sem querer “demonizar” as trocas *on-line*, precisamos ser cuidadosos para que estas não substituam o “encontro terapêutico dialógico presencial”, que Buber considera tão necessário para a condição humana (BUBER, apud FAGALI, 2005).

Referências bibliográficas

CIORNAI, Selma. Arteterapia Gestáltica. In: CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em Arte terapia: Arte terapia Gestáltica, Arteterapia em Psicoterapia, Supervisão em Arteterapia**. São Paulo: Summus, 2004, v. 62.

FAGALI, Eloisa. Quadros. Oficinas integrativas: Musicoterapia, Arteterapia, Literatura. *Revista Arteterapia: Reflexões*, São Paulo, ano III, n. 2, 1997-1998, p. 43.

FAGALI, Eloisa Quadros. O encontro da Arteterapia com a psicopedagogia. *Revista Arteterapia: Reflexões*, São Paulo, ano VI, n 5, 2002, p. 26.

FAGALI, Eloisa Quadros. Integrando trabalhos plásticos e linguagens expressivas. Transitando por diferentes mundos, dançando com diferentes Linguagens: oficina educacional e terapêutica, integrando arteterapia, musicoterapia, psicodrama, corpo e literatura. In: CIORNAI, Selma (org.), **Percursos em Arte terapia**, São Paulo: Summus, 2004, v. 63. Parte III, p. 219-254

FAGALI, Eloisa Quadros. Encontros entre Arteterapia e Psicopedagogia: a relação dialógica terapeuta e cliente, educador e aprendiz. In: CIORNAI, Selma (org.). **Percursos em Arteterapia: Arteterapia, educação**. São Paulo: Summus, 2005, v. 64. Parte I, p. 17- 64.

FAGALI, Eloisa Quadros, **Diálogos entre diferentes estilos cognitivo sócio afetivos – Diferentes enfoques terapêuticos**. Petrópolis: Wak Editora, 2023 (no prelo).

JUNG, Carl. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

MELLO FILHO, Júlio; SILVEIRA, Lia Marcia Cruz; BURD, Miriam. Consulta conjunta: uma estratégia de atenção integral à saúde: a integração de pessoas e saberes. *In*: MELLO FILHO, Júlio; BURD, Miriam (orgs.). **Psicossomática hoje**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SILVEIRA, Nise. Processo de individuação. Educação do jovem e adultos. *In*: **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

A arte de cuidar

Ana Alice Francisquetti¹

Resumo: Condições de saúde crônicas, tais como aquelas resultantes de Doença de Alzheimer e de Acidente Vascular Encefálico, geram necessidade de atenção à saúde por longo tempo. O impacto dessas doenças foi ilustrado pela vida e obra de artistas acometidos. Os cuidadores, sejam eles profissionais ou familiares, estão no centro desta atenção e requerem, também eles, cuidado. O objetivo deste estudo foi demonstrar como os cuidadores são afetados pelas condições patológicas dos referidos pacientes, especialmente em sua qualidade de vida. Os dados foram obtidos de trabalho de Arteterapia realizado com grupo de pacientes e seus cuidadores.

Palavras-chave: Alzheimer; acidente cerebral encefálico; cuidador; cuidado; arte.

Abstract: Chronic health conditions, such as those resulting from Alzheimer's Disease and Stroke, create a need for long-term health care. The impact of these diseases was illustrated by the lives and work of affected artists. Caregivers, whether professionals or family members, are at the center of this attention and also require care. The objective of this study was to demonstrate how caregivers are affected by the pathological conditions of these patients, especially in their quality of life. Data were obtained from Art Therapy work carried out with a group of patients and their caregivers.

Keywords: Alzheimer; cerebral stroke; caregiver; care; art.

Introdução

O reconhecimento de que os cuidados são essenciais na atenção à saúde nas situações crônicas e de longo prazo tem incentivado a busca por soluções nos grupos formados por cuidadores. Dr. Formazzari, diretor do programa de geriatria da Universidade de Toronto, relata que:

A criatividade em qualquer de suas formas, seja visual, musical ou literária, deve ser ativamente explorada em relação aos pacientes com Alzheimer e outras demências. Esse esforço de se concentrar nas funções preservadas sem vez de nos déficits do paciente irá melhorar qualidade de vida, além de ser uma forma gratificante para a comunicação com o cuidador. (FORMAZZARI LR, 2005, p. 24)

¹ Artista plástica. Arte terapeuta. Arte-reabilitadora. Implantou a Arte-reabilitação no setor de reabilitação e na enfermaria do Hospital da Associação de Assistência à Criança Deficiente (AACD) e no Brasil. Professora e supervisora do Curso de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae e de Porto Alegre. Professora convidada do curso Cuidados integrativos da UNIFESP e curadora de exposição da criança e do adulto especial. Professora de Arte-reabilitação na pós-graduação do Instituto Faces.

A clínica deve ser ambiente facilitador e local de acolhida para o atendimento arteterapêutico e de Arte-reabilitação, no processo de reorganização do cérebro, estimulando os circuitos neurais, e no treino das funções cognitivas. Mas nossa proposta é de que este espaço também possa acolher as demandas do cuidador.

Ao nomearmos o tipo de cuidado que devemos ter com o cuidador, não estamos tentando a cura da doença ou um estado mental ideal do cuidador, mas buscando uma atenção para aquele que cuida e alivia o sofrimento e a angústia de seu próximo. Um mundo que ignoramos e que, de certa forma, está diante de nós.

Existe uma grande aproximação entre arte e cuidado no tratamento de pacientes e cuidadores, entre arte de artistas e não artistas e o papel do cuidador, em todas as áreas do conhecimento humano. Apoiando-se na literatura sobre pintores que sofreram perda de memória por diferentes quadros neurológicos, apresentamos alguns artistas que, em virtude do adoecimento, necessitaram da presença de um cuidador em período integral, a fim de melhorar e prolongar suas vidas.

As obras de arte oferecem uma percepção do mundo, ensinam a conhecer a vida. Diversos distúrbios com alterações cerebrais afetaram músicos, artistas plásticos. Na verdade, essas observações dizem mais respeito aos pintores figurativos, para quem é mais fácil perceber certas alterações, do que aos pintores abstratos, mas elas revelam claramente relações específicas entre certas zonas do cérebro. COUCHOT, 2018, p. 177)

Iniciamos com os retratos de William Utermohlen (1933-2007) pintor expressionista norte-americano de origem holandesa que, aos 61 anos, foi diagnosticado com a doença de Alzheimer (DA). Pela primeira vez na história médica, um paciente registrou suas impressões, comunicou seus pensamentos e sentimentos, de modo a permitir documentar a deterioração lenta e metódica do cérebro. Sua nova obra evidencia vários graus de simplificação, abstração e déficit visuoespacial. Os últimos trabalhos demonstram a importância de continuidade e documentação, e trazem a oportunidade de entender a neurologia da arte e da criatividade artística. Cinco anos após o diagnóstico, o artista pinta seus últimos autorretratos. As obras demonstram diversas emoções, como o terror, a tristeza, a resignação e a sensação de desamparo.

Autorretratos de William Utermohlen (1955-2000)



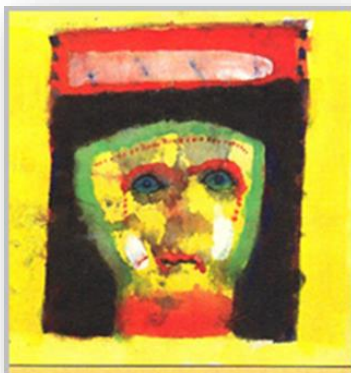
1956



1996



1996



1997



1998



2000



1999

Autorretratos do artista, em diferentes períodos da doença de Alzheimer.

Outra artista plástica que citamos é Danae Chambers (1941). Pintora canadense, estudou na Universidade de Oxford, viveu no sul da França e teve diagnóstico de DA aos 54 anos de idade. Foi contratada para pintar quadros de pessoas famosas, mas apresentou deterioração das faculdades mentais. Perdeu a noção das proporções espaciais, entretanto, continuou pintando lindamente. Sofreu agressão sexual por parte de seu cuidador, um enfermeiro de 46 anos de idade, mais um dos casos de violência e agressão contra as mulheres marginalizadas pelas doenças degenerativas.



Autorretrato de Danae Chambers (1999).

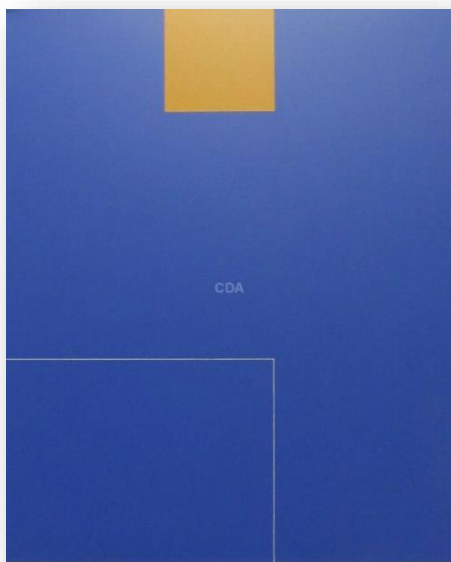
(Fonte: <https://www.semanticscholar.org/paper/I-and-me%3A-self-portraiture-in-brain-damage.-Blanke/44acd959e77a6df6cc5e13556b9b14d3b0e964f3>.)

Goldfarb (2014) considera que:

Do ponto de vista da medicina atual, o termo demência não se refere a uma, mas a várias doenças de origem e evoluções diferentes, porém de prognósticos semelhantes, a maioria das vezes progressiva e irreversíveis. Nesse sentido, a demência pode ser considerada mais um conjunto de sintomas que acompanham várias doenças. Teremos, então, quadros demenciais originários de várias doenças: Aids, AVC, traumatismo craniano, Parkinson, Processo expansivo (tumor), doença de Pick, Huntington ou Alzheimer. (Idem, p. 71).

Como exemplo de superação de acidente vascular encefálico (AVE), citamos o artista plástico argentino Antonio Lizárraga (1924-2008). Ele apresentou um quadro de acidente vascular isquêmico, que evoluiu com preservação da consciência e percepção do mundo, mas com restrição dos movimentos. Pela sua grande energia, encontrou um novo caminho para sua produção artística com apoio de sua assistente desenhista técnica, que o ajudava na produção. Como recurso para dar forma a sua criatividade,

adotou pós 1983, o ditado gráfico associado à palavra. Em seu modo de trabalhar a pintura ou o desenho, formou um tipo de vínculo com a técnica e pôde concretizar sua obra, dando continuidade à sua produção artística (CASALIS; PASSOS, 2005, p.105). A seguir, vemos algumas obras de Antonio Lizárraga realizadas após acidente vascular encefálico (fonte consultada: <https://www.catalogodasartes.com.br>)



A Linha de 90 Graus, 2008.



Sem título e sem data.

Essas breves apresentações nos conduzem a algumas reflexões existenciais. São artistas que até o final de seus dias necessitaram dos cuidados de um cuidador; o reconhecimento de que os cuidadores são essenciais na atenção à saúde nas situações crônicas e de longo prazo; o padrão de relacionamento que se estabelece entre o paciente e o cuidador pode comprometer a vida de ambos; problemas de transferência e contratransferência são comuns nas relações; e quem cuida também precisa ser cuidado.

Doenças de longa duração demandam intensa participação por parte dos cuidadores, sejam eles familiares ou contratados. Para se pensar na integridade do cuidado, precisamos nos aprofundar no conhecimento das reais necessidades de quem é cuidado. O cuidador, além das atenções rotineiras ao paciente, controla o medicamento, desdobra-se para participar das consultas médicas, terapêuticas, sociais; enfrenta muitos desafios diários. E formação adequada e capacitação permanentes são necessidades permanentes. Ao oferecer espaço para a escuta, o cuidador também deve dar ao paciente limites, trocas.

O cuidador necessita de autocuidado: cuidar de si próprio, para poder atender seus pacientes. Cuidar de si para cuidar do outro.

O envelhecimento da população está gerando maior dependência de cuidados, tomou diferentes significados particulares, e dentro de um contexto histórico, político, social, econômico e cultural precisa ser analisado e esclarecido. Segundo dados do IBGE

(2020), estima-se que mais de 5 milhões de brasileiros tiveram que cuidar de parentes idosos com doenças degenerativas.

O cuidador de idosos é a profissão que mais cresce no país. Desempenha papel fundamental na demanda de cuidados especiais, envolvendo todos os aspectos do cuidado. Perto de 80% dos cuidados com os pacientes com DA são realizados por familiares, esposa e filhos. A sobrecarga dos cuidadores é uma das causas dos problemas físicos e emocionais do cuidador. O impacto na vida do cuidador pode ser observado no aumento de consultas médicas, no uso de psicotrópicos, na piora da saúde, no prejuízo do sistema imunológico, no desenvolvimento de sintomas físicos e psicológicos.

Atendimento em Arte-reabilitação e Arteterapia a grupo de pacientes com sequelas neurológicas e seus cuidadores

No contexto do atendimento em Arte-reabilitação e Arteterapia de um grupo de pacientes com DA e com sequelas de AVE, num espaço cultural de São Paulo, tivemos a oportunidade de observar o comportamento, os desejos e frustrações do grupo de cuidadores que acompanhavam estes pacientes. Tivemos especial interesse em avaliar a qualidade de vida desses cuidadores, comparando se havia diferença no impacto de acordo com a patologia.

O termo qualidade de vida (QV) refere-se ao bem-estar subjetivo do sujeito e sua satisfação com a vida, que inclui saúde física e mental, bem-estar material, relacionamentos interpessoais dentro e fora da família, trabalho, desenvolvimento pessoal e social.

Esses aspectos podem ser influenciados pelo que chamamos de percepção da saúde, integrada pela experiência pessoal, pelas crenças, expectativas de vida e percepções subjetivas do indivíduo.

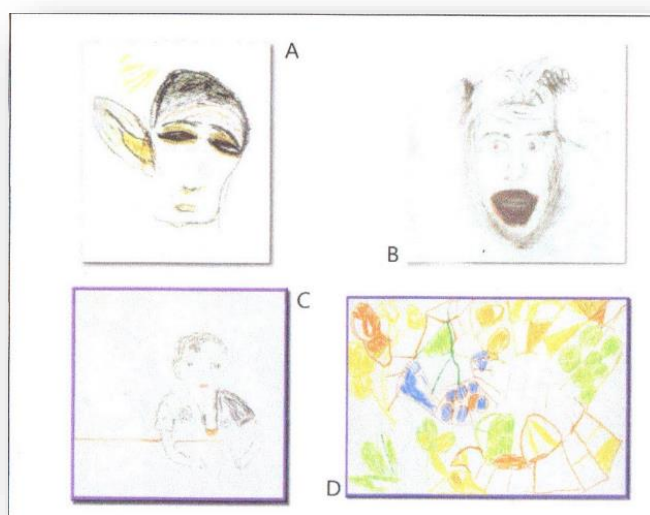
Para compreender o impacto da DA e do AVE sobre a QV do cuidador, é importante conhecer estes diagnósticos.

O que é a doença de Alzheimer? Alois Alzheimer (1865-1915), patologista alemão, identificou as mudanças que ocorrem no cérebro. A doença afeta mais mulheres do que homens e responde por 60% de todas as doenças demenciais. A avaliação neuropsicológica pode caracterizar alterações cognitivas, comportamentais e funcionais, com perda progressiva da capacidade de realizar atividades da vida diária. As células nervosas na parte do cérebro que controla a memória, o raciocínio e a capacidade de julgamento ficam danificadas, interrompendo as mensagens; há um encolhimento do córtex cerebral.

O prejuízo da memória é o evento de maior importância. Nos estágios iniciais da doença, encontramos perda da memória episódica e dificuldade de aquisição de novas

aprendizagens, evoluindo para prejuízo de outras funções cognitivas, tais como julgamento, cálculo, raciocínio abstrato, habilidades viso espacial etc. Nos estágios intermediários, podem ocorrer afasia fluente, dificuldade de nomear objetos ou de escolher a palavra adequada para expressar uma ideia, apraxia. Nos estágios mais avançados, podem ocorrer alterações do ciclo de sono.

É preciso começar a perder memória, mesmo que seja em relação às ninharias, para perceber que é dela que é feita nossa vida. A memória é a nossa coerência, nossa razão, nossa sensibilidade, e até mesmo nossa ação, sem ela nada somos... (só me resta esperar pela amnésia final, aquela que apaga a vida inteira, como apagou a de minha mãe...). (BUÑUEL, 1982, p.14)

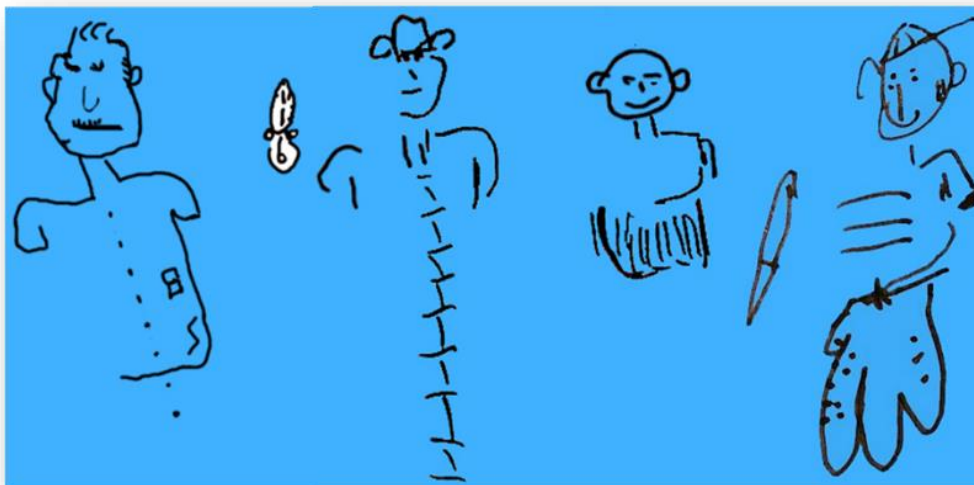


Exemplos de desenhos de pacientes com Alzheimer.

O acidente vascular encefálico (AVE) é causado por alteração da circulação sanguínea cerebral com consequências no plano cognitivo, sensório-motor etc. de acordo com a área lesada e sua extensão (ARES, 2005, p. 3). É a terceira causa de morte no mundo, sendo a faixa etária de risco os 65 anos de idade, dependendo do histórico familiar, histórico de tabagismo, doenças cardíacas, uso de contraceptivos, álcool, consumo de drogas.

Os pacientes com AVE apresentam alterações cognitivas e dos processos emocionais; variação das funções corticais superiores: apraxia, afasia, agnosias. São muitas as síndromes neurológicas resultantes de um AVE. O profissional cuidador deve conhecer a patologia e o potencial residual para adaptar as atividades criativas.

Desenho da imagem corporal de um paciente de AVE, com negligência visual, causado por lesões no lado direito do cérebro, que faz com que o paciente ignore uma parte da percepção visual do lado esquerdo.



Desenho da imagem corporal de um paciente de AVE, com negligência visual, causado por lesões no lado direito do cérebro, que faz com que o paciente ignore uma parte da percepção visual do lado esquerdo.

Quem é o cuidador que cuida do paciente com Alzheimer ou que sofreu AVE? A atividade de cuidador é uma modalidade muito especial, por conseguir trabalhar tanto as questões cognitivas como as emocionais e social do indivíduo afetado.

Em 2017, o número de cuidadores era de 34.051, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho.² A formação de cuidadores não acompanha a necessidade de cuidado da população. O Hospital do Servidor Público Estadual (IAMSPE) foi pioneiro no Brasil no atendimento aos pacientes que necessitam de um cuidador. Nesse sentido, tem-se também o Núcleo de Epidemiologia do Cuidador da PUC (Pontifícia Universidade Católica), entre outras que formam tais cuidadores. O sexo predominante de cuidadores é do sexo feminino, com nível de escolaridade que vai do curso básico até o nível superior.

A deficiência na formação de profissionais na área está fazendo com que os cuidadores estejam atuando com carga abusiva, sem folgas e em ambiente de trabalho inadequado. Muitos cuidadores são empregados domésticos que cuidavam da casa e passaram a cuidar do doente. O Ministério da Saúde e Desenvolvimento Social deu início à formação de cuidador (Senado Federal, PL n. 284, de 2011). O cuidador de idosos também tem direitos assegurados pela Constituição: carteira de trabalho, repouso semanal, aposentadoria, auxílio-doença pelo INSS, vale-transporte.

² Dados coletados em: <https://valorinveste.globo.com/produtos/previdencia-privada/noticia/2019/06/25/com-alta-de-547percent-cuidador-de-idoso-e-a-profissao-que-mais-cresce-no-pais.ghtml>. Acesso em: jun. 2023.

Para avaliar o impacto que a atividade tem na vida do cuidador, é preciso que se aplique instrumentos que possam medi-lo. Nosso objetivo foi verificar se existem diferenças significativas de vida entre os cuidadores de pacientes com DA e de AVE e conhecer as situações positivas e negativas vivenciadas pelo cuidador no domicílio. O instrumento usado para a coleta de dados foi a versão brasileira de Qualidade de Vida SF-36.

Nessa pesquisa foram entrevistados 6 acompanhantes do grupo de DA e 6 acompanhantes de pacientes com AVE, sendo 8 mulheres com idade variando entre 28 e 54 anos de idade, e 4 homens com idade de entre 32 e 55 anos. O questionário foi respondido pelos cuidadores com total consentimento de participação.

Em síntese, apresentamos os resultados comparativos para a qualidade de vida dos cuidadores das duas patologias.

Tabela 1 – resultados de qualidade de vida (QV) para cuidadores de pacientes com DA e AVE (pontuação máxima da escala é 100 e os resultados menores indicam menor QV).		
CATEGORIAS DA QV	CUIDADORES – DA	CUIDADORES – AVE
Capacidade funcional	92,5	94,2
Aspectos físicos	83,3	70,8
Dor	57,7	60,5
Estado geral de saúde	63,7	50,0
Vitalidade	75,0	61,7
Aspectos sociais	85,7	72,9
Aspectos emocionais	88,9	61,1
Saúde Mental	75,3	83,3

Na literatura, estudos de grupo-controle evidenciam diferenças entre a qualidade de vida dos cuidadores de DA e AVE. Um estudo comparativo entre os grupos evidenciou que o impacto sofrido pelos cuidadores é maior nos cuidadores DA, apresentando maiores riscos de impacto do que com os mesmos pacientes com depressão, sendo que as variáveis que interferiram foram os aspectos sociais e emocionais, embora as outras diferenças não sejam significativas. Cuidadores de pacientes com DA apresentam pior avaliação dos aspectos de saúde, estresse, e com a vida social e afetiva mais limitada do que os cuidadores de AVE. Pacientes com AVE têm taxas mais elevadas de depressão e menor comprometimento cognitivo quando comparados aos pacientes com DA, o que justifica os resultados da avaliação.

Facilitando o processo de autoconhecimento: encorajar e confortar as demandas do grupo de cuidadores.

Criatividade e sensibilidade são um potencial humano. Todos nós nascemos com um potencial de criatividade e é nos múltiplos encontros com a vida que estes vão se revelar e desabrochar... Concebo saúde como ligada à criatividade, a processos criativos, na visão de homem como um ser-em-relação, ser-no-mundo cuja natureza peculiar é ser criador. (CIORNAI, 1995, p. 59).

Uma das funções da Arteterapia é ajudar na reconstrução da existência: a Arte possui um poder organizador e equilibrador. Iniciamos um trabalho de atendimento ao grupo de cuidadores em Arteterapia em uma instituição da cidade de São Paulo. À medida que os participantes puderam identificar e expressar seus sentimentos, dúvidas, olhar seu interior, por meio das atividades artísticas dando espaço para a expressão através das imagens, estes foram se conscientizando da necessidade vital de cuidarem de si mesmos para poderem cuidar do outro. O diálogo com os materiais artísticos cria condições para a transposição dos limites impostos pela vida. O cuidado é discutido em diferentes áreas do conhecimento: Arte, Arteterapia, Filosofia.

O ser humano é dotado da capacidade de escolha e de transformações. O cuidador, quando pensa em si, passa por mudanças de ordem pessoal, social e econômica, alterando o comportamento pessoal para um processo atento de cuidar.

Heidegger contempla de modo positivo o cuidar dos entes, não como sinônimo de bondade, mas o entendimento autêntico do que é importante. Ôntico: tudo que é percebido, entendido, conhecido de imediato. É a compreensão cotidiana do ser em que nos movemos. É a dimensão do ser-aí envolvido na cotidianidade. Faz uma reflexão positiva sobre o cuidado, não como um ato mecânico e técnico, mas um modo de ser consigo mesmo e com o outro que expresse ajuda, atenção e bom trato. Um modo de ser, não na aparência, mas essência. Reforçando as ideias do filósofo, o cuidador tem sua história, seus hábitos de vida, rotina, sentimentos que devem ser respeitados e compreendidos. É preciso conhecer sua essência, reconhecer-se como ser único. (SENA, 2006).

Outro filósofo, Merleau Ponty, embora não tenha citado o cuidador como profissão, analisa nossa experiência perceptiva através de sete categorias: três são relacionadas ao cuidado e quatro centradas na percepção do cuidador sobre o processo de cuidar (SENA, 2006).

Essas categorias revelam muito sobre as questões do cuidado de si e do outro. Arteterapeutas e cuidadores dedicam seu trabalho aos que buscam alívio para o sofrimento. A Arteterapia oferece recursos teórico e vivencial para o cuidador cuidar de si mesmo.



Desenhos realizados pelos cuidadores de pessoas com DA e AVE. (Arquivo da autora)

A busca da arte de cuidar pelo cuidador ou paciente sofre a influência de diversos fatores: história de vida, cultura de origem, disponibilidade de recursos econômicos. O cuidador da DA ou AVE deve pautar seu atendimento na humanização da Arteterapia totalmente voltada ao paciente.

Referências bibliográficas

ARES, Marcelo. Acidente vascular encefálico. *In*: TEIXEIRA, Erica. **Terapia ocupacional na reabilitação física**. São Paulo: Roca, 2003.

BUÑUEL, Luis. **Meu último suspiro**. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CASALIS, Maria Eugenia Pebe; PASSOS, Maria José Spiteri T. Sem limites para a arte. *In*: FRANCISQUETTI, Ana Alice. **Arte medicina**. São Paulo: Editora Livraria Médica Paulista, 2005.

CIORNAI, S. Arteterapia: o resgate da criatividade na vida. *In*: Carvalho, M. **A arte cura?** Recursos expressivos em psicoterapia. São Paulo: Psy II, 1995.p. 59-63.

COUCHOT, Edmond. **A natureza da arte**: o que as ciências cognitivas revelam sobre o prazer estético. editora Unesp, 2018.

FORMAZZARI LR. Preserved painting creativity in an artist Alzheimer's disease. **Eur. J. Neurol**, v. 12, p. 419-24, 2005.

FRANCISQUETTI, Ana Alice. **Arte medicina**. São Paulo: Editora Livraria Médica Paulista, 2005.

GOLDFARB, Delia Catullo. **Demência**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014. (Col. Clínica Psicanalítica).

SENA, E.L.S. **A experiência do outro nas relações de cuidado**: uma visão merleau-pontyana sobre as vivências de familiares cuidadores de pessoas com Doença de Alzheimer. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Saúde. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/88759>. Acesso em: 11 jun. 2023.

VIANA, Renata. Temas médicos nas artes: pintura, literatura e música. Disponível em: <http://medicineisart.blogspot.com>. Acesso em: 24 maio 2022.

TEIXEIRA, Erica. **Terapia ocupacional na reabilitação física**. São Paulo: Roca, 2003.

Entrevista

Conversa com Ana Alice Francisquetti

(Entrevista concedida a Iara Simonetti Racy¹)

A convite da coordenação desta revista, tive um encontro com a mestra Ana Alice Francisquetti e conversamos sobre sua trajetória, sobre arte, sobre arteterapia, sobre arte-reabilitação e sobre a importância das formações para atuarmos nas áreas. Que honra poder me nutrir sempre com seus ensinamentos e conhecê-la cada vez mais. Poder homenageá-la nesta edição traduz minha admiração por sua história e por sua pessoa.

Ana Alice é artista plástica (gravadora, ilustradora), arteterapeuta e arte-reabilitadora. É pioneira da arte-reabilitação no Brasil, iniciando o trabalho na área em 1985. Foi da primeira turma do curso de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae, em 1989, onde atua hoje como professora e orientadora. Em 1989, implantou a disciplina no setor de arte-reabilitação e enfermagem da AACD e criou a residência para arteterapeutas na mesma entidade. É especialista no atendimento com crianças, adolescentes e adultos em processo de reabilitação. Frequentou cursos de Psicologia da Arte e Neurologia e Reabilitação. Desenvolve projetos de ensino e supervisão na área da saúde. É curadora de exposições da criança e adulto com deficiência. Autora dos livros: *Arte Medicina* (Livraria Médica Paulista Editora, 2005), *Arte-reabilitação* (Memnon, 2011) e *Arte-reabilitação - Um caminho inovador na área da Arteterapia* (Wakeditora, 2016).

Ana Alice, como foi o seu encontro com a arte?

Meu pai era um grande apreciador de arte, sempre o acompanhava nas exposições, a grande herança que recebi de meu pai foi o encontro com as artes.

E qual foi a primeira linguagem artística com que você teve contato?

Foi o desenho, eu desenhava muito, gostava de expressar meus sentimentos através das linhas e das formas.

Você é artista plástica e uma incrível gravadora. Como surgiu o contato com a gravura?

Comecei com xilo, gravava em madeira e fui percebendo o gosto das intensas descobertas com os materiais. Usei os conteúdos sociais como tema de inspiração. Após essas primeiras experimentações, comecei a ter interesse pela gravura em metal. Tenho uma relação íntima com o cobre, gosto muito de trabalhar com gravuras em metal, criei

¹ Iara Simonetti Racy, psicóloga, arteterapeuta e arte-reabilitadora. Co-coordenadora do setor de atividades do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae.

uma intimidade com esse material, uma relação intensa com os ácidos, vernizes, cheiros, com a queima, tanto que o meu ateliê é totalmente voltado para essa parte mágica da gravura.

Para você, qual é a importância da arte na vida – tanto pessoal como também para a sociedade?

A arte para mim é vida, é fundamental. Tudo aquilo que a gente entende como arte... sem ela nós não conseguiríamos viver. Eu falo de uma arte como uma matéria completa: arte plástica, arte teatral, arte da literatura, do movimento, do corpo... tudo isso é arte, é linguagem expressiva, é amor e dor, é amor ao outro, é amor à humanidade e amor a si próprio também. Eu acho que tem essa coisa que vem de dentro, a arte é muito intensa e visceral. Particpei e apresentei obras no Brasil e no exterior, recebi várias premiações, incluindo o “Governador do Estado”, que faz parte da Pinacoteca do Estado, além de obras em acervos públicos, Museu de Arte Contemporânea, Museu de Arte Moderna de São Paulo, entre outros. Realizei várias exposições individuais e coletivas.

A arte tem um potencial de transformar pessoas e sociedades, não é?

Sim, muito. Sem entrar no tema reabilitação, que é a total transformação pela arte, os seres humanos sempre tiveram ligados à medicina, à religião, à magia.

Então vamos entrar na reabilitação. Como foi o seu encontro com essa área?

Iniciei meu trabalho na AACD em busca de poder ajudar as organizações não governamentais e fui convidada pelo diretor clínico dr. Ivan Ferraretto para iniciar o setor de arte-reabilitação, atendendo várias patologias e participando da equipe médica e terapêutica. Com a construção do novo hospital da AACD, inaugurei o atendimento terapêutico nas enfermarias infantil e adulto, participando com essa atividade nas novas unidades.

A convite da Selma Ciornai, iniciei como professora e supervisora do curso de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae com a disciplina “Casos graves em arteterapia” e vivências expressivas no ateliê terapêutico. Com o auxílio da Comissão de Estágio e Pesquisa, o setor de arte-reabilitação abriu a oportunidade para estagiários.

Você foi da primeira turma da Especialização em Arteterapia do Sedes. O que você sentia que precisava conhecer mais quando ingressou na arteterapia?

O plano científico da AACD em arte e reabilitação e medicina começou a exigir muitos protocolos, porque não adiantava dizer que aquela criança tinha melhorado. Melhorado onde? Por quê? Onde coincidia com a melhora das outras terapias? A arte-reabilitação começou a fazer parte do prontuário da instituição e precisei legalizar todos os meus papéis. Precisava de mais conhecimento da área da terapia, me aprofundar na terapêutica da arte.

A arte reabilitação então está inserida no curso do Sedes desde o início?

Sim. Eu encontrei a Selma e ela incentivou muito. Além da participação do corpo clínico da AACD, a diretoria e a equipe do Sedes também sempre me apoiaram. Acho que tive

a sorte de, no meu caminho, encontrar pessoas tão disponíveis. Esse convênio do Sedes com a AACD estava legalizado judicialmente, havia a participação de duas instituições muito fortes, e isso ajudou muito para o conhecimento da arte reabilitação.

A gente sabe que a arteterapia e arte habilitação são parentes, e muitas pessoas perguntam o que diferencia uma área da outra. Você poderia nos dizer?

Sim, uma vem da outra, a arte-reabilitação é a interface que se estabelece entre arte e medicina e diversos métodos terapêuticos. No campo da arteterapia, é preciso conhecimento das linguagens simbólicas, das formas e dos processos terapêuticos; a arte-reabilitação necessita desses elementos mais o conhecimento de neurologia, patologias atendidas e conhecimento do desenho quanto aos aspectos neurológico, cognitivo, perceptível e simbólico. O conhecimento que temos da área do cérebro que foi lesada nos permite adaptarmos os materiais adequados a cada patologia.

Na arte reabilitação, seguimos a abordagem filosófica de Merleau-Ponty, baseada na exploração cognitiva das relações entre a realidade e a subjetividade.

A gente tem passado por um período bastante delicado, mas que também abriu caminhos para possibilidades de atuações de forma digital, *on-line*. Na arte reabilitação, você acha possível essa atuação?

É difícil já pessoalmente, você tem que conhecer, estabelecer um relacionamento, um vínculo, você tem que observar desde o movimento ocular, às vezes a fala é muito difícil, são falas com disartria e com outras dificuldades de afasias. Na área da arteterapia, para alguns pacientes graves lidar com equipamentos eletrônicos pode ser difícil, há uma certa dificuldade em interagir.

Mas há pesquisas em universidades brasileiras, europeias e americanas buscando desenvolver e ampliar a tecnologia entre arte e a ciência. A arte eletrônica oferece oportunidades aos artistas e cientistas de desenvolverem novas interatividades entre o cérebro e o computador. Um pesquisador francês conseguiu que pessoas totalmente imobilizadas pela doença pudessem desenhar através da movimentação do olhar.

O que é preciso para ser um arte-reabilitador? É preciso ser arteterapeuta?

A arteterapia é um primeiro conhecimento que você precisa ter para depois fazer a pós e entender toda essa parte física, neurológica, de cada patologia, as características, os materiais, buscar as adaptações dos materiais com uma terapeuta ocupacional. Sem essas condições exigidas pela arteterapia, você não consegue chegar em um paciente, por exemplo, que está à beira da morte; você tem que ter uma força interna muito grande, conhecimento, sustentação para esse atendimento. Estar atenta ao material que você vai usar, até que ponto vai favorecer, ter um conhecimento de materiais é muito importante.

E qual é a importância da arte-reabilitação para você?

A arte-reabilitação é fundamental para pessoas com deficiência e seus familiares. Sejam pessoas com deficiência auditiva, intelectual, física... ela é fundamental. Nas exposições

de artes que eu organizava, com apresentação dos trabalhos ao público, era muito nesse sentido de estar ajudando não só o paciente, mas também seus familiares, e ajudando a nós, profissionais, e a sociedade. Veja, eu encontrei muito preconceito pelo caminho, em todos os lugares. Eu tive muita ajuda de toda a diretoria da AACD, da equipe médica, não fosse por isso eu não teria ultrapassado esse caminho. Foi com a ajuda da Selma, de todas as minhas companheiras do Sedes, do grupo de professoras, da equipe, das trocas que eu precisava fazer. Eu encontrei na AACD e no Sedes um apoio muito grande. Tive o apoio de todos quando eu organizava congressos, pesquisas, seminários e encontros. Esse conhecimento científico é necessário para você exercer essa profissão. Percebo, hoje em dia, muitos centros, clínicas, muitos lugares que abrem para a arteterapia, mas sem fundamentação. A teoria é fundamental para entender arte, senão fica só na intuição, e arte não é só intuição, arte é conhecimento. Precisamos dessa fundamentação para conseguir fazer uma leitura, por exemplo, da obra de uma criança. Não seguimos linha interpretativa, mas você deve saber o básico, o ponto, a linha, a forma, a cor. Não podemos banalizar a arteterapia, ela tem fundamentação, se não tiver uma fundamentação científica, não existe. Se você faz uma sessão recreativa de arte, não está fazendo arteterapia, porque não está atuando com profundidade, com conhecimento.

Sim, isso é fundamental para nossa atuação como arteterapeuta, como arte-reabilitador e como qualquer outro profissional. Precisamos saber o que estamos fazendo, é fundamental ter esse conhecimento. Ana Alice, olhando agora para essa trajetória que você ainda percorre, olhando para as suas lutas, suas conquistas, seus medos, para as trocas, sentindo as sementinhas plantadas brotando cada vez mais, como se sente?

Olha, é como se eu pudesse morrer em paz. É uma coisa assim: “nossa, que bom, estão continuando, aquela sementinha que eu plantei está dando frutos”. Isso me traz uma alegria imensa. Saber que você e a Tânia², que são mais próximas de mim, e tantas outras continuam é de uma alegria, de uma tranquilidade, é como se dissesse “meu caminho, minha missão está cumprida, estou passando o anel para vocês”. E vocês vão continuar com novas ideias, novos conhecimentos, é nisso que eu confio.

Acreditando falar por todas que atuam na área, agradeço muito essa luz e todo o conhecimento que você traz para nossa jornada.

Conseguir passar o anel é como se vocês, daqui alguns anos, estivessem passando o anel para uma novíssima geração; isso é muito importante. E agradeço muito a toda a nossa equipe do Sedes, a Selma que foi sempre uma incentivadora, sempre me apoiou, sempre esteve ao meu lado, assim como toda equipe. Todas as alunas estão presentes na minha vida. O grupo de Osasco, de Porto Alegre, no instituto da Família, com a Angélica

² Tânia Freire, arteterapeuta e arte-reabilitadora. Coordenadora pedagógica da pós graduação em Arte-reabilitação pelo Instituto Faces.

Shigihara³, também trouxe momentos muito importantes de trocas, o grupo de Arteterapeutas do CEIR de Teresina e outros centros de arte-reabilitação sempre me apoiaram, as estagiárias, as voluntárias, com as trocas e compromissos assumidos, os pacientes e os seus pais pelas lições aprendidas. Só posso agradecer a todos.

É fundamental essas trocas e parcerias, não é verdade?

É muito importante para o nosso crescimento transmitir para as mais jovens novas ideias, novas conquistas. Particpei e organizei encontros e congressos na área da arte e dor, na área médica da AACD e em arteterapia. Tive oportunidades de apresentar e trocar conhecimento com terapeutas da Europa e América do Sul e de participar em congressos com o tema arte-reabilitação. Isso me dá vida, porque tenho que me manter escrevendo, lendo, me atualizando, isso é vida. Fazer contribuições, ajudar as pessoas com deficiência a participarem do desenvolvimento da sociedade.

É uma área que precisa ser mais olhada, mais cuidada, não é mesmo?

É uma área que precisa ser mais cuidada, é preciso preparar uma nova geração para novos atendimentos. Temos várias instituições precisando desses profissionais. A primeira turma na pós em arte reabilitação, com a Tania Freire e a Vera Pina, turma de que você faz parte, é muito importante, é um marco também. E as pessoas estão buscando a formação, alunos de muitos lugares do Brasil, esse interesse é estimulador.

Finalizando nossa conversa, para essa formação de arte-reabilitador, o que você acha importante como pré-requisito para aqueles que buscam a área?

Primeiro é ter vontade de tentar ajudar a mudar o mundo, que anda tão difícil; mesmo que sua contribuição pareça pequena, juntos podemos torná-la possível. É uma missão de vida, apesar dos limites impostos pela deficiência física ou mental, a vontade e a persistência são valores que não têm limites e contribuem de forma decisiva para a reabilitação. A arte transformando o mundo.

Muito obrigada, Ana Alice! Sua história, sua paixão por tudo o que faz e suas palavras são inspiradoras!

³ Angélica Shigihara, arteterapeuta. Co-coordenadora, professora e supervisora da formação em Arteterapia do Infapa – Porto Alegre, de 2000 a 2022.

Processo em Arte Digital

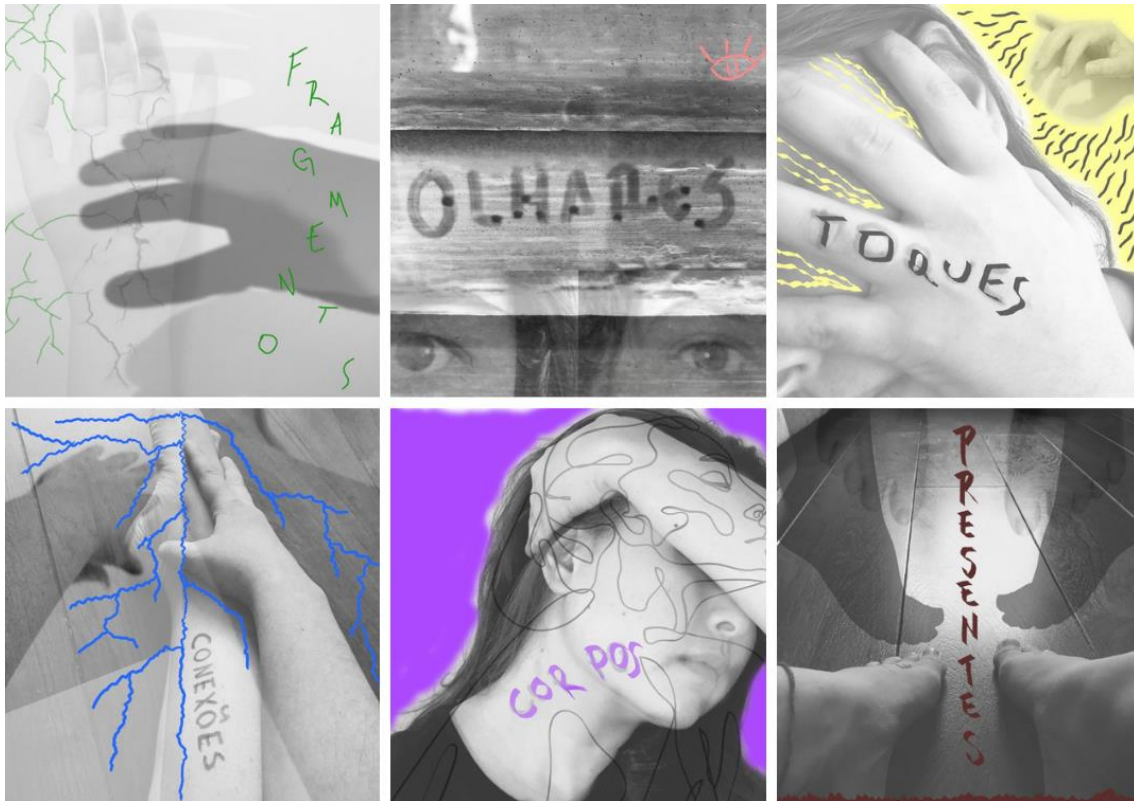
Iara Simonetti Racy (AATESP 367/1016) e
Natália Pieczarka (AATESP 500/0419)¹

A arte digital tem conquistado cada vez mais espaço nos atendimentos arteterapêuticos, sejam eles realizados de forma *online* ou presencial. É uma linguagem artística mediada por instrumentos eletrônicos, tais como computadores, celulares e *tablets*, e pode ser expressa através de desenhos, pinturas, vídeos, colagens, entre outros. Podendo ser trabalhada individual ou coletivamente, é uma potente possibilidade de expressão criativa.

Para esse trabalho que aqui apresentamos, realizamos um processo de escrita criativa, seguido de fotografia e colagem e intervenção digital (utilizando as ferramentas Canva e Sketchpad). Primeiramente, escrevemos palavras e frases que associamos à nossa vivência corporal no mundo virtual e no mundo presencial. A partir dessas palavras, construímos conjuntamente um poema. O título do poema inspirou as fotografias, que foram compostas digitalmente. Por fim, interferimos nas imagens usando linhas, cores, palavras.

¹ Psicólogas, arteterapeutas, co-coordenadoras do setor de atividades e membros do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes e fundadoras da Casa 81 – Terapia e Arte para Tódes.

Fragmentos, olhares, toques, conexões, corpos presentes



Na presença virtual
O corpo parte
O olhar atenta
Os ruídos nos distraem.

Minha pele tem fome.
Fome de pele.
Toque, calor, contato.

Em tamanha exposição
Pareço detalhes
Recortes em corpos perspectivas.

Minha pele Liberdade
Encontro, Espaço, Conexão, Explosão
Confusão

Janelas abertas ao *delay*
Ajustamento de ritmos
Mudo as janelas
Janelas mudas.

E o corpo escuta pelos poros
cheira pelos dedos
degusta o céu ao olhar

Esta *live* a *Revista* indica!

No início da pandemia, quando as leis de isolamento social se impuseram, foi necessário encontrar novos caminhos tanto para o exercício profissional quanto para as trocas de experiência e aprendizado. Como resposta a este desafio, em 2020 o Departamento de Arteterapia do Sedes teve a iniciativa de oferecer *lives* temáticas gratuitas. Ao longo de dois anos, um rico acervo de informações e reflexões a respeito da Arteterapia se constituiu e, o melhor, todos podem acessá-lo livremente.

É deste acervo a nossa dica:

Atendimento arteterapêutico *online* com crianças e adolescentes

Ligia Kogan, Teresa Ajzenberg, Regina Santos

Ligia, Teresa e Regina expuseram de forma honesta as incertezas, os sustos e as boas surpresas na condução de atendimentos de arteterapia *online* com crianças e adolescentes. Os clientes convocaram suas terapeutas e estas, para irem ao encontro, precisaram buscar contato com a própria vulnerabilidade e ampliarem seus repertórios e fronteiras.

As palestrantes compartilham do processo de autoajustamento criativo para o salto entre mundos: do físico ao tecnológico. Da ausência à presença mediada por uma tela. Do ateliê/consultório para a casa do cliente, da ausência de privacidade à inclusão da família nos atendimentos. O resgate do olhar e a escuta aguçada aos novos jeitos do todo se apresentar. Por fim, a descoberta do espaço virtual que, fundado no vínculo e cuidado de forma responsável, também pode ser base segura, espaço de acolhimento e criação. Salto criativo da sombra em direção à luz.

Além de ser registro de um momento de delicada transição, o vídeo é caixa do tesouro, fonte de reflexões e informações práticas para uma modalidade de atendimento que, ao que tudo indica, veio para ficar.

Acesso pelo *link*: <https://www.youtube.com/watch?v=Kbb30TlnNUQ>

Lista de encontros *online (lives)* do Departamento de Arteterapia do Instituto Sedes Sapientiae

Acesso em: <https://www.arteterapia.sedes.org.br/videos>

<p>1. Experiências emocionais e Arteterapia em tempos de coronavírus Selma Ciornai/ mediadora Lara Simonetti Racy</p>
<p>2. Arteterapia em situações de emergência e desastres Pamela Reyes/ mediadora Selma Ciornai</p>
<p>3. Arte e materialidade Iraci Saviani/ mediadora Ligia Kohan</p>
<p>4. Arteterapia e espiritualidade em cuidados paliativos Mariana Atwell Gonzales/ mediadora Angélica Shigihara</p>
<p>5. Contos para tempos difíceis Alessandra Giordano/ mediadora Ligia Kohan</p>
<p>6. Arteterapia e corpo Palestrante Vera Maria Rossetti Ferreti/ mediadora Lara Simonetti Racy</p>
<p>7. Biomusicalidade: a vida como obra de arte a partir da Musicoterapia Gestáltica e das Filosofias da Imanência Paulo-de-Tarso de Castro Peixoto/ mediadora Selma Ciornai</p>
<p>8. No silêncio das palavras, a vitória das formas e cores Maria Alice do Val Barcellos/mediadora Lara Simonetti Racy</p>
<p>9. Arteterapia com idosos na pandemia e o novo normal Cristiane Pomeranz, Deolinda Fabietti e Rita Cavaliere/ mediadora Vera Ferreti</p>
<p>10. O modelo polimórfico na Arteterapia: a evidência fenomenológica como base conceptual Ruy de Carvalho/ mediadora Selma Ciornai</p>
<p>11. Merleau-Ponty, arte e expressão Monica Botelho Alvim/ mediadora Selma Ciornai</p>
<p>12. Cá entre nós: aprendizagem socioemocional e pandemia Palestrantes Maria de Betânia Paes Norgren e Cristiane Tacla/ mediadora Valeria Carelli Ferrari</p>
<p>13. Arte-(RE)Habilitação Ana Alice Francisquetti/ mediadora Lara Simonetti Racy</p>
<p>14. Arte pra quê? Eu sou – Percursos de um projeto social Fabiana Geraldi e Hélio Rodrigues/mediadora Selma Ciornai</p>
<p>15. Escrita da alma como conexão profunda com as luzes e sombras da nossa criança interna Monica Guttmann/ mediadora Iraci Saviani</p>
<p>16. Arteterapia no tratamento da dependência de drogas Ana Cláudia Valladares/ mediadora Iraci Saviani</p>

17. Arteterapia e deficiência intelectual – Caminhos percorridos Iara Simonetti Racy/ mediadora Maria Alice do Val Barcellos
18. A arte do clown em processos psicoterapêuticos Montserrat Casull Sanglas/mediadora Selma Ciornai
19. Arteterapia e qualidade de vida: Intervenções possíveis nos diferentes níveis de atenção à pessoa Leila Nazareth /mediadora Natália Pieczarka
20. Transcender das sombras em direção à luz na transição da pandemia: diálogos com a natureza, inspirados com música e expressões plásticas Eloisa Fagali/ mediadora Valéria Carelli Ferrari
21. Diálogos entre Arteterapia e a poesia de Manoel de Barros Simone Castiel/ mediadora Selma Ciornai
22. Mulheres, Saúde e Arte: acolhimento em rede como caminho de cuidado mútuo Julia Fontes, Diogivania Maria e Samanta Fonseca /mediadora Lígia Kohan
23. Escrita criativa: um desvendar arteterapêutico Celso Falaschi/ mediadora Lígia Kohan
24. Marca, gesto, pegada – gravura e impressão na Arteterapia Angelica Shigihara/ mediadora Selma Ciornai
25. Mulheres na arte: expressão e re-existência, diálogos com Merleau-Ponty Monica Botelho Alvim /mediadora Selma Ciornai
26. Arteterapia junto a crianças com deficiência visual – reflexões Marcela Kitayama/ mediadora Iara Simonetti Racy
27. Integrando a Fotografia à Arteterapia – um enfoque pessoal – uma brasileira na arteterapia americana Marise Zimmermann/ mediadora Selma Ciornai

Normas de publicação

Guia para autores

1. A revista *Arteterapia: Reflexões* tem por finalidade a publicação de trabalhos de interesse na área. Os pontos de vista emitidos pelos autores serão de sua exclusiva responsabilidade. A seleção dos artigos será feita pelo Conselho Editorial da revista.
2. A revista *Arteterapia: Reflexões* aceitará para publicação artigos tais como: relatos de pesquisa ou experiências, estudos de caso, estudos clínicos ou trabalhos teóricos que visem criticar ou expandir teorias já existentes e/ou criar novos conceitos e modelos teóricos; estudos sobre arte que examinem o processo criativo focalizando suas funções terapêuticas e psicossociais.
3. Os artigos devem ser enviados em arquivo PDF para o e-mail: arteterapiareflexoes@gmail.com.
4. A digitação deve ser realizada com fonte tamanho 12, tipo Arial ou Times New Roman; espaçamento 1,5 entre linhas; margens esquerda e inferior com 3cm e margens direita e superior com 2 cm; no máximo 20 páginas (incluindo figuras e tabelas).
5. A apresentação do artigo deve conter o título e o nome do(s) autor(es). Pede-se um mini-currículo ou titulação antes do texto.
6. O resumo deve ter versões em português e em inglês e conter, no máximo, 200 palavras. Deve-se descrever as palavras-chave.
7. Imagens e ilustrações de trabalhos de arte estão limitadas a 6 unidades por artigo.
8. As citações e as referências devem seguir as normas da ABNT, detalhadas no documento *Padrão Sedes Sapientiae de normalização: Normas da ABNT para apresentação de trabalhos científicos e monografias* (INSTITUTO SEDES SAPIENTIAE, 2007), que pode ser acessado em:
https://www.sedes.org.br/Biblioteca/manual_normalizacao_simplificado_2010.pdf